

Projeto Pedagógico Curso de Licenciatura em Educação Física

RESOLUÇÃO COEPE/UEMG Nº 576, DE 18 DE SETEMBRO DE 2026

Aprova o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação
Física da Unidade Acadêmica de Ibirité

Ibirité

2026

ESTRUTURA ADMINISTRATIVA DA UEMG

REITOR

Vinícius de Abreu D'Ávila

VICE-REITORA

Vanesca Korasaki

PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO

Kelly da Silva

PRÓ-REITORA DE PLANEJAMENTO E GESTÃO DE FINANÇAS

Silvia Cunha Capanema

PRÓ-REITORA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Bruno Costa Teixeira

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO

Nágela Aparecida Brandão

DIRETORA DA UNIDADE ACADÊMICA

Camila Jardim Meira

VICE-DIRETOR (A) DA UNIDADE ACADÊMICA

Thatiane Santos Ruas

COORDENADORA DO CURSO

Isabella Caroline Belem

VICE-COORDENADORA DO CURSO

Marina Guedes Costa e Silva

COMISSÃO RESPONSÁVEL PELA CONSTRUÇÃO/REFORMULAÇÃO DO PPC DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE 2026.

Sheylazarth Ribeiro

Carla Augusta Nogueira Lima e Santos

Cássia Danielle Monteiro Dias Lima

Ingrid Ludimila Bastos Lôbo

João Roberto Ventura de Oliveira

Gabriela Baranowski Pinto

Isabella Caroline Belem

Juliana Bohnen Guimarães

Marina Guedes Costa e Silva

Mellina Souza Batista

Bruno Costa Teixeira

Núcleo Docente Estruturante do curso de Educação Física - NDE

Presidenta: Sheylazarth Presciliana Ribeiro

Membro titular: Isabella Caroline Belem

Membro titular: Suziane Chaves

Membro titular: Marina Guedes

Membro titular: Mellina Souza Batista

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DA UNIVERSIDADE

Instituição de Ensino Superior: Universidade do Estado de Minas Gerais

Natureza jurídica: Autarquia Estadual

Endereço da sede e Reitoria: Av. Presidente Antônio Carlos, 7545 – São Luiz, Belo Horizonte – MG, 31275-083 -CNPJ: 65.172.579/0001-15- Site da Universidade: <https://www.uemg.br/>

CNPJ: 65.172.579/0001-15

Ato de criação: Art.81 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Mineira de 1989.

Ato regulatório de credenciamento: Lei Estadual 11539 de 23 de julho de 1994.

Ato regulatório de credenciamento: Resolução SEE nº 5.010 de 10/05/2024, publicado em 11/05/2024.

Ato regulatório de credenciamento para oferta de cursos a distância: Portaria nº 1402 de 06/11/2017, publicado em 07/11/2017.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO CURSO

Instituição de Ensino Superior: Universidade do Estado de Minas Gerais

Unidade Acadêmica: Ibirité

Esfera administrativa: Estadual

Curso: Educação Física

Modalidade do curso: Licenciatura

Turnos de funcionamento: Diurno e Noturno

Tempo de integralização do curso:

- Mínimo: 08 semestres
- Máximo: 12 semestres

Número de vagas autorizadas: 120 vagas (40 vagas para o turno diurno no 1º semestre, 40 vagas para o turno noturno no 1º semestre e 40 vagas para o turno noturno no 2º semestre).

Carga horária total do curso: 3465 horas-relógio

Formas de ingresso: Vestibular Próprio, Sistema de seleção unificado – SISU, Reopção, Transferência e Obtenção de novo título.

Semestre letivo: Composto por 18 (dezoito) semanas com até 6 (seis) dias letivos por semana.

Início de funcionamento: Fevereiro de 2003

Ato legal de autorização do curso: Decreto Estadual Nº 41.733 de 25 de junho de 2001

Ato legal de renovação de reconhecimento: Resolução SEE 4.932 de 21/11/2023, publicado em 22/11/2023. Município de implantação: Ibirité

Endereço de funcionamento do curso: Av. São Paulo, 3996, Vila Rosário, Ibirité, Minas Gerais.

Sumário

1 Apresentação	8
1.1 Contextualização	9
1.2 Justificativa do curso	15
2 Organização didático-pedagógica.....	18
2.2 Concepção do curso	19
2.3 Objetivos do curso	21
2.5 Conhecimentos específicos da Educação Física	22
2.6 Perfil da egressa e do egresso	23
3 Organização curricular	26
3.1 Eixos da Organização Curricular.....	27
3.2 Eixos curriculares	27
4 Disciplinas Curriculares.....	31
4.1 Estudos Integradores	33
4.2 Estágio Curricular Supervisionado (ECS)	34
4.3 Atividades Integradoras	41
4.4 Trabalho de Conclusão de Curso	44
4.5 Extensão como Componente Curricular	45
5 Estrutura Curricular	48
6 Ementas das Disciplinas Obrigatórias	56
7 Ementas das Disciplinas Optativas	98
8 Metodologia de ensino	135
8.1 Avaliação de desempenho discente	136
8.2 Atendimento ao estudante.....	138
9 Núcleo docente estruturante	140
10 Colegiado de curso	141
11 Infraestrutura	142
12 Corpo docente.....	154
13 Programas de apoio discente	158
13.1 Programa Estadual de Assistência Estudantil (PEAES)	159
14 Núcleo de Apoio ao Estudante (NAE)	159
15 Programa de Apoio à Extensão (PAEx)	159
16 Política de Internacionalização e AICI.....	160
17 Programa Inclua	160

18 Programas de apoio docente	161
19 Programa de apoio a participação de docentes em eventos – PAPEV	162
20 REFERÊNCIAS.....	162
21 Anexos	167
Anexo A - Aproveitamento de estudos	167
Anexo b – regulamento dos estudos integradores (EI)	170
Anexo c - documentos relacionados às atividades integradoras	175
Anexo d - regulamento do estágio curricular supervisionado (ecs)	180
Anexo e – regulamento dos trabalhos de conclusão de curso.....	185
Anexo f - regulamento das atividades de extensão	192

1 Apresentação

A Educação Física constitui um campo de conhecimento de natureza interdisciplinar, cuja produção científica e prática profissional se desenvolvem em distintos contextos sociais, culturais, educacionais, esportivos e de saúde. Essa diversidade de espaços de atuação não fragmenta sua identidade; ao contrário, evidencia a centralidade do movimento humano como objeto primário de estudo.

O grupo de professores e professoras da Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Ibirité construíram, coletivamente, os Projetos Pedagógicos de Curso (PPC) da licenciatura e bacharelado pensando em uma formação ampliada e complementar. O documento foi arquitetado em sintonia com o PPC 2021, as últimas diretrizes para os cursos de formação em Educação Física e para os cursos de formação de professores e com o movimento de atendimento a um conjunto de demandas crescentes, acerca da presença do professor de Educação Física em diferentes espaços e ambientes educativos na cidade de Ibirité, bem como em toda a região metropolitana de Belo Horizonte.

Este texto pretende apresentar o percurso de construção deste projeto frente à necessidade de adequação à Resolução CNE/CES nº6 de 2018 que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Educação Física (DCNEF) e à Resolução CNE/CP nº 4 de 2024 que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica, além das legislações que organizam os estágios.

Para a construção deste PPC, foram tomados os seguintes encaminhamentos:

Estudo das legislações que reorganizam a formação no campo da licenciatura.

Proposição de reuniões docente que aprofundasse a discussão e consolidasse a decisão de divisão de formação antes pautada no PPC 2021 como formação ampliada e que, no atual documento se encontra em bacharelado e licenciatura;

Estudos das possibilidades de aplicação da divisão do curso em licenciatura e bacharelado, cuja consulta às/aos estudantes se fez como convite para participação das reuniões de estudo das legislações da CNE 04/2024.

Elaboração da proposta. Inicialmente, tomamos como referência o PPC do Curso de Educação Física da formação ampliada (2021) que reorganiza dois cursos e dois documentos: PPC de Educação Física – Licenciatura e o PPC de Educação Física – Bacharelado.

As ações aqui descritas foram discutidas no âmbito do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso ampliado e foram fundamentais para alcançarmos aproximações entre os/as docentes. No intuito de ampliar a decisão e considerando a perspectiva democrática do curso, as propostas também foram discutidas em reuniões ampliadas com o corpo docente e discente.

A partir dessas discussões e consultas, ficou decidido que o NDE seguiria uma proposta de dois cursos de Educação Física, que contemplam a formação específica de licenciatura e bacharelado, com entradas e Projeto Pedagógico específicos contendo etapa comum básica a ambos, conforme legislação CNE 6/2018; etapa específica para cada curso. Vale ressaltar que o Artigo 30º das DCNEF destaca a autonomia da instituição e a possibilidade de adequação do Projeto Pedagógico de Curso às concepções do coletivo, como destacado no § 3º: “A integração entre as áreas específicas dependerá de procedimento próprio e da organização curricular instrucional de cada IES, sendo vedada a eliminação de tema ou conteúdos relativos a cada uma das áreas específicas indicadas”.

Sabemos que o tamanho do nosso olhar define o tamanho da nossa atuação, e com essa perspectiva construímos nossa proposta de formação específica em Educação Física, mas que possa dialogar entre as duas formações. A partir dela pretendemos dar subsídios para uma atuação profissional, que considere o diagnóstico da realidade e a escuta aos sujeitos envolvidos. Afinal, entendemos que a atuação profissional em Educação Física deve contemplar as dimensões sociais, biológicas, históricas, psicológicas e culturais, na educação básica e/ou na realização de funções como: coordenar projetos e equipes; prescrever treinamentos e elaborar programas; implementar e avaliar projetos que visam contribuir com a formação cultural e social, bem como com a promoção da saúde dos sujeitos. Para isso construímos uma conexão entre os cursos de Educação Física bacharelado e licenciatura que prevê o sistema de reingresso como possibilidade de uma formação ampliada garantindo o reaproveitamento de créditos das seguintes disciplinas descritas no Anexo A.

1.1 Contextualização

Narrar a história da UEMG-Unidade Ibirité requer conhecer mais detidamente o processo de constituição da Fundação Helena Antipoff. Para tanto, faz-se necessário apurar o olhar para as ações encabeçadas pela educadora e psicóloga Helena Antipoff¹ (1892-1974)

¹ Helena Antipoff nasceu em 1892 em Grodno, na Rússia. No ano de 1908 muda-se na companhia de sua mãe para Paris, onde frequentou seminários em renomadas instituições de ensino. Sua formação em Genebra ocorreu entre 1912 e 1916, obtendo os diplomas de psicóloga e especialista em Psicologia da Educação pelo *Institut des Sciences de l'Education Jean-Jacques Rousseau*. Nesta Instituição, foi

que veio para o Brasil em 1929. Atendendo a um convite do governo do Estado de Minas Gerais, Antipoff tinha como principal atribuição colaborar na implementação da Reforma Francisco Campos, que visava remodelar o sistema de ensino brasileiro (CAMPOS, 2003). Naquele período, final da década de 1920, atribuíam-se grande ênfase às contribuições da psicologia para a melhoria da educação nacional, logo Antipoff, com sua formação e atuação profissional no Instituto Jean-Jacques Rousseau em Genebra, era uma especialista no assunto. Deste modo, foi requerida como importante também para a implementação do Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento. Esta era uma Instituição recém-inaugurada em Belo Horizonte, na qual Antipoff teria por função desenvolver pesquisas sobre a psicologia da educação e, desse modo, fomentar ações mais diretivas em prol da implementação da Reforma Francisco Campos em Minas Gerais. Nessa Escola de Aperfeiçoamento, Antipoff foi também professora da cadeira de Psicologia (KULESZA, 2019).

Com o objetivo de tornar mais estreita a relação entre as pesquisas que desenvolvia nesse o Laboratório e o atendimento às crianças que eram excluídas do sistema de ensino, Antipoff liderou a criação da Sociedade Pestalozzi na capital mineira, no início dos anos de 1930, contando com o auxílio de médicos, religiosos e educadores (CAMPOS, 2003). Na década de 1940, a Sociedade Pestalozzi se estabelece no distrito de Ibirité – ainda uma Vila, pertencente ao município de Betim – instalando-se em um terreno que recebeu a alcunha de Fazenda do Rosário. Tinha como principal função “educar e reeducar crianças excepcionais ou abandonadas utilizando os métodos da Escola Ativa” (CAMPOS, 2003, p. 222). Inicia-se uma longa trajetória de Antipoff nessa região rural, em que muitas ações foram realizadas visando a formação de professoras/professores e o atendimento a crianças marginalizadas.

Já no início dos anos de 1950, amplia-se as ações educativas com a criação de diversas instituições, que compuseram o Complexo Educacional do Rosário. Dentre elas, temos o Ginásio Normal Oficial Rural, Instituição que ofertava cursos de aperfeiçoamento e treinamento para professoras/professores que atuavam em cidades do interior do Estado, especialmente em zonas rurais. Por meio das diferentes instituições criadas, recebia recursos financeiros do Governo do Estado para a manutenção de cursos, oficinas e eventos sociais que valorizavam a cultura local. Vale destacar que houve também apoio do Governo Federal por meio da Campanha Nacional de Educação Rural (PINCER, 2008; PINHO, 2009).

orientada por Edouard Claparède. Posteriormente entre 1925 e 1928 Antipoff trabalhou como assistente de pesquisa e professora neste Instituto. No Brasil, além do cargo na Escola de Aperfeiçoamento, da criação e da atuação na Sociedade Pestalozzi, foi professora da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da Universidade de Minas Gerais. A educadora e psicóloga faleceu em 09 de agosto de 1974, sendo sepultada no Cemitério do Canal, localizado ao lado da Fundação Helena Antipoff. Para mais detalhes ver estudos de Campos (2003); Pincer (2008); Pinho (2009).

O Curso Normal Regional Rural foi deliberado pela Lei nº291, de novembro de 1948, com a objetivo de realizar o “treinamento intensivo de professores destinados a localidades rurais”². Iniciado no ano seguinte, em 1949, o Curso era dirigido por Helena Antipoff, que contava com o apoio do governador Milton Campos, do secretário da educação Abgar Renault e do presidente da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais, o educador Sandoval Soares de Azevedo. Provisoriamente, o curso foi instalado nas dependências da Fazenda do Rosário, logo se iniciariam as obras para a construção da sede própria (SILVA, 2017). Em 1951, por meio da Lei nº 842, determinou-se que o Curso se destinasse a formar regentes para escolas primárias das zonas rurais. Ainda, foi estabelecido que tal formação aconteceria no regime de internato e semi-internato. O Curso recebeu em 1963 a designação de Ginásio Normal Rural Sandoval Soares de Azevedo.

Este Ginásio é considerado por Jinzenji, Luz e Campos (2017) como a primeira escola normal do estado mineiro direcionada a formação de professoras/professores para atuar no meio rural. A formação do professorado era orientada no sentido de ampliar o repertório cultural e científico, diminuindo os deslocamentos para os centros urbanos, incentivando que, após a formação, o docente permanecesse atuando em sua cidade de origem. Para tanto, Antipoff postulava uma educação integral, que aliava conhecimentos gerais e práticas científicas com a possibilidade criativa e a dimensão socioafetiva dos cursistas. Neste Curso, foi estabelecido um conjunto de normas e definidos horários para todas as atividades, visando o estabelecimento de uma rotina diária para os cursistas do Ginásio (ZIOTO, 2015; SOARES; RIBEIRO, 2017; RUFINO, 2017).

Outra Instituição responsável pelo adensamento dos investimentos na formação e qualificação do professorado foi criada em 1955. O Instituto Superior de Educação Rural (ISER), que se dedicava a formação de especialistas em ensino primário, também fazia parte do “Complexo do Rosário” e foi considerado “um órgão de ensino de nível superior, destino à pesquisa, orientação e especialização em assunto de Educação Rural” e integrado ao Centro Regional de Pesquisas Educacionais (CRPE). A partir do ano de 1956, os cursos de aperfeiçoamento, outrora ofertados pelo Ginásio Normal, foram transferidos para o ISER (PINHO, 2009).

Por meio do ISER eram ofertados: Curso Ginásial para adultos, Curso Pedagógico da Escola Unitária (vinculado a UNESCO), Curso de Educação Emendativa, Curso de Economia Doméstica e Puericultura; instalações para tratamento de saúde, granjinhas

² Trecho do artigo 4º, da Lei nº291, de 1948. Disponível em <https://leisestaduais.com.br/mg/leiordinaria-n-291-1948-minas-gerais-cria-dois-estabelecimentos-de-ensino-normal>. Acessado no dia 10 de agosto de 2021.

escolares e clubes agrícolas; e realizados “seminários, jornadas, mutirões, estágios, cursos para supervisores, inspetores e orientadores de ensino, cursos de treinamento e aperfeiçoamento para professores”, as Festas do Milho e da Colheita (PINCER, 2008, p. 48-49). Um conjunto de princípios a serem desenvolvidos nos cursos e ações ofertadas no ISER foram propostos, que iam desde pesquisar as condições naturais e culturais da comunidade rural até “proporcionar o desenvolvimento físico, moral, cultural e material” desta comunidade, “oferecendo oportunidade a seus membros no sentido de levantar o padrão de vida dos mesmos”³.

Com as alterações nos dispositivos que legislavam e orientavam o sistema de ensino brasileiro, principalmente as Escolas Normais, o ISER também sofreu algumas modificações⁴. No ano de 1970, foi reconhecido como Fundação Estadual de Educação Rural “Helena Antipoff” (FEER), pertencente ao Sistema Educacional de Ensino. Esta Fundação prestava assessorias ao Conselho Estadual de Educação (PINCER, 2008) e tinha entre seus objetivos e atribuições: “b) formar, aperfeiçoar, especializar professores, administradores, orientadores e supervisores para as escolas primárias rurais, preservando sua integração ao meio [...] e) fundamentar a ação pedagógica nas peculiaridades das diversas regiões do Estado”⁵. O nome Fundação Helena Antipoff (FHA) passou a vigorar no ano de 1978, por meio da Lei nº 7.303, que também dispõe sobre a integração da Escola Estadual Sandoval Soares de Azevedo à FHA.

Entre as décadas de 1970 a 2000, esta Instituição continuou formando professoras/professores para atuar no magistério (nas primeiras quatro séries do ensino fundamental) e em diferentes frentes do trabalho pedagógico, bem como a desenvolver pesquisas e propostas que visassem o aprimoramento do processo educacional. Iniciativas que foram ganhando relevo e demandas para a criação de uma instituição que pudesse adequar, ampliar e tornar contínua a formação ofertada. Nessa direção, por meio do Decreto nº41.733 de 25 de junho de 2001, nas dependências da FHA, o Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira (ISEAT) teve seu funcionamento autorizado, passando a ofertar o Curso

³ Fonte: Caderno Pessoal Antipoff (p. 6-8). Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA/FHA), Ibirité (MG).

⁴ Vale destacar que os cursos do ISER deveriam ser organizados respeitando a Lei Orgânica do Ensino Normal (nº8.530, de 02 de janeiro de 1946). Tal Lei disponha sobre a formação de regentes para o ensino primário e para a educação infantil.

⁵ Trechos do Artigo 4º, da Lei nº 5446, de 25 de maio de 1970. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/mg/lei-ordinaria-n-5446-1970-minas-gerais-autoriza-o-poder-executivo-ainstituir-a-fundacao-estadual-de-educacao-rural-helena-antipoff-feer-com-sede-no-municipio-de-ibirite>. Acesso no dia 11 de agosto de 2021.

Normal Superior, voltado para a habilitação de professoras/professores para a Educação Infantil e as séries iniciais do ensino fundamental. No intervalo de seis anos, mais quatro licenciaturas foram inseridas, a saber: Educação Física (fevereiro de 2003), Matemática (dezembro de 2003), Ciências Biológicas (março de 2005) e Letras (abril de 2007). Tais cursos foram mantidos até meados de 2009 por meio do Centro de Pesquisas e Projetos Pedagógicos (CPPP), uma instituição particular conveniada à FHA.

A elaboração de um curso de licenciatura em Educação Física teve início ainda no ano de 2001. Em um primeiro momento, docentes que atuavam na Escola Estadual Sandoval Soares de Azevedo foram convidados a desenvolver uma proposta. Já com o projeto aprovado, as primeiras turmas foram, então, recebidas no início do ano de 2003, sendo o Curso ofertado em dois turnos, matutino e noturno. De certo modo, dando continuidade ao propósito que mobilizava Helena Antipoff e outros sujeitos⁶, o ISEAT constitui-se como um polo de licenciaturas, recebendo alunos e alunas de diferentes cidades, sobretudo originários de Ibirité e das cidades próximas.

Todavia, no início de 2009, o CPPP começa a não efetivar o pagamento das professoras/professores que compunham o ISEAT. Com o agravamento da situação, houve mobilização intensa que, por meio do movimento grevista, solicitou intervenção do Ministério Público. Por sua vez, o Estado de Minas Gerais propôs um acordo. Para concretização de tal acordo foi elaborado um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), no qual era necessária a assinatura de todas/todos trabalhadoras/trabalhadores, junto ao MP. Após a assinatura desse Termo, o CPPP foi extinto e todas as/os docentes vinculados ao ISEAT demitidos. Destarte, para o segundo semestre de 2009, um “novo curso” de Educação Física precisou ser forjado⁷. Mais tarde, no final do ano de 2013, fruto de uma construção coletiva, com a participação de inúmeros atores, houve a transformação ISEAT em Unidade Acadêmica da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Tal alteração, se deu por meio do Decreto nº46361, de 30 de novembro de 2013, e visava contribuir para a consolidação de uma Instituição que, no decorrer de toda sua trajetória, se constituiu como referência na formação de professores/professoras para a educação básica.

Em 2014, UEMG aderiu ao Sistema de Seleção Unificado do Governo Federal (SISU) com 50% das vagas ofertadas no processo seletivo anual para os seus cinco cursos de

⁶ Destaca-se a participação da professora Aída Linhares Barboza na condução deste processo.

⁷ A trajetória do ISEAT e, mais especificamente, do Curso de Educação Física, entre 2001 e 2013 foi construída por meio da escuta e partilha das experiências do professor Agnaldo Antônio da Silva, que trabalhou na Instituição de 2003 a 2013 e hoje integra o corpo docente efetivo da UEMG/Unidade-Ibirité.

graduação. Já em 2016, o Projeto Pedagógico do Curso de Educação Física (PPC) foi reelaborado, visando responder a novos dispositivos legais e a aperfeiçoar a formação docente.

Em 2021, uma nova reforma curricular se concretizou, oportunizando uma integração entre as áreas de atuação da trabalhadora/do trabalhador de Educação Física. O principal desafio foi, e tem sido, construir um curso que ofereça uma formação de qualidade e, sobretudo, com a responsabilidade política e social de uma Universidade Pública em consonância com todas as exigências legais que são postas. A consolidação da UEMG – Unidade Ibirité como espaço de formação de professoras e professores ocorre em um contexto de intensas transformações na Educação Física brasileira. As Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Educação Física e as mudanças normativas que regulamentaram a formação profissional evidenciaram a necessidade de repensar os processos formativos frente à ampliação dos campos de atuação da área. Se, historicamente, a formação esteve fortemente vinculada à escola e ao magistério, as transformações sociais, culturais e econômicas das últimas décadas ampliaram a presença da Educação Física em diferentes políticas públicas e espaços de intervenção profissional relacionados à saúde, ao esporte, ao lazer, à gestão, à promoção da qualidade de vida e às práticas corporais em distintos contextos sociais. É nesse cenário que se inseriu a proposta de criação do curso em Área Básica de Ingresso (ABI) em Educação Física. A ABI buscou superar fragmentações precoces do percurso formativo, garantindo aos estudantes uma sólida formação comum fundamentada na cultura corporal de movimento, nas ciências humanas e sociais, nas ciências biológicas e da saúde e nos conhecimentos pedagógicos que constituem a área. Ao mesmo tempo, possibilitou a construção de itinerários que contemplassem tanto a licenciatura quanto o bacharelado, reconhecendo a legitimidade e a relevância social dos campos de atuação profissional. A prerrogativa do bacharelado, nessa perspectiva, não se reduz à preparação para nichos específicos do mercado de trabalho, mas reafirma o compromisso da Universidade com a formação de profissionais capazes de intervir criticamente em políticas públicas, programas de saúde, projetos sociais, espaços de esporte e lazer, academias, clínicas, instituições do terceiro setor e demais contextos, nos quais as práticas corporais se apresentam como direito social e possibilidade de transformação da realidade.

Entretanto, a promulgação da RESOLUÇÃO CNE/CP nº 4, de 29 de maio de 2024, que dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior dos profissionais do magistério da Educação Básica, impôs novos desafios para a organização dos cursos de graduação em Educação Física. Ao reafirmar a especificidade da formação docente e estabelecer referenciais próprios para as licenciaturas, a Resolução demanda a reorganização curricular dos cursos estruturados na modalidade ABI, tornando

necessária a separação administrativa e pedagógica entre os percursos formativos da licenciatura e do bacharelado. Tal exigência, impõe um retrocesso histórico para a área da Educação Física, o qual decorre do reconhecimento de identidades profissionais distintas e consequentemente o entendimento de processos formativos dissociativos.

Diante desse novo marco regulatório, a UEMG – Unidade Ibirité opta pela elaboração de um Projeto Pedagógico específico para o curso de Licenciatura em Educação Física, preservando, contudo, os princípios formativos que fundamentaram a experiência da ABI. Mantém-se a compreensão de que a formação profissional deve estar comprometida com a leitura crítica da realidade social, com a valorização da cultura corporal de movimento e com a atuação ética e democrática nos diferentes contextos de intervenção. Assim, embora a organização curricular passe a responder às exigências legais de separação entre as modalidades formativas, permanecem como referenciais a formação ampliada, a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, a articulação entre teoria e prática e o reconhecimento da diversidade dos sujeitos e dos espaços de atuação profissional. Nessa perspectiva, tanto licenciatura quanto bacharelado são concebidos como um processo formativo que ultrapassa visões tecnicistas e mercadológicas da profissão, compreendendo a intervenção em Educação Física como prática social, cultural e política. Trata-se, portanto, de preservar os avanços construídos ao longo da experiência da ABI, adequando-os às novas exigências normativas sem abdicar do compromisso histórico da Unidade Ibirité com uma formação pública, crítica, socialmente referenciada e comprometida com a transformação da realidade.

1.2 Justificativa do curso

A Universidade Pública apresenta-se como um importante patrimônio social, sendo caracterizada pela universalidade na produção de conhecimento e pela transmissão da experiência cultural e científica da sociedade. A condição básica para o desenvolvimento desta representatividade é sua capacidade de assegurar uma produção de conhecimento inovador e crítico, que respeite a diversidade e o pluralismo, contribuindo para a transformação da sociedade.

Um curso de Educação Física, nesta perspectiva, além de fortalecer as práticas docentes na escola, também pode oferecer oportunidades para a formação direcionada para outros espaços sociais. Desta maneira, segundo Bracht (1997), o movimentar-se pode ser entendido como uma forma de comunicação com o mundo que é constituinte e construtor de cultura. O que qualifica o movimento enquanto humano é o sentido e o significado do mover-

se, mediado simbolicamente colocando-o no plano da cultura. Sendo assim, nesse constante exercício de pensar e repensar práticas corporais em espaços educativos, forma-se o campo da Educação Física.

Todavia, esta atuação precisa ser problematizada constantemente por meio de projetos de pesquisa e de extensão. Um curso de Educação Física, oferecido por uma Universidade Pública, na região metropolitana de Belo Horizonte, possui fundamental relevância para que o conhecimento da área seja constantemente revisitado e problematizado, e para que se qualifiquem, na perspectiva da formação, docentes para atuarem nos diversos campos da Educação Física.

Um/uma professor/ professora bem formado/formada e consciente de sua função social pode alavancar mudanças significativas na comunidade onde atua e por isso o processo formativo deve priorizar a excelência no ensino, pesquisa, extensão e o constante diálogo com os campos de atuação. Tendo em vista que a diplomação é uma forma de ingresso no mercado de trabalho e, para alguns, uma alteração no status social, temos a responsabilidade de formar professores/professoras capazes de atuar com grupos distintos e minorias sociais, capazes de solidarizar com o outro e de se posicionar contrário a qualquer forma de preconceito e discriminação. Para tanto, é necessário que, ao longo do curso, os/as alunos/alunas tenham ciência da realidade que os espera nas diversas possibilidades de atuação profissional.

É crescente a procura pela formação na modalidade licenciatura em Educação Física pela UEMG/Unidade Ibirité. Esse fator aumenta a responsabilidade dessa instituição e, também legitima o trabalho realizado pelos docentes e demais servidores da UEMG/Unidade Ibirité. Frente a isso, referendamos a relevância de fortalecer os vínculos entre os diferentes espaços de formação, compreendo que a prática docente se faz em um lugar específico, na escola. Tempo/espaço de constituição, problematização e fortalecimento da cultura profissional. Nesse sentido, nosso compromisso é de oferecer uma formação qualificada para a efetiva atuação na Educação Básica.

A partir de 2019, mesmo com esse curso de licenciatura fortalecido surge à necessidade de adequação curricular frente à Resolução CNE/CES nº 6/2018, que institui as novas Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Educação Física (DCNEF). O curso era oferecido em dois turnos, somando o total de 80 vagas de licenciatura a cada semestre. A implementação do curso ampliado (ABI) naquele momento poderia implicar em uma inevitável perda no número de vagas oferecidas à licenciatura. Em consenso, o grupo de professores/as de 2019/2021 refletiu sobre a necessidade de defesa e fortalecimento da licenciatura, especialmente no cenário atual da Educação brasileira, em que

as políticas educacionais se alinham cada vez mais à lógica neoliberal. O crescente sucateamento das escolas e Universidades Públicas, os sistemáticos ataques à figura do/a professor/a e o avanço do interesse de corporações privadas em setores da educação, são indícios do processo de mercantilização do ensino que estava e ainda está em curso no país.

Este cenário evidencia a importância das universidades públicas e seus cursos de licenciatura para um projeto de formação de professores/as comprometidos/as com os desafios de transformação da escola e da sociedade. Deste modo, abdicar da implementação do curso de bacharelado de forma isolada em favor da manutenção das vagas para a licenciatura nos parecia coerente. Contudo, fomos desafiados/as a repensar esta posição, na medida em que oferecer o bacharelado contemplaria as demandas advindas dos/as estudantes, dos/as egressos/as, de uma parte do corpo docente e da própria instituição.

Tendo em vista que a formação oferecida era unicamente em licenciatura, foi preciso refletir cuidadosamente sobre a implementação do bacharelado. É neste contexto que a formação ampliada surge como uma possibilidade de garantir a formação de bacharéis comprometidos com a docência e suas implicações sociais e políticas.

Atualmente, devido às fortes intervenções do governo federal nos investimentos da formação de professores, o coletivo do curso de Educação Física 2025/2026 reflete sobre a divisão estruturante em dois cursos e percorre, ainda com inseguranças, o caminho do fortalecimento de licenciatura e suas especificidades e do bacharelado e suas especificidades. Contudo, ainda partimos do entendimento de que a Educação Física se apresenta como área de conhecimento e de intervenção profissional responsável por inserir os sujeitos no universo da cultura corporal de movimento, de maneira que nele possam agir de forma autônoma e crítica (BRACHT, 2001). Na mesma direção, compreendemos que a Educação Física se caracteriza pela intervenção docente, mediada pedagogicamente em diferentes espaços de práticas corporais. Assim, ainda que os/as estudantes possam optar por desfechos diferentes em sua trajetória acadêmica, estes encontram em sua formação espaços/tempos de compreender o ser humano como um todo, e então pensar nos seus diferentes campos de atuação como projeto de formação cultural dos sujeitos (VAGO, 2009). Independente da esfera de atuação dos nossos/as alunos/as egressos/as, esperamos promover uma formação comprometida com a defesa das vidas, das pessoas, garantindo, assim, o direito à saúde, à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer.

Por fim, destacamos a consonância com o Art. 6º da formação inicial de profissionais do magistério da educação escolar básica que indica que o egresso deve ter seu currículo pautado:

I - pela concepção de educação como processo emancipatório e permanente;

II - pelo reconhecimento da especificidade do trabalho docente, organizado a partir da práxis como expressão da articulação entre teoria e prática; e

III - pela necessidade de assegurar a socialização profissional inicial dos licenciandos, considerando às múltiplas realidades e contextos sociais em que estão inseridas as instituições de Educação Básica, suas diversificadas formas de organização e as características, necessidades e singularidades dos estudantes. (CNE 04/2024)

2 Organização didático-pedagógica

Este tópico apresenta a organização didática pedagógica do curso articulada às diretrizes curriculares e demais legislações pertinentes, buscando atender o perfil do/da egresso/egressa que se pretende formar e os objetivos e concepção do curso.

2.1 Formas de Ingresso

O Curso de Licenciatura em Educação Física da Unidade Ibirité oferta 120 (cento e vinte) vagas em três entradas anuais nos turnos matutino e noturno (1º semestre 40 vagas manhã e 40 vagas noite; 2º semestre 40 vagas noite), tendo como forma de ingresso o vestibular e o SISU. Havendo vagas remanescentes, o acesso dos discentes também poderá ocorrer mediante aprovação em processo seletivo, pelas seguintes modalidades: reopção, transferência e obtenção de novo título. Vale destacar que embora o curso seja matutino e noturno, existem disciplinas que em função de suas especificidades podem ser ofertadas no turno da tarde (exemplos: estágios e disciplinas optativas).

A definição do número de vagas é de competência do Conselho Universitário da UEMG, conforme previsto no Estatuto da Universidade do Estado de Minas Gerais, instituído pelo Decreto nº 46.352, de 25 de novembro de 2013.

No caso de cursos novos, aplica-se a Resolução CONUN/UEMG nº 280/2013, que estabelece que o curso deve iniciar suas atividades com, no máximo, 40 vagas e em um único turno, a ser definido pela Unidade responsável pela oferta.

Após a implementação do curso, o número de vagas passa a ser reavaliado anualmente. Esse processo é conduzido pelo CONUN, com o apoio da Pró-Reitoria de Graduação, por meio de comissão específica instituída para essa finalidade.

A análise considera critérios quantitativos, como a taxa histórica de ocupação e o preenchimento das vagas nos processos seletivos, e critérios qualitativos, como os resultados obtidos nas avaliações do Conselho Estadual de Educação e no ENADE.

Com base nesses estudos, o Conselho Universitário delibera sobre a oferta de cursos e o quantitativo de vagas a serem disponibilizadas nos processos seletivos do ano subsequente.

O sistema de matrícula está organizado pelo Regimento Geral da UEMG, tanto no que se refere à matrícula dos ingressantes, quando é exigido a entrega da documentação do discente, quanto à dos(as) estudantes veteranos(as), em conformidade com as orientações contidas nos editais e no Regimento Geral, observando-se o calendário acadêmico vigente. Somente discentes regularmente matriculados poderão participar das aulas e demais atividades acadêmicas previstas no PPC dos cursos.

2.2 Concepção do curso

Uma sociedade de contradições está colocada. Convive-se com avanços tecnológicos e científicos concomitante a situações de misérias representadas pela falta de acesso a direitos básicos em níveis globais. O Brasil, atualmente, vive por um lado uma série de organizações civis solicitando direitos negados historicamente (mulheres, negros, LGBTQIA+, pessoas vivendo com HIV, pessoas com deficiência, índios, ciganos, quilombolas, velhos, crianças, comunidades atingidas pela mineração, entre outras em situação de risco); e, por outro, grupos organizados politicamente que tentam encontrar formas de diminuir o acesso aos direitos adquiridos.

Essas contradições permanecem, os discursos da valorização da/do professora/professor coexistem com ações políticas que tem como finalidade a precarização do trabalho docente na escola e nos campos não escolares ligados a Educação Física. Soma-se a dificuldade de escuta dos diferentes saberes constituídos na sociedade. Segundo Contreras (2012), a precarização das condições de trabalho docente se relaciona à perda daquelas qualidades que faziam deles profissionais e, ainda, a deterioração de trabalho nos quais esses sujeitos depositavam suas esperanças de alcançar o status de profissional. A perda de esperança na docência é uma sombra na formação que também é contraditória.

Em uma pesquisa interna sobre a formação de professores/professoras, realizada pelos/pelas docentes da Comissão de 20158 percebeu que 73% dos/das egressos/egressas

⁸ Comissão de Coordenação da Revisão e Acompanhamento Curricular do curso de Educação Física do ano de 2015.

respondentes do curso de Educação Física da Unidade Ibirité atuam na área da Educação Física. Em um curso cujo perfil de ingresso é de estudante trabalhador/trabalhadora⁹, a formação em Educação Física pode ser entendida como uma nova forma de inserção no mundo do trabalho.

Dos/das egressos/egressas 33% afirmam estar atuando na área da Educação Física escolar, 26% com políticas públicas de esporte e lazer, 13% em academias e 26% em outras atividades. Os programas sociais e políticas públicas de esporte e lazer se apresentam como um campo de atuação possível para os/as estudantes e as/os formados/formadas em Educação Física. E quando questionadas/questionados sobre as perspectivas profissionais da área, 60% acreditam que ela transita entre boa e ótima.

A pesquisa mostrou que a área de trabalho da/do egressa/egresso do curso de Educação Física atingia espaços de academias de práticas corporais e nesse atual projeto tem ampliado o processo formativo para esses locais de trabalho. Assim, formar professores e professoras extrapola os muros da escola e o fazer docente é pensado nos diferentes espaços sociais.

Tornar-se professor/professora pode ser entendido como um processo contínuo, de difícil demarcação acerca de seu início e fim. É um caminho que está relacionado com a profissão docente e suas contradições, bem como com os saberes docentes que emanam nesses contextos.

Desse modo, é basilar pensar neste Projeto Pedagógico de Curso de licenciatura levando em consideração a dinâmica cotidiana e os diferentes trabalhos que cercam a vida dos/das discentes. Propomos o entendimento de trabalho como uma atividade social que extrapola o sentido relacionado às formas de ação, remuneração e consumo. Pode-se pensar o trabalho como atividade subjetiva, como formação humana e sobretudo quando se reflete acerca das diferentes maneiras de geração de renda e as desigualdades existentes nos mundos do trabalho.

⁹ Trazendo ainda os dados produzidos pela pesquisa interna supracitada, notou-se que os estudantes ingressos no curso de Educação Física da Unidade Ibirité são, em sua maioria, oriundos de escolas públicas. Outro dado orientador das concepções da licenciatura em Educação Física da Unidade de Ibirité é a relação entre os estudantes ingressos e o mundo do trabalho. Em outra pesquisa interna realizada na turma do quinto período matutino, constatou-se que entre 42 estudantes frequentes, apenas dois estudantes não estavam trabalhando. Entre os tipos de empregos exercidos pelos trabalhadores da turma incluem-se: academia, secretaria escolar, aulas de esportes, monitoria de ônibus escolar, vendas no comércio, vigilante, técnico de enfermagem, policial, políticas públicas de esporte e lazer, dona de casa, faxineira de escola, analista de sistema; professora de dança em academias, agente penitenciário e telefonista.

O curso de Educação Física da UEMG / Unidade Ibirité é oferecido nos períodos diurno e noturno, com possibilidade de alguns componentes curriculares serem ofertados no período vespertino. Esses componentes curriculares correspondem a oferta de disciplinas com características extensionistas, disciplinas de atividades integradoras, atividades extensionistas, visitas técnicas e estágios curriculares supervisionados.

No que se relaciona à temporalidade de permanência dos discentes no curso propomos uma redução de cinco para quatro anos, para a obtenção do diploma de licenciatura. Destaca-se que quatro anos será o tempo mínimo para a formação. Entretanto, a dinâmica da vida acadêmica deve considerar questões pessoais, desse modo, esse tempo mínimo poderá ser ampliado. A organização de matrícula não se dá por blocos, mas por créditos, o que possibilita que o estudante construa sua própria trajetória curricular (Resolução COEP/UEMG N° 132/ 2013).

Assim, o percurso construído pelos estudantes deve-se às características dos discentes/trabalhadores/trabalhadoras que constituem os nossos cursos e o desejo por uma formação em Educação Física licenciado. Tal proposta pauta-se numa concepção da formação humana concomitante ao trabalho e propomos uma estrutura de disciplinas que contemple tempos de estudos autônomos. Busca-se assim semestres com cargas horárias de, no máximo 360 horas, com componentes curriculares obrigatórios, distribuídas em no máximo 6(seis) dias letivos semanais, considerando o sábado preferencialmente para o cumprimento de carga horária para atividades com caráter extensionista, trabalhos de campo, visitas técnicas, projetos de pesquisa, disciplinas eletivas, vivências em outros tempos/espços formativos.

Concebe-se, assim, o curso de Educação Física como um processo formativo pautado em diferentes campos do conhecimento que é fortalecido nos processos de Atividades e Estudos Integradores, Práticas Docentes, Estágio Curricular Supervisionado e Práticas Extensionistas possíveis e necessárias aos estudantes preferencialmente articuladas às escolas públicas. Dessa forma, a UEMG – Unidade Ibirité busca promover o ensino, a pesquisa e a extensão de modo a contribuir para a formação de cidadãos/cidadãs comprometidos/comprometidas com o desenvolvimento e a integração dos setores da sociedade e das regiões do Estado, especialmente no que se refere às questões da Educação Física.

2.3 Objetivos do curso

O objetivo do curso em Educação Física da UEMG - Ibirité é fomentar: o conhecimento/reconhecimento da cultura, considerando a participação dos sujeitos na

criação; transmissão e perpetuação da cultura; contribuir para o desenvolvimento científico e para compreensão apurada dos procedimentos inerentes às ciências; motivar o pensamento reflexivo e a construção coletiva e democrática para o exercício da docência e da gestão de projetos educacionais, de saúde, de lazer e de práticas corporais nos diferentes espaços de atuação da Educação Física.

O/A egresso/egressa do curso deve construir saberes referentes a intervenção no âmbito da cultura corporal do movimento, reconhecendo: as especificidades dos sujeitos com os quais atuará; o processo de sistematização e organização dos conteúdos de ensino; os processos de avaliação nas diversas áreas da Educação Física.

Para tanto, buscamos nos aproximar e participar ativamente das discussões sobre formação docente constituídas nos coletivos: Fórum de Licenciaturas da UEMG e a Rede Mineira de Formação de Professores da Educação Básica, da qual a Instituição faz parte.

2.4 Objetivos específicos

O curso de Educação Física de Ibirité busca que a/o egressa/egresso reúna conhecimentos e habilidades que permitam a sua atuação em locais como: escola; projetos sociais; clubes; gestão de projetos educacionais; centros de referência; Programa Saúde na Escola (PSE), dentre outros. Além de um trabalho com grupos distintos e minorias sociais como: pessoas com deficiência; negros; povos indígenas; ciganos, idosos; LGBTQIA+; povos rurais; quilombolas; mulheres; crianças e outros grupos aqui não especificados, de forma a compreender as realidades e demandas dessas pessoas.

Para atender os objetivos específicos e gerais o/a estudante ingresso/ingressa deve construir conhecimentos específicos da Educação Física, entendimentos sobre a formação continuada e intervenções políticas:

2.5 Conhecimentos específicos da Educação Física

Domínio dos conhecimentos contidos nos Núcleo I - Estudos de Formação Geral – EFG, Núcleo II - Aprendizagem e Aprofundamento dos Conteúdos Específicos das áreas de atuação profissional - ACCE, Núcleo III - Atividades Acadêmicas de Extensão – AAE e Núcleo IV - Estágio Curricular Supervisionado – ECS presentes na Resolução nº 4 de 29 de maio de 2024. Requer para a docência a apropriação dos saberes referentes às vivências de práticas docentes, construídas nos tempos destinados aos Estágios Curriculares Supervisionados, as Atividades Extensionistas, as Atividades Integradoras, bem como os Estudos Integradores.

O Estágio Curricular Supervisionado destina-se a responder sobre a formação em Educação Física proporcionando a interlocução entre o conhecimento acadêmico e a prática profissional nos diversos campos de estágio. Para tanto, as/os discentes serão inseridas/os em diferentes espaços/contextos e serão mobilizados/as a refletir sobre os diferentes campos de formação/atuação, os fazeres inerentes às diversas práticas profissionais, o papel social e a realidade das diferentes instituições/espços. O ECS é uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), nº9.394 de 1996, bem como é considerado componente obrigatório pelas Resoluções do Conselho Nacional de Educação (CNE/CP/MEC), nº6, de 18 de dezembro de 2018 e nº 2, de 20 de dezembro de 2019. O regulamento específico do ECS encontra-se em anexo (ANEXO C).

Entender a necessidade de uma formação continuada e embasada em princípios científicos, críticos e éticos; pautar-se por princípios da ética democrática; orientar suas escolhas e decisões metodológicas e didáticas por pressupostos epistemológicos coerentes; reconhecer e respeitar a diversidade manifestada por seus/suas alunos/alunas, em suas dimensões corporais, sociais e culturais; zelar pela dignidade profissional e pela qualidade pedagógica de seu trabalho.

Sistematizar e socializar a reflexão sobre a prática docente, investigando o contexto educativo e a própria prática educativa; utilizar resultados de pesquisa para a qualificação de sua prática profissional. Estar apto a “aprender a aprender” e ter responsabilidades e compromissos com a educação das futuras gerações de profissionais.

Política

Usar conhecimentos sobre a realidade econômica, cultural, política e social, para compreender o contexto e as relações em que está inserida a prática pedagógica;

Participar coletiva e cooperativamente da elaboração, desenvolvimento e avaliação de projetos nos diferentes contextos escolares e não escolares de sua prática profissional.

2.6 Perfil da egressa e do egresso

A presente proposta de formação em Educação Física tem como objetivo, formar professores e professoras com sólida formação cultural, pedagógica, ética e técnico-científica, preparados/as para intervir pedagogicamente no campo das manifestações da cultura corporal, na escola e em outros espaços formativos, intervindo de forma democrática na sociedade de maneira a garantir os direitos historicamente conquistados que dialogam com o campo da Educação Física, são eles: Educação, Lazer, Esporte e Saúde.

É desejado que a/o egressa/o formada/o em Educação Física a partir desse currículo seja capaz de atuar com ética e compromisso com vistas à construção de uma sociedade justa, equânime, igualitária. Que respeite a diversidade de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial, de gêneros, de corpos, de classes sociais, religiosas, geracionais, de diversidade sexual, dentre outras. Que o/a egresso/a compreenda o seu papel na formação das pessoas a partir de uma concepção ampla e contextualizada de ensino e processos de aprendizagem e desenvolvimento destes, incluindo aqueles e aquelas que não tiveram oportunidade de escolarização na idade regular, bem como, aquelas pessoas que não possuem acesso aos serviços de Saúde, Lazer e Esporte.

Esperamos também que o/a concluinte do curso de Educação Física da UEMG, unidade Ibirité, seja capaz de identificar questões e problemas socioculturais e educacionais, com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, a fim de contribuir para a superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas, orientação de gênero, orientação sexual e outras da localidade em que atuar.

A partir dessa proposta de formação desejamos que o/a egresso/a do curso construa conhecimentos sobre antropologia, sociologia, educação, biologia, filosofia e fisiologia e suas articulações com sua atuação na área da Educação Física. No mesmo sentido, o/a egresso/a do curso de Educação Física deve construir saberes referentes a intervenção no âmbito da cultura corporal do movimento reconhecendo: as especificidades das pessoas com os quais atuará; o processo de sistematização e organização dos conteúdos e componentes técnicos; os processos de avaliação nas diversas áreas da Educação Física.

Destacamos que essa proposta curricular visa formar professores e professoras para atuarem em espaços escolares e não escolares tendo como foco os campos relacionados às políticas públicas de Educação, Saúde, Lazer e Esporte que, no nosso entendimento, é uma forma de alcançar um estrato maior da sociedade. No entanto, contempla também a formação para a docência e atuação profissional nos setores privados e no terceiro setor. Além disso, nossa proposta ensina o trabalho com minorias sociais como: pessoas com deficiência; negros e negras; indígenas; ciganos, idosos e idosas; comunidade LGBTQIA+; povos rurais; quilombolas; mulheres e outros grupos aqui não especificados, de forma a compreender as realidades e demandas dessas pessoas.

Os/As concluintes do Curso de Educação Física Licenciatura da UEMG, unidade Ibirité, serão capazes de atuar nos seguintes campos:

EDUCAÇÃO: Atuação docente no Sistema Educacional Brasileira que atualmente se organiza nas etapas sequências da escolarização: Educação Infantil; anos iniciais do Ensino

Fundamental; anos finais do Ensino Fundamental; Ensino Médio. Para além dessas etapas, tem-se ainda: a Educação Profissional e Tecnológica (EPT); a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e outras configurações e modalidades de ensino previstas na LDBEN (1996) e suas atualizações; bem como alguns projetos educacionais no contraturno escolar e pesquisas em Educação.

SAÚDE: Políticas e programas de saúde que se dediquem a pensar a educação física em consonância com a educação comunitária, ou ainda em programas de saúde na escola.

ESPORTE: políticas e programas de esporte e ONGs, dentre outros que organizem práticas educacionais em comunidades.

LAZER E CULTURA: Clubes, prefeituras e outros níveis de governo, projetos sociais e educacionais, empresas, escolas, ONGs, hotéis, campings, equipes de recreação; pesquisa em Lazer, dentre outros que pensem a educação física em consonância com a educação para as práticas de lazer nas escolas e comunidades.

Uma vez inseridas e inseridos nesses espaços de atuação, deverão, a partir de diagnóstico da realidade e da escuta às pessoas envolvidas, contemplar as dimensões sociais, biológicas, históricas, psicológicas e culturais na realização de funções como:

Docência nas diferentes etapas da Educação Básica;

Planejamento, coordenação e gestão de projetos educacionais e sociais;

Coordenação de projetos e equipes multiprofissionais;

Elaboração de programas de Práticas Corporais; implementação e avaliação de projetos que visam contribuir com a formação cultural e social.

Produção e difusão do conhecimento científico sobre a cultura corporal e do campo de trabalho da Educação Física, do Esporte, do Lazer e da Saúde.

Diante do exposto, espera-se que o/a egresso/a construa saberes teóricos/práticos para atuar com os conteúdos da cultura corporal do movimento com diferentes grupos sociais. Que ele/ela seja capaz de resolver os problemas do cotidiano da prática docente, elabore reflexões sobre os diferentes espaços de atuação, sujeitos e as práticas corporais possíveis.

3 Organização curricular

Considerando as legislações vigentes, a Resolução CNE nº 4, de 29 de maio de 2024 e a Resolução CEE/MG 502 DE 2025, bem como as adequações necessárias às lacunas dessas orientações, além das propostas formativas da DCN 06/2018, advoga-se que a formação inicial em Educação Física possibilite acesso a conhecimentos específicos sobre os contextos escolares e não escolares para o exercício de sua profissão.

Para tanto, o currículo foi forjado para que as/os ingressantes no curso de Educação Física, proposto pela unidade Ibirité da UEMG, tenham garantidas as condições de formação em licenciatura de maneira autônoma. Tal perspectiva formativa se apoia também na Resolução COEPE/UEMG Nº 132 de 13 de dezembro de 2013, que garante a autonomia para que a/o estudante possa construir sua trajetória formativa.

A formação de professoras/professores de Educação Física se pauta pelas orientações CNE 4/2024 sobre a organização dos núcleos disciplinares que são apontados na Grade Curricular do curso como núcleos 1, 2, 3 e 4:

1 - 880 (oitocentas e oitenta) horas dedicadas às atividades de formação geral, de acordo com o Núcleo I - Estudos de Formação Geral – EFG.

2 - 1.600 (mil e seiscentas) horas dedicadas ao estudo de aprofundamento de conhecimentos específicos, na área de formação e atuação na educação, de acordo com o Núcleo II - Aprendizagem e Aprofundamento dos Conteúdos Específicos das áreas de atuação profissional – ACCE.

3 - 320 (trezentas e vinte) horas de atividades acadêmicas de extensão conforme Núcleo III - Atividades Acadêmicas de Extensão – AAE.

4 - 400 (quatrocentas) horas dedicadas ao estágio curricular supervisionado, conforme Núcleo IV - Estágio Curricular Supervisionado – ECS.

Este PPC cumpre essa normativa com a seguinte organização:

	CH Relógio	CH Aula	Créditos
Total geral da Estrutura curricular	3465	4158	231
Somatório Extensionista - Núcleo 3	390	468	26
Somatório Estágio Escolar - Núcleo 4	420	504	28
Somatório Formação Geral - Núcleo 1	900	1080	60
Somatório Formação Específica - Núcleo 2	1605	1926	107
Total composto para cumprir as CNE04/2024	3255	3906	217

3.1 Eixos da Organização Curricular

Como indicado acima, a produção desse Projeto Pedagógico segue as exigências dos marcos legais que definem a formação inicial de Profissionais do Magistério da Educação Escolar no Brasil. Todavia, parece-nos fundamental indicar a identidade deste curso. Para tanto, anunciamos os eixos curriculares que orientaram escolhas, formas de pensar e praticar a formação de professores/as de Educação Física.

3.2 Eixos curriculares

Registro um princípio primordial e estruturador desta reflexão: o pertencimento da Educação Física ao domínio da educação. Tal pertencimento lhe confere uma identidade fundamental como prática da escola, organizada por professores da escola para a intervenção na formação de crianças, de adolescentes, de jovens e de adultos em sua história escolar. É a partir dessa condição que entendo ser possível estabelecer relações da Educação Física com outros domínios, como o da saúde, do esporte e do lazer, por exemplo (VAGO, 2009, p. 26).

A escola é um lugar específico. Seus tempos, saberes, sujeitos e espaços precisam ser articulados, dialogando com e buscando contemplar sua função social. Como instituição, a escola ultrapassa questões individuais e deve se orientar por princípios coletivos na construção de um mundo comum. Na perspectiva de que a educação se faz por meio do encontro de diferentes sujeitos em determinados tempos da vida, “cabe à escola colocar-se como ponte entre o passado e o futuro das gerações humanas, que é o presente dos adultos, e pelo qual estes são responsáveis” (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2009, pp. 18-19). Devemos, desse modo, zelar pelo acesso às tradições culturais e conhecimentos escolares que produzimos enquanto humanidade ao longo do tempo, permitindo que os/as alunos/as interajam com eles e produzam outras formas de conhecer e intervir na realidade.

No que tange às especificidades da Educação Física, a formação inicial deve provocar inúmeras reflexões sobre a prática pedagógica, entre elas: Como abordar diferentes temas historicamente produzidos e incorporados pela Educação Física na escola? Como ensinar velhos e novos conteúdos de acordo com o que se espera de uma disciplina escolar? Como organizar uma prática pedagógica em consonância com a função social da escola e que

possibilite o fortalecimento dessa instituição? Como reconhecer os/as alunos/as como sujeitos autônomos e produtores de cultura? Como propor práticas respeitadas e que possibilitem processo dignos de contato com o movimento e reflexão sobre o corpo humano e sobre a corporeidade?

Neste processo, Tarcísio M. Vago (2009, pp. 33-34) nos instiga a refletir e agir:

A maneira como um professor de Educação Física compreende o corpo humano diz muito de seu projeto pedagógico. É que há impacto direto em seu modo de orientar e de organizar o ensino que oferece a seus estudantes [...] Então, o que pensar o corpo inspira? Que esperar da escola – e da Educação Física – em seu trato com os corpos humanos? Acolhimento e respeito a todos os corpos. Pensar e cultivar a Educação Física como tempo de expansão do humano direito ao corpo. O direito de cada um usufruir seu corpo, sem padrões estéticos, sem tiranias de perfeição, sem ditaduras de índices corporais... Que sejam todos os corpos lugar de nossas melhores poesias...

Na dinâmica de estruturação curricular, levando em conta o entendimento da instituição escolar e as reflexões apresentadas, os saberes que permeiam a formação no curso de Licenciatura em Educação Física da UEMG/Unidade Ibirité são abordados em diálogo com as proposições de Maurice Tardif (2014): saberes da formação profissional; saberes disciplinares; saberes curriculares e saberes experienciais.

Saberes da formação profissional:

São aqueles transmitidos pelas escolas e academias, se destinam à formação científica. São adquiridos pelos professores durante sua formação inicial ou continuada. Bem como, os saberes pedagógicos que se relacionam às metodologias de ensino (saber-fazer), que se estabelecem fundamentalmente pela ciência, e sua transmissão é igualitária aos profissionais da educação durante sua formação. Saberes que permitem uma compreensão de totalidade, comuns a qualquer tipo de formação profissional e permitem o trato científico do conhecimento, relacionando-se com os objetos da Educação Física. Trata-se de conhecimentos advindos de diferentes campos do saber, e que devem ser mobilizados nos estudos das variadas dimensões do corpo, da corporeidade e da cultura corporal de movimento. Pretende-se possibilitar o estudo das diferentes teorias do conhecimento, abordagens de pesquisa, processos metodológicos e instrumentais para a produção acadêmica. Evidenciado que o conhecimento, enquanto lógica de apropriação do mundo, não é algo pronto, decorre da atividade prática do ser humano em seu processo de produção e reprodução da vida.

Saberes disciplinares:

Saberes que pertencem aos diversos campos de conhecimento (linguagem, ciências exatas, ciências humanas, ciências biológicas entre outros). Sendo produzidos ao longo do tempo pela sociedade. São dirigidos pela comunidade científica, e seu alcance se faz por intermédio das instituições educacionais. Assim sendo, o currículo deve estar fundamentado nas contribuições das diferentes ciências no âmbito da educação física, esporte e lazer, objetivando o trato multidisciplinar do conhecimento.

Saberes curriculares:

Estes conhecimentos se relacionam com a maneira que as instituições de ensino organizam os conhecimentos sociais selecionados como eruditos. Definindo, como e o que ensinar aos/às educandos/as. Os/as educadores/as devem aprender os objetivos, conteúdos e métodos para aplicá-los em sua ação pedagógica. Nessa direção, esta proposta articula conhecimentos necessários para o processo de ensino e aprendizagem de práticas corporais diversas, tendo como princípio dar oportunidades e o mesmo tratamento aos diferentes saberes, proporcionando, desta maneira, um amplo conhecimento da cultura corporal de movimento. Visa apropriar-se dos conteúdos específicos da educação física, como possibilidades de constatações e sistematizações do trabalho pedagógico. Para isso, faz-se necessário estudar as dimensões culturais, biológicas, didático-pedagógico e técnico-instrumentais das manifestações e expressões do movimento humano, abrangendo os conhecimentos sobre os conteúdos de ensino, conhecimentos pedagógicos, conhecimentos advindos das experiências acadêmicas, científicas e culturais e da prática como componente curricular.

Saberes experienciais:

Saberes formulados por intermédio das práticas docentes na escola. Se derivando das circunstâncias enfrentadas por eles nas instituições de ensino, por meio das experiências vivenciadas no espaço escolar, bem como, de sua relação com os/as educandos/as e sua equipe de trabalho. Desta maneira sua prática pedagógica é afetada por questões subjetivas e coletivas, tendo em vista que, cada dia mais as pessoas se formam (e se educam) em

diferentes tempos e espaços da vida social. Segundo Maria Amélia Franco (2012, p. 150), “as aprendizagens ocorrem entre os múltiplos ensinamentos inevitavelmente presentes na vida das pessoas, os quais competem com o ensino escolar ou o potencializam”. Ainda segundo a autora, “há sempre concomitâncias de ensino”. Nesse sentido, estabelecer elos com os saberes experienciais, nos permite pensar a prática docente a partir do trabalho desenvolvido nos Estágios Curriculares Supervisionados, bem como nas atividades de extensão e nas disciplinas de aproximação com o campo do trabalho em diferentes espaços educativos.

Articulação entre Pesquisa, Ensino e Extensão

Entre os diferentes espaços de construção do conhecimento, a universidade ocupa um lugar privilegiado de convivência e desenvolvimento humano, científico, tecnológico e social. Tem como eixo central a formação de trabalhadores e trabalhadoras comprometidos com o desenvolvimento social em nível local e global.

Pensar as funções da universidade hoje, pautadas em princípios democráticos e transformadores, implica adentrar novos paradigmas que possibilitam olhares ampliados, além do diálogo entre os diferentes saberes disciplinares e a integração entre ensino, pesquisa e extensão (PIVETTA et al 2010).

O processo de consolidação das universidades brasileiras tem como meta principal, promover a integração e melhoria do ensino superior nacional, que trouxe à atualidade a observância do princípio da indissociabilidade do tripé ensino, pesquisa e extensão, colocada pela Constituição Federal de 1988 em seu artigo 207, o qual afirma que: “as universidades gozam de autonomia didático científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (BRASIL, 1988).

A compreensão sobre esse tripé não se restringe a uma questão conceitual ou legislativa, mas fundamentalmente, paradigmática, epistemológica e político-pedagógica, pois está relacionada às funções e à razão de ser das universidades, que se constituíram, historicamente, vinculadas às aspirações e aos projetos nacionais de educação. Caracteriza-se, de acordo com Rays (2003, p. 73), como “um processo multifacetado de relações e de correlações que busca a unidade da teoria e da prática”, pois se constitui princípio das atividades-fim da universidade.

O princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão reflete um conceito de qualidade do trabalho acadêmico que favorece a aproximação entre universidade e

sociedade, a autorreflexão crítica, a emancipação teórica e prática dos/das estudantes e o significado social do trabalho acadêmico. A concretização deste princípio supõe a realização de projetos coletivos de trabalho que se referencie no planejamento das ações institucionais e na avaliação que leve em conta o interesse da maioria da sociedade.

Esses projetos que qualificam e solidificam a formação, além de resgatar os conteúdos vivenciados em sala de aula, dentro da proposta curricular, ressignificam a lógica do ensino-aprendizagem e amplia as possibilidades da prática e da contextualização do aprendizado, favorecendo o entendimento, a aplicabilidade e a adequação didático-pedagógica. A concretização dessa proposta é apresentada a partir das matérias optativas onde os/as alunos podem se aproximar dos/das professores/professoras e das disciplinas que têm interesse em pesquisar, das possibilidades que professores e professoras propõem, por conta própria ou atendendo a pedidos, projetos de pesquisa e extensão (ressaltando o incentivo institucional através do PAEx e do PAPq e outras formas de proporem projetos de pesquisa e extensão).

A realização desses projetos, além de concretizar o elo Ensino, Pesquisa e Extensão, que é o tripé que sustenta uma Universidade, proporciona a aproximação com a sociedade. Castro (2004) mostra que a história da indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão têm como pano de fundo a história das relações entre conhecimento científico e demandas sociais. Historicamente, o conhecimento científico tornou-se uma forma de conhecimento privilegiada, pela grande importância que adquiriu para a vida das sociedades contemporâneas.

Mediante as particularidades que caracterizam cada uma das três funções universitárias, a indissociabilidade de ensino, pesquisa e extensão se caracteriza como um catalisador do conhecimento “pluriversitário”, que permite, conforme Santos (2004, p. 31), “a inserção da universidade na sociedade e a inserção desta na universidade”. Logo, pode ser entendida como um princípio orientador da universidade nascido sob o influxo dos debates que estabelecem o lugar da universidade no seio da sociedade em geral, recebendo uma nítida influência daquela terceira tendência sugerida por Pereira Júnior (2005), a de um conhecimento científico em diálogo permanente com as demandas sociais.

Logo, o princípio da integração entre os três pilares em questão reflete um conceito de qualidade do desempenho acadêmico capaz de favorecer a autorreflexão crítica, a emancipação teórico-prática e o significado de responsabilidade social proporcionado pela aproximação entre a universidade e a comunidade.

4 Disciplinas Curriculares

A estrutura curricular das disciplinas aqui presente foi pensada e estruturada a fim de contemplar as necessidades de formação dos cursos de Educação Física - Licenciatura, considerando a formação para o exercício integrado e indissociável da docência, incluindo o ensino e a gestão dos projetos educativos escolares e não escolares, a produção e difusão do conhecimento científico, tecnológico e educacional.

Nesse sentido, institui-se nessa proposta a matrícula por disciplina, a diminuição de pré-requisitos e o sistema de créditos, com o intuito de flexibilizar a estrutura curricular e criar a possibilidade de percursos formativos autônomos para os/as acadêmicos/acadêmicas do curso. Em conformidade com a resolução COEPE/UEMG nº 132/2013.

Em atendimento às diretrizes propostas pelas resoluções 4/2024 e 6/2018, ficam estabelecidas as cargas horárias mínimas obrigatórias para a integralização curricular:

Quadro 1 – Cargas Horárias do curso

Componentes curriculares CH Relógio		CH aula	Créditos
Disciplinas Obrigatórias	2265	2718	151
Disciplinas Optativas	180	216	12
Disciplinas Eletivas	30	36	2
Estágio Curricular Supervisionado	420	504	28
Estudos Integradores	150	180	10
Extensão	390	468	26
Trabalho de conclusão de curso	30	36	2
Total do curso	3465	4158	231

A carga horária supracitada, referente às disciplinas curriculares, está subdividida em disciplinas obrigatórias, optativas e eletivas e respaldada pela Resolução COEPE/UEMG nº 132/2013:

Disciplinas Obrigatórias: são as disciplinas que constam neste Projeto Pedagógico de Curso, imprescindíveis à formação do/a estudante, e que a Instituição considera que não podem faltar em um curso de graduação em Educação Física (tais disciplinas estão descritas a seguir no Ementário).

Disciplinas Optativas: são as disciplinas que constam neste Projeto Político- Pedagógico e permitem aprofundamento de estudos em diversos campos do conhecimento da Educação Física Escolar.

Disciplinas Eletivas: são quaisquer disciplinas dos cursos de graduação credenciados pelo MEC e que não estejam incluídas na matriz curricular do presente curso. A disciplina eletiva tem por finalidade ampliar as possibilidades de formação acadêmica do estudante, promovendo o aprofundamento de conhecimentos, o desenvolvimento de competências complementares e a flexibilização do percurso formativo, em consonância com os objetivos do curso. Sua oferta ocorrerá a título de enriquecimento curricular, constituindo oportunidade para que o estudante amplie sua formação em áreas de interesse relacionadas ou complementares ao curso. A carga horária das disciplinas eletivas não integra a carga horária mínima exigida para a integralização curricular do curso, não sendo, portanto, requisito para a conclusão do curso. A participação nessas disciplinas é facultativa.

Em conformidade com o Decreto nº 12.456, de 19 de maio de 2025, e com a legislação educacional vigente, o Curso de Graduação Presencial poderá ofertar componentes curriculares na modalidade de Educação a Distância (EaD), observando o limite de até 30% (trinta por cento) da carga horária total do curso, quando permitido pela legislação aplicável e pelas diretrizes curriculares nacionais do respectivo curso. A oferta de componentes curriculares na modalidade EaD será planejada de forma a assegurar a qualidade do processo de ensino e aprendizagem, a integração entre atividades presenciais e remotas, o acompanhamento sistemático dos estudantes e a utilização de ambiente virtual de aprendizagem institucional, com recursos tecnológicos adequados e mediação pedagógica qualificada. A definição das disciplinas ofertadas nessa modalidade será realizada pelo Colegiado do Curso, considerando os objetivos de formação, o perfil do egresso, as competências e habilidades previstas no PPC, bem como as especificidades de cada componente curricular.

4.1 Estudos Integradores

Os Estudos Integradores nomeados na Resolução CNE/CES Nº 6 de 18 de dezembro de 2018, que não regem atualmente esse PPC, têm relação direta com a atual legislação CNE 4/2024 que organiza o enriquecimento curricular por meio de atividades de abrangência acadêmica, científica e sociocultural. Essas atividades contemplam uma carga horária

curricular obrigatória de 150 horas para a integralização do curso, em três categorias distintas: acadêmica, científica e sociocultural.

Por natureza, os Estudos Integradores contemplam as atividades extensionistas, nesse contexto o curso apresenta o enriquecimento curricular previstas em legislação vigente.

Essa carga horária deverá ser cumprida de forma autônoma pelo/a estudante, ao longo do seu processo formativo, respeitando a carga horária mínima prevista para cada uma das quatro categorias. Cada categoria possui a sua exigência de documentação comprobatória, além do detalhamento das atividades possíveis e da carga horária máxima permitida por atividade, como pode ser observado em regulamento específico (ANEXO B).

A creditação dos Estudos Integradores se dará a partir de parte do curso (5º período), a partir da validação dos documentos comprobatórios que deverão ser postados pelo/a estudante, em um arquivo no formato PDF, na plataforma acadêmica utilizada pelo curso.

Esse componente curricular terá professores/as designados pelo departamento, com encargos didáticos, que serão responsáveis pela orientação e suporte das atividades desde o início do curso. Além disso, serão responsáveis também pela conferência da documentação, validação e registro da carga horária para a integralização das horas. Vale ressaltar, que todas as questões referentes aos Estudos Integradores, não citadas no regulamento específico, serão analisadas pelo colegiado do curso.

4.2 Estágio Curricular Supervisionado (ECS)

O Estágio Curricular Supervisionado (ECS) é uma exigência da LDB/1996, das Resoluções do Conselho Nacional de Educação (CNE/CP/MEC) nº 2, de 20 de dezembro de 2019, e nº 4, de 12 de março de 2024. Estes últimos documentos dispõem que devem ser dedicadas no mínimo 400 (quatrocentas) horas para o estágio supervisionado, em situação real de trabalho em escola. Nessa perspectiva, a formação do professor e da professora de Educação Física na Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Ibirité estabelece o Estágio Curricular Supervisionado como atividade acadêmica obrigatória, com a programação de 420 horas para o seu desenvolvimento, sob a supervisão docente, em instituições de ensino da Educação Básica, sendo iniciado a partir do 1º período do curso. Desse modo, a carga horária será distribuída ao longo especificamente de cinco semestres (no 1º, 4º, 5º, 6º e 8º período) que deverão abordar as diferentes dimensões da atuação, seguindo a estruturação vigente do Sistema Educacional Brasileiro. Todavia, cabe ressaltar que as experiências de ECS não se restringem à intervenção pedagógica relacionada

especificamente ao componente curricular Educação Física. A proposta é que os/as discentes investiguem e compreendam a docência como trabalho (TARDIF; LESSARD, 2008), identificando seus componentes específicos ao acompanharem professores/as tecendo suas atividades profissionais docentes nas diferentes realidades escolares. Destaca-se que o regulamento específico do Estágio Curricular Supervisionado se encontra em anexo (ANEXO D).

Nessa direção, o ECS do curso destina-se a responder sobre a formação em Educação Física proporcionando a interlocução entre o conhecimento acadêmico e a prática pedagógica no campo de estágio. Para tanto, as/os discentes serão inseridas/os em diferentes instituições da Educação Básica, compreendidas como tempo/lugar privilegiado de formação/atuação e inserção no campo. A intervenção dos/das professores/as em formação em Licenciatura em Educação Física dar-se-á no sentido de identificar, planejar, organizar, dirigir, supervisionar, desenvolver, avaliar e lecionar conteúdos acessados na formação inicial. Tendo como referência os diversos saberes que compõem a profissão docente, como proposto por Tardif (2014) saberes: da formação profissional, disciplinares, curriculares e experienciais. No que toca a formação de professores/as, investigar e compreender humaniza a docência, uma vez que permite conhecer como os sujeitos enfrentam e produzem respostas para o cotidiano escolar, percebendo como são afetados/as por questões subjetivas e coletivas. No empenho de possibilitar a formação almejada, foram elaborados cinco Estágios, a saber:

Estágio Curricular Supervisionado I: Escola e Trabalho Docente – 1º período (60 horas)

Estágio Curricular Supervisionado II: Educação Física e Organização Escolar – 4º período (90 horas)

Estágio Curricular Supervisionado III: Educação Física Escolar e Infâncias – 5º período (90 horas)

Estágio Curricular Supervisionado IV: Educação Física Escolar, Adolescências e Juventudes – 6º período (90 horas)

Estágio Curricular Supervisionado V: Educação Física Escolar, Jovens, Adultos e Idosos - 8º período (90 horas)

Deste modo, entende-se que os/as discentes poderão se inserir em escolas-campo de estágio da Educação Infantil; anos iniciais do Ensino Fundamental; anos finais do Ensino Fundamental; Ensino Médio, da Educação Profissional e Tecnológica (EPT); da Educação de

Jovens e Adultos (EJA) e de outras configurações e modalidades de ensino previstas na LDB (1996) e suas atualizações.

Todas as práticas de estágio são compostas pela articulação entre as vivências na escola-campo de estágio e o tempo/espaço na Universidade para a elaboração e reelaboração dessas experiências. Sendo assim, encontros presenciais com professoras/professores orientadoras/es são essenciais, demandando da Instituição formadora que seja resguardado tempo e encargos didáticos para tais momentos. O acompanhamento da Instituição formadora no processo de estágio deverá corresponder a 4 (quatro) horas semanais de encargos didáticos atribuídos ao/à docente responsável por grupos de até 20 (vinte) discentes, respeitando o disposto no Art. 20 da Resolução COEPE/UEMG, nº 234, de novembro de 2018. Dessa forma, cada grupo de 20 estudantes matriculados/as em cada Estágio demandará um/a docente para coordenar e orientar estes tempos/processos formativos de acordo com suas especificidades. Vale destacar, nessa direção, que esses momentos também se constituem como possibilidade de trocas entre as professoras e os professores em formação, sendo um exercício importante para a constituição de uma práxis pedagógica comum.

Os ECS do curso de Educação Física são organizados por um coletivo de docentes que é responsável por: decisões pedagógicas, processos avaliativos longitudinais, recepção e tratamento da documentação, entre outros elementos que toquem na dinâmica dos ECS. Tal coletivo é um órgão consultivo e deliberativo composto por docentes orientadores/as dos ECS e das suas disciplinas correlatas.

Vale comentar que a Resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE/CP/MEC), nº 4, 12 de março de 2024, apresenta alguns dos princípios norteadores da organização curricular dos cursos de formação inicial em Nível Superior de Profissionais do Magistério da Educação Escolar Básica. Mobilizados/as por estes princípios, reconhecemos os/as professores/as em formação como protagonistas deste processo, bem como destacamos a necessidade de uma relação mais harmônica entre a “comunidade de formadores” e a “comunidade de professores” (NÓVOA, 2009, p. 6). Para que a articulação entre a “comunidade de formadores” e a “comunidade de professores” aconteça, será preciso que a Instituição formadora – a UEMG – resguarde tempo e encargos didáticos para o desenvolvimento dos estágios.

Estágio Curricular Supervisionado I: Escola e Trabalho Docente –ofertado no 1º período, com 60 horas

O primeiro estágio curricular supervisionado pretende reapresentar a escola para os/as estudantes, instigando-os/as a refletir sobre sua nova identidade, a de professoras e professores em formação. Neste ECS, os/as estagiários/as devem: articular de maneira crítica sua história de vida e sua trajetória escolar; mobilizar repertórios para compreensão dos sujeitos que produzem o cotidiano escolar: professores/as, alunos/as, trabalhadores/as da educação, familiares etc.; inquirir sobre a escolha pela licenciatura, tentando responder às questões: o que é ser professor/a? quais são as condições do “ser” docente na atualidade? como as identidades docentes são construídas? entre outras. Desse modo, pretende-se que sejam capazes de compreender o trabalho docente como uma construção histórico e social que ultrapassa as dinâmicas da formação inicial.

Estágio Curricular Supervisionado II (ECS II)- Educação Física e Organização Escolar: ofertado no 4º período, com 90 horas – Estágio de observação e investigação, sem regência. Conhecendo a escola.

Correquisito: disciplina Educação Física e Organização Escolar

Neste ECS a escola é tomada como instituição a ser investigada, inquirida a partir da inserção dos/as estagiários/as no terreno da escola. Desse modo, o ECS II abordará: a caracterização da escola; organização oficial do sistema escolar (Rede, documentação que organiza a escola: PPP, Propostas Curriculares etc.); a dinâmica escolar: sujeitos, funções, hierarquias, relações de poder, organização administrativa, organização dos tempos e espaços escolares; a arquitetura escolar; as memórias sobre os processos de escolarização dos/das professores/as em formação etc.

O/a discente será mobilizado/a a acompanhar professores/as de diferentes disciplinas, investigando as práticas pedagógicas e suas dificuldades; a problematizar diferenças e semelhanças na organização do trabalho docente; a identificar como os professores e as professoras se relacionam e a investigar as culturas de Educação Física construídas/reproduzidas nas escolas.

Importa salientar a articulação com a disciplina correlata denominada "Educação Física e Organização Escolar", que deve ser cursada obrigatoriamente no mesmo período em que o/a discente se matricular no ECS II. Tal disciplina é fundamental para que os conceitos

e categorias de análise sejam ampliados e problematizados, tendo como referências as experiências no campo de estágio.

Estágio Curricular Supervisionado III (ECS III) - Educação Física Escolar e Infâncias: ofertado no 5º período, com 90 horas – Observação, investigação e regência na Educação Infantil e Ensino Fundamental (anos iniciais)

Correquisito: disciplina Educação Física Escolar e Infâncias

A especificidade do ECS III dá-se pela investigação sobre os sentidos das Infâncias a partir das relações das crianças com a escola e a Educação Física. Nessa perspectiva, o/a discente será encorajada/a a refletir sobre o ensino da Educação Física, a problematizar e propor práticas pedagógicas na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental. O ECS III inaugura a experiência da regência de forma sistematizada no currículo. Para tanto, os/as estudantes devem ser encorajados/as a estabelecer relações de cooperação com os/as professores/as supervisores/as da escola-campo de estágio. Salienta-se a articulação com a disciplina correlata denominada "Educação Física Escolar e Infâncias", que deve ser cursada obrigatoriamente no mesmo período em que o/a discente se matricular no ECS III. Tal disciplina é fundamental para que os conceitos e categorias de análise sejam ampliados e problematizados, tendo como referências as experiências no campo de estágio.

Para que o ECS III aconteça de forma mais qualificada é fundamental que a UEMG estabeleça parcerias e convênios com escolas de Educação Infantil e Ensino Fundamental (anos iniciais). Como a presença de docentes de Educação Física nesses dois níveis de ensino ainda não está estabelecida em vários municípios mineiros, a disciplina deve ser ministrada por quatro docentes da UEMG por cada turma, desse modo, os/as docentes da UEMG se tornarão também supervisores de Estágio nas escolas-campo parceiras.

Estágio Curricular Supervisionado IV (ECSIV) - Educação Física Escolar, Adolescências e Juventudes: ofertado no 6º período, com 90 horas – Observação, investigação e regência no Ensino Fundamental (anos finais).

Correquisito: Disciplina Educação Física Escolar Adolescências e Juventudes.

A especificidade do ECS IV dá-se pela investigação sobre os sentidos das Adolescências e das Juventudes a partir das relações desses sujeitos com a escola e a Educação Física. Nessa perspectiva, o/a discente será encorajada/o a refletir sobre o ensino da Educação Física, a problematizar e propor práticas pedagógicas no Ensino Fundamental (anos finais). Importa salientar a articulação com a disciplina correlata denominada "Educação Física Escolar, Adolescências e Juventudes", que deve ser cursada obrigatoriamente no mesmo período em que o/a discente se matricular no ECS IV. Tal disciplina é fundamental para que os conceitos e categorias de análise sejam ampliados e problematizados, tendo como referências as experiências no campo de estágio.

Estágio Curricular Supervisionado V (ECS V) - Educação Física Escolar, Jovens, Adultos e Idosos: ofertado no 8º período, com 90 horas. - Observação, investigação e regência no Ensino Médio e na Educação de Jovens e Adultos.

Pré-requisitos: ECS I, II, III e IV; e disciplina Educação Física e Encontro de Saberes

Correquisito: disciplina correlata Educação Física Escolar, Jovens, Adultos e Idosos

A especificidade do Estágio Supervisionado Escolar IV dá-se pela investigação dos sentidos atribuídos às juventudes, às vidas adultas e às velhices a partir das relações desses sujeitos com a escola e com a Educação Física. Embora inseridas como Etapas da Educação Básica na LDB (1996), o Ensino Médio e a EJA são recorrentemente preconizadas por efêmeras políticas de governo (e não de Estado). Os/as discentes serão impelidos/as a adentrar os territórios interrogando sua organização, reconhecendo os sujeitos que constroem as práticas e a forma que os saberes da Educação Física são estruturados. Serão mobilizados/as a estabelecer diálogo estreito e respeitoso com os diferentes sujeitos na intenção de propor práticas pedagógicas transformadoras e engajadas com a realidade da comunidade na qual se inseriram. Nesse exercício, esperamos que se reconheçam enquanto professores/as em formação se colocando como sujeitos ativos na problematização de políticas públicas de educação para essas Etapas da Educação Básica.

A disciplina possui interface com a extensão, pensando-a como uma prática dialógica e de comunicação de saberes. Nesse sentido, os sujeitos se encontram, partilham experiências e reconhecem a escola como instituição autônoma, potente e produtora de

conhecimento. O/a discente será encorajada/o a refletir sobre o ensino da Educação Física, a problematizar e a propor práticas pedagógicas nos tempos/espços/práticas escolares que foram recebidos/as.

No ECS IV é fundamental que se investigue os variados percursos docentes de professores/as de Educação Física, pois, tem-se ciência que na configuração atual do Ensino Médio, os/as docentes de Educação Física são constantemente convocados/as a assumir diferentes demandas que guardam relação com os Itinerários Formativos, por vezes, compostos de saberes não diretamente afeitos à sua formação inicial. Nesse exercício, espera-se que os/as estagiários/as façam uma leitura da realidade observada e possam indagar se os percursos projetados se aproximam das demandas da sociedade e, portanto, se comprometem com uma formação cidadã. Visando uma formação ampla, crítica e respaldada na realidade escolar, espera-se também que se tornem competentes para valorizar a diversidade e promover as afirmações das identidades raciais, sociais, de gênero e de território.

Por sua organização e por ser disciplina extensionista, a cada turma, o ECS IV será ministrado por quatro docentes da UEMG com percursos acadêmicos e profissionais em temas concernentes à Educação Física Escolar e à formação docente. Para atingir os objetivos propostos é imprescindível que esse Estágio ocorra apenas em instituições de ensino parceiras¹⁰. Desse modo, ao reconhecer a escola como produtora de conhecimento e indispensável na formação docente, os/as discentes serão orientados/as na perspectiva de cotutela entre a escola-campo de estágio e a universidade. Importa salientar a articulação com a disciplina correlata denominada "Educação Física Escolar na Educação de Jovens, Adultos e Idosos", que deve ser cursada obrigatoriamente no mesmo período em que o/a discente se matricular no ECS-Escolar IV. Tal disciplina é fundamental para que os conceitos e categorias de análise sejam ampliados e problematizados, tendo como referências as experiências no campo de estágio.

¹⁰ Destaca-se que a UEMG compõe o Fórum de Instituições de Ensino Superior Públicas do Estado de Minas Gerais (FORIPES). Instância que congrega servidores de instituições mineiras da Educação Básica e do Ensino Superior e possui como proposta a fabricação de um programa de estágio que se configure como uma política de formação. Na perspectiva de construção de um "terceiro lugar" (Nóvoa), de um espaço partilhado para a formação docente no qual escolas e IES são consideradas co-condutoras do processo. Destarte, a consolidação dos estágios do Curso, principalmente do ECS IV, é interdependente de condições institucionais que só podem ser sustentadas/garantidas por uma estrutura administrativa que ultrapassa as atribuições pedagógicas e de gestão de responsabilidade da Coordenação do Curso e/ou Unidade Acadêmica. Sendo, portanto, atribuição das instâncias superiores da UEMG. Dito de outro modo, de sua administração central.

4.3 Atividades Integradoras

As Atividades Integradoras são nomenclaturas utilizadas na Resolução CNE/CES Nº 6 de 18 de dezembro de 2018, que não regem atualmente esse PPC, contudo, têm relação direta com a atual legislação CNE 4/2024 que organiza o enriquecimento curricular. Elas se referem a grupos de disciplinas que compõem e integram a formação de professores/as de Educação Física. Ambas estão relacionadas às construções próprias da atividade docente, articuladas ao conhecimento teórico e correspondem a 180 horas a serem vivenciadas pelos graduandos em articulação com campos de atuação.

A relação desta dimensão da formação no nosso currículo se divide em dois contextos: das disciplinas referentes aos conteúdos culturais da Educação Física, tais como: os esportes, as danças, as lutas, os jogos, brinquedos e brincadeiras, as ginásticas, a capoeira, as práticas corporais de aventura na natureza, dentre outras práticas. O outro eixo está articulado com disciplinas específicas que tratam do desenvolvimento da prática docente em locais de ensino e aprendizagem (atividades integradoras – serão apontadas nesse documento). Desta forma, entende-se que a formação do/da professor/professora e a construção dos seus saberes devem estar articulados necessariamente a uma concepção ampliada de docência.

Essa concepção de formação/atuação ampliada do/a professor/a de Educação Física influencia a configuração da matriz curricular que se organiza a partir de diferentes experiências formativas que se dão no interior e ao longo do desenvolvimento das disciplinas, e também a partir dos espaços extracurriculares de formação. Desta forma, elegeu-se, além das disciplinas que tratam especificamente dos conteúdos culturais da Educação Física, três disciplinas específicas para articular melhor o processo de ensino e aprendizagem. São elas:

1. Estágio Curricular Supervisionado I: Escola e Trabalho Docente (Integra também o Núcleo de Estágio)
2. Atividades Integradoras 1: Saúde coletiva
3. Atividades Integradoras 2: Programas de Lazer e Cultura

Esse grupo de disciplinas terá início no primeiro período, com o Estágio curricular 1 (com regulamento próprio), e se findará no terceiro período do curso, somando ao rol de disciplinas do núcleo comum de formação. Tal proposta justifica-se pela importância do/da docente em formação se aproximar, conhecer e discutir sobre algumas possibilidades de atuação na Educação Física, entendendo que esse campo apresenta vários elementos não visualizados, naturalizados e pouco discutidos/refletidos, e que poderão ser observados de um lugar privilegiado que é o momento da formação acadêmica. Permitirá também reconhecer

as práticas corporais como produções socioculturais da nossa sociedade. É importante, ainda, que consigam compreender a possibilidade de articulação entre a escola e outras instituições de ensino.

Em anexo apresentamos os documentos relacionados à organização das Atividades Integradoras (ANEXO C). As atividades integradoras 1 e 2 serão realizadas em dois momentos: na Universidade, com aulas teóricas (em 27 horas-aula) e no campo (em 45 horas-aula), onde o professor da disciplina (Supervisor) acompanhará os estudantes. Nos locais de observação terão contato com professores (Tutores) que poderão contribuir com as observações, discussões e problematizações – tanto in lócus, como serem convidados para os debates na Universidade. As aulas na Universidade serão construídas no intuito de promover a reflexão sobre as observações realizadas no campo e na intenção de fomentar a compreensão do se tornar professor – como um processo formativo constante e não como algo dado a priori – independente do lugar de atuação.

Os campos de observação apresentados a seguir foram constituídos com o propósito de apresentar aos estudantes uma formação que contemple conteúdos e experiências relacionadas à área de educação em Saúde; educação no Esporte e lazer; gestão para o desenvolvimento de pessoas, das organizações e da sociedade; pesquisa e estudo das relações entre educação e saúde / educação e esporte e lazer; aspectos pedagógicos de iniciação às práticas corporais e esportivas; educação ambiental. Ressaltando as relações com seus intervenientes como a mídia, a política, a legislação, dentre outros.

Estágio Curricular Supervisionado I: Escola e Trabalho Docente

Partindo do pressuposto que a formação de professores/as é composta por vasto campo de conhecimentos, saberes, crenças, valores, cultura etc., pessoais e profissionais, a práxis pedagógica fica atrelada a essas experiências adquiridas em diferentes momentos da trajetória formativa e ao que se apresenta como realidade para a intervenção.

Nesse sentido, o estágio 1, em regulamento próprio nesse PPC organiza a entrada dos estudantes no campo escolar.

Atividades Integradoras 1: Saúde coletiva

Os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs) da BNCC foram criados para conectar os conteúdos teóricos da escola com a realidade e a vida em sociedade. Em vez de virarem disciplinas isoladas, eles cruzam e enriquecem todas as áreas do conhecimento e os campos de atuação da Educação Física apresentam formas de interagir com os TCTs. A Base organiza esses temas em 6 grandes Eixos Temáticos (ou macroáreas), que se desdobram em assuntos específicos, incluindo a Saúde. A proposta é promover o autocuidado e o bem-estar físico e mental, sendo que o tema é dividido em Saúde (geral) e Educação Alimentar e Nutricional.

Alguns currículos de formação em Educação Física sofreram e ainda sofrem influências de uma perspectiva unilateral de saúde priorizando, assim, os conhecimentos biológicos sobre os demais que compõem os estudos sobre as dimensões do corpo e as possíveis “ações” que ele pode realizar. Na mesma direção, a intervenção profissional privilegiou espaços e serviços que atende uma pequena parcela da população como, por exemplo: academias de ginástica, estúdios de treino individualizado, clubes, dentre outros.

Na tentativa de ampliar o campo de estudo, de constituição de experiências por meio da observação, de qualificar o processo formativo e de atuação profissional, compreendemos que a saúde deve pautar o currículo em Educação Física a partir de uma lógica contra hegemônica e que a conceba como um direito individual e coletivo. Assim, temos o entendimento que o processo de conscientização, promoção e manutenção da saúde é multifatorial, decorrente da valorização de diferentes dimensões da vida como: moradia, educação, transporte, alimentação, lazer, saneamento básico, dentre outros. Por isso a necessidade de um diálogo acadêmico e profissional, interdisciplinar.

A partir dessas concepções, percebemos que o curso de Educação Física possa exercer um papel importante para, não só ampliar o entendimento do que é saúde e as possibilidades de atuação que alcance um maior extrato da sociedade, como contribuir para que os/as estudantes, que estão no processo de formação docente, possam compreender esse contexto e colaborar para reposicioná-lo na sociedade.

Nesse sentido, entendemos que os estudos que forem tratar sobre saúde devem ter em mente: as políticas e programas de saúde; atenção básica, secundária e terciária; o Sistema Único de Saúde; academias de ginástica; gestão em saúde; projetos e programas de Educação Física; prescrição de treinamentos direcionados ao condicionamento físico e prevenção e/ou tratamento de patologias clínicas; pesquisa em saúde, dentre outros.

Tendo como pressuposto que o lazer é uma dimensão da cultura, necessidade humana e direito social, o acesso de pessoas a tais experiências pode se relacionar ao exercício da educação, identidade, memória, saúde, divertimento, cidadania etc. Contudo, cultura e lazer são produções humanas que contém em si diferentes visões e abordagens de mundo.

Professores e professoras de Educação Física são, na sociedade contemporânea brasileira, convocados/as a intervir, pesquisar e produzir novos sentidos para as práticas de cultura e lazer, seja por meio do esporte, da dança, das brincadeiras e jogos, da Capoeira, das lutas ou das ginásticas, dentre outros conteúdos, até porque os tempos têm sido preenchidos com atividades que os distanciam delas, seja pela sobrecarga de trabalho, pelo cansaço, pelo estresse, pelo comodismo, pelas diferentes telas que distraem etc. Não que essas ações descaracterizem a livre utilização do tempo livre, mas pelos problemas sociais que algumas práticas de lazer podem causar.

Portanto, compreendemos que o currículo de formação deva contribuir para criar possibilidades de atuação a partir do reconhecimento, respeito e valorização da diversidade das culturas que se manifestam nas práticas de lazer. Os professores e as professoras de Educação Física têm um amplo campo de atuação em clubes, prefeituras e outros níveis de governo, academias de ginástica, escolas, equipes de recreação, dentre outras. Compreendemos que tal atuação deve pautar o duplo aspecto educativo do lazer: educação para o lazer como forma de contemplar novas experiências e a educação pelo lazer como mediação pedagógica.

4.4 Trabalho de Conclusão de Curso

No Projeto Pedagógico do Curso da Educação Física o campo da pesquisa para realização do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC será constituído por meio das disciplinas “Metodologia do trabalho científico”, “Projeto de pesquisa”, “Trabalho de Conclusão de Curso”. Será indicado um professor responsável pelo planejamento, organização e execução destas disciplinas com encargos didáticos específicos para esta função. Outros espaços também poderão contribuir para ampliar e fortalecer diferentes metodologias de pesquisa como: outras disciplinas do currículo, a participação em grupos de pesquisa, projetos extensionistas, estágios, dentre outros, ou seja, espaços que se dedicarem à pesquisa.

Pensar o campo científico e a produção do conhecimento por meio da trajetória acadêmica, mesmo que não se encerre nela, demanda reconhecer o sentido que essas produções podem proporcionar para a constituição da identidade pessoal e profissional. Saberes são produzidos por indivíduos em suas trajetórias (tempo), inseridos em diferentes ambientes e contextos. Por isso, reconhecer essa diversidade de possibilidades pode legitimar não só as pesquisas, mas os sujeitos pesquisados, as metodologias utilizadas, os resultados, o(a) pesquisador(a), dentre outros.

Nesse sentido, os TCCs produzidos neste curso poderão assumir formatos de monografia, artigo, memorial, portfólios e outros formatos desde que sigam as orientações disponíveis e atendam ao Regulamento de Trabalho de Conclusão de Curso (ANEXO E) deste PPC.

4.5 Extensão como Componente Curricular

A extensão universitária, ao lado da pesquisa e do ensino, faz parte da tríade indissociável que sustenta o projeto de universidade pública no Brasil. Ela está garantida pela Constituição Federal de 1988 e pela Constituição Mineira. Expressa-se pelo diálogo que as instituições fazem com a comunidade em diversos níveis e é um desafio permanente entre docentes do ensino superior ao longo de todo o território nacional.

As ações de extensão desenvolvidas no curso de Educação Física da UEMG/Unidade Ibirité acontecem desde 2014, pautadas pelo conceito de extensão apresentado pelo Fórum de Pró-reitores de Extensão das Universidades brasileiras que estabelece:

A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade (FORPROEX, 2012, p.42).

Sendo assim, regido pela CNE 4/2024 e motivado pela publicação da Resolução CNE/CES nº 7 de dezembro de 2018 (que instituiu as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e indica a necessidade de incluir a Extensão nos currículos), mantemos a forma de componente curricular obrigatório para o Núcleo de Extensão Escolar. Para o cumprimento do disposto neste documento, os cursos de graduação devem destinar às atividades de extensão, no mínimo, 320 horas-relógio.

A reivindicação deste espaço nos currículos vem de ampla discussão no âmbito das universidades e da sociedade civil organizada. Refuta-se o caráter acessório ou

assistencialista que muitas vezes é dado à Extensão Universitária e evidencia-se seu potencial de transformação da sociedade. Esta nova perspectiva implica substituir a hegemonia do discurso acadêmico pelo diálogo horizontal com os saberes produzidos pelos diferentes setores da sociedade.

Entre os desafios que se apresentam, está o de assumir que não se trata apenas do cumprimento do dispositivo legal. Será necessário reconhecer na Extensão o potencial de construir conhecimentos por meio do diálogo entre os saberes disciplinares e os socialmente produzidos. Nesse sentido, o papel transformador da Extensão está em sua capacidade de democratizar o conhecimento acadêmico na sociedade e, ao mesmo tempo, apreender novos olhares, novas formas de fazer, novos saberes, que permitam gerar novas pesquisas, atualizar currículos, práticas de ensino e gestão (DEUS, 2020).

Neste sentido, a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão ganha novos contornos. Na relação com o ensino, a extensão coloca o/a estudante como protagonista de sua formação técnica e de sua formação cidadã. Já a pesquisa, passa a ser pautada pela possibilidade de produção de conhecimento a partir do diálogo universidade/comunidade, por meio de metodologias inclusivas e participativas, tendo como questão central identificar o que deve ser pesquisado e para quais fins e interesses se buscam novos conhecimentos (FORPROEX, 2001).

Concebemos esta interação dialógica como um dos princípios fundamentais da Extensão Universitária por meio da qual os conhecimentos instituídos são transmitidos, testados e reelaborados. Este movimento de mão dupla, é campo fértil para inúmeras transformações da sociedade e da própria Universidade Pública. Reconhecemos ainda que as transformações aqui almejadas, só serão possíveis se a Universidade estiver envolvida e empenhada em institucionalizar a extensão com os mesmos rigores e limites impostos aos outros componentes formativos.

Nesse sentido, esse componente curricular terá professores/as designados pelo departamento, com encargos didáticos, que serão responsáveis pela orientação e suporte das atividades desde o início do curso. Além disso, serão responsáveis também pela conferência da documentação, validação e registro da carga horária para a integralização das horas. Além de uma disciplina nomeada de “Atividade Extensionista” cuja ementa se aproxima da reflexão da formação longitudinal do/da estudante.

As reflexões feitas até aqui, fundamentam-se nos documentos produzidos pelos Fóruns Nacionais e Regionais de Pró-reitores de Extensão e nortearam as escolhas para organização e definição de critérios para a curricularização da extensão conforme

regulamento em anexo (ANEXO F). Todas as questões referentes à extensão, não citadas no regulamento específico, serão analisadas pelo colegiado do curso.

5 Estrutura Curricular

1º Período									
Componentes Curriculares	Núcleo 4/2024	Tipo	Carga Horária				Hora Aula	Créditos	Pré-requisito
			Teórica	Prática	Extensão - Núcleo 3	Hora relógio			
Citologia e Histologia Básica	2	Obrigatória	30	0	0	30	36	2	
Anatomia Aplicada à Educação Física	2	Obrigatória	30	0	0	30	36	2	
Urgências e Emergências Aplicadas à Educação Física	1	Obrigatória	30	0	0	30	36	2	
História da Educação Física	2	Obrigatória	60	0	0	60	72	4	
Jogos, Brinquedos e Brincadeiras	2	Obrigatória	30	15	15	60	72	4	
Leitura e Produção Textual	1	Obrigatória	30	0	0	30	36	2	
Fundamentos das Tecnologias Digitais para a Docência	1	Obrigatória	30	0	0	30	36	2	
TOTAL			240	15	15	270	324	18	
Estágio Curricular Supervisionado I: "Escola e Trabalho Docente"	4	Obrigatória	15	45	0	60	72	4	
Extensão escolar em projetos	3				60	60	72	4	
Estudos Integradores						30	36	2	

2º Período									
Componentes Curriculares	Núcleo 4/2024	Tipo	Carga Horária				Hora Aula	Créditos	Pré-requisito
			Teórica	Prática	Extensão - Núcleo 3	Hora relógio			
Ensino das práticas de Esportes 1 - Esportes de marcas, técnico-combinatórios e precisão ou alvo	2	Obrigatória	45	0	15	60	72	4	
Metodologia do Trabalho Científico	2	Obrigatória	30	0	0	30	36	2	
Bioquímica Básica	2	Obrigatória	45	0	0	45	54	3	Citologia e Histologia Básica
Ensino das Práticas corporais de aventura e Responsabilidade ambiental	2	Obrigatória	30	30	0	60	72	4	
Introdução à Filosofia	1	Obrigatória	60	0	0	60	72	4	
Sociologia da Educação	1	Obrigatória	60	0	0	60	72	4	
Atividades Integradoras 1: Saúde coletiva	2	Obrigatória	15	45	0	60	72	4	
TOTAL			285	75	15	375	450	25	
Extensão escolar	3				45	45	54	3	
Estudos Integradores						30	36	2	

3º Período									
Componentes Curriculares	Núcleo 4/2024	Tipo	Carga Horária				Hora Aula	Créditos	Pré-requisito
			Teórica	Prática	Extensão - Núcleo 3	Hora relógio			
Libras	1	Obrigatória	60	0	0	60	72	4	
Ensino da capoeira	2	Obrigatória	15	0	15	30	36	2	
História das Culturas Afrobrasileiras e Indígenas	1	Obrigatória	30	0	0	30	36	2	
Fisiologia Humana	2	Obrigatória	45	0	0	45	54	3	Bioquímica Básica
Antropologia e Educação	1	Obrigatória	60	0	0	60	72	4	
Estudos do Lazer	2	Obrigatória	45	0	15	60	72	4	
Atividades Integradoras 2: Programas de Lazer	2	Obrigatória	15	45	0	60	72	4	
TOTAL			270	45	30	345	414	23	
Extensão escolar	3				45	45	54	3	
Estudos Integradores						45	54	3	

4º Período									
Componentes Curriculares	Núcleo 4/2024	Tipo	Carga Horária				Hora Aula	Créditos	Pré-requisito
			Teórica	Prática	Extensão - Núcleo 3	Hora relógio			
Teorias do comportamento motor para a educação física escolar	2	Obrigatória	60	0	0	60	72	4	
Pessoa com deficiência, inclusão e acessibilidade	2	Obrigatória	60	0	0	60	72	4	
Ensino das danças	2	Obrigatória	30	15	15	60	72	4	
Educação Física e Organização Escolar	2	Obrigatória	60	0	0	60	72	4	
Princípios cinesiologicos e biomecânicos aplicados à Educação Física	2	Obrigatória	30	0	0	30	36	2	
TOTAL			240	15	15	270	324	18	
Estágio Supervisionado Escolar 2 : Educação Física e organização escolar	4	Obrigatória	30	60	0	90	108	6	*Educação Física e Organização Escolar
Extensão Escolar	3				45	45	54	3	
Estudos Integradores						45	54	3	

5º Período									
Componentes Curriculares	Núcleo 4/2024	Tipo	Carga Horária				Hora Aula	Créditos	Pré-requisito
			Teórica	Prática	Extensão - Núcleo 3	Hora relógio			
Didática	1	Obrigatória	60	0	0	60	72	4	
Ensino das Ginásticas	2	Obrigatória	30	15	15	60	72	4	
Educação Física escolar e infâncias	1	Obrigatória	60	0	0	60	72	4	
História da Educação	1	Obrigatória	30	0	0	30	36	2	
Tecnologias Digitais para Educação Básica	1	Obrigatória	30	0	0	30	36	2	
Ensino das lutas	2	Obrigatória	30	15	15	60	72	4	
TOTAL			240	30	30	300	360	20	
Estágio Supervisionado Escolar 3: Educação Física Escolar e Infâncias	4	Obrigatória	30	60	0	90	108	6	*Educação Física Escolar e Infâncias
Extensão escolar	3				60	60	72	4	
Estudos Integradores						30	36	2	

6º Período									
Componentes Curriculares	Núcleo 4/2024	Tipo	Carga Horária				Hora Aula	Créditos	Pré-requisito
			Teórica	Prática	Extensão - Núcleo 3	Hora relógio			
Educação Física Escolar, Adolescências e Juventudes	1	Obrigatória	60	0	0	60	72	4	
Psicologia da Educação	1	Obrigatória	60	0	0	60	72	4	
Fisiologia do exercício	2	Obrigatória	45	0	0	45	54	3	Fisiologia Humana
Educação Física, Teorias Pedagógicas e Construção Curricular	1	Obrigatória	60	0	0	60	72	4	
Eletiva	1	Eletiva	30	0	0	30	36	2	
Projeto de Pesquisa	1	Obrigatória	30	0	0	30	36	2	Metodologia do trabalho científico
TOTAL			285	0	0	285	342	19	
Estágio Supervisionado Escolar 4: Educação Física Escolar, Adolescências e Juventudes	4	Obrigatória	30	60	0	90	108	6	*Educação Física Escolar, adolescências e Juventudes
Extensão escolar	3				60	60	72	4	
Estudos Integradores						30	36	2	

7º Período									
Componentes Curriculares	Núcleo 4/2024	Tipo	Carga Horária				Hora Aula	Créditos	Pré-requisito
			Teórica	Prática	Extensão - Núcleo 3	Hora relógio			
Ensino do Esportes 2 - Esporte de combate, de campo e taco, de rede e parede.	2	Obrigatória	30	15	15	60	72	4	
Saúde, sociedade e educação física	2	Obrigatória	60	0	0	60	72	4	
Políticas Públicas de Educação	1	Obrigatória	60	0	0	60	72	4	
Optativa 1	2	Optativa	30	30	0	60	72	4	
Educação física, cultura afrobrasileira e indígena	2	Optativa	30	15	15	60	72	4	
Encontro de Saberes e educação física escolar	2	Obrigatória	30	15	15	60	72	4	
TOTAL			240	75	45	360	432	24	
Estudos Integradores					0	0	0	0	
Extensão escolar	3				75	75	90	5	

8º Período									
3	Núcleo 4/2024	Tipo	Carga Horária				Hora Aula	Créditos	Pré-requisito
			Teórica	Prática	Extensão - Núcleo 3	Hora relógio			
Sociologia das práticas corporais	2	Obrigatória	60	0	0	60	72	4	
Ensino do Esporte 3 - Esportes de invasão e esportes indígenas	2	Obrigatória	30	30	0	60	72	4	
Optativa 2	2	Optativa	60	0	0	60	72	4	
Educação Física Escolar, Jovens, Adultos e Idosos	1	Obrigatória	60	0	0	60	72	4	
Atividades extensionista	2	Obrigatória	30	0	0	30	36	2	
Trabalho de Conclusão de Curso	2	Obrigatória	30	0	0	30	36	2	
TOTAL			270	30		300	360	20	
Estágio Supervisionado Escolar 5: Educação Física Escolar, Jovens Adultos e Idosos	4	Obrigatória	30	60	0	90	108	6	*Educação Física Escolar, Jovens, Adultos e Idosos
Estudos Integradores						0	0	0	

6 Ementas das Disciplinas Obrigatórias

Disciplina: Citologia e Histologia Básica

Introdução à célula eucariota animal. Métodos de estudo de células e tecidos. Estrutura das membranas, transporte e comunicação celular. Compartimentos intracelulares e suas funções. Mitocôndrias e geração de energia. Citoesqueleto. Histofisiologia dos tecidos: epitelial, conjuntivo propriamente dito, adiposo, cartilaginoso, ósseo, muscular e nervoso.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

JUNQUEIRA, Luis C. U.; CARNEIRO, José. **Biologia celular e molecular**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. 332 p. ISBN 8527710455

JUNQUEIRA, Luis C.U; CARNEIRO, José. **Histologia Básica**. 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. 524 p. ISBN 9788527714020

SOBOTTA, Johannes. **Sobotta: Atlas de Histologia: citologia, histologia e anatomia microscópica**. 7ª ed. Welsch, Ulrich. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. 259 p. ISBN 9788527713146

Bibliografia complementar

ALBERTS, Bruce et al. **Fundamentos da Biologia Celular**. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2017. 838 p. *E-book*. ISBN 9788582714065

CARVALHO, Hernandes F.; RECCO-PIMENTEL, Shirlei Maria. **A célula**. 4. ed. Barueri: Manole, 2019. 696p. *E-book*. ISBN 9788520459034

GARTNER, Leslie P.; LEE, Lisa M.J. **Gartner & Hiatt histologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 8. Ed. 2024, 136p. *E-book*. ISBN 9788527740142

NEIVA, Gentileza S.M. **Histologia**. 1. ed. São Paulo: Pearson, 2015. ISBN 9788543010236

SILVA, Francinaldo S. **Princípios de histologia geral**. São Paulo: Blucher, 2025. *E-book*. ISBN: 9788521222767

Disciplina: Anatomia Aplicada à Educação Física

Estudo da anatomia humana aplicada ao movimento corporal e às práticas da Educação Física. Organização estrutural do corpo humano. Anatomia dos sistemas esquelético, articular e muscular. Planos, eixos e movimentos anatômicos. Anatomia funcional dos membros superiores, membros inferiores e tronco. Aplicações da anatomia na prescrição do exercício, prevenção de lesões e avaliação funcional.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

DÂNGELO, José Geraldo; FATTINI, Carlo Américo. Anatomia humana: sistêmica e segmentar. 3. ed. rev. São Paulo: Atheneu, 2011. 757 p. ISBN 8573798483.

DÂNGELO, José Geraldo; FATTINI, Carlo Américo. Anatomia básica dos sistemas orgânicos: Com a descrição dos ossos, juntas, músculos, vasos e nervos. São Paulo: Atheneu, 2002. 493 p. (Biblioteca Biomédica). ISBN 8573790687.

MCARDLE, William D.; KATCH, Frank I; KATCH, Victor L. Fisiologia do exercício: energia, nutrição e desempenho humano. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. lix, 1113 p. ISBN 8227708620.

Bibliografia Complementar

SOBOTTA, J. Coleção atlas de anatomia humana. vol. 23ª Ed. Guanabara Koogan, 2013.

KOPF-MAIER, P; WOLF-HEIDEGGER, G. Atlas de Anatomia Humana. 5ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

MOORE, Keith L.. Anatomia Orientada para a Prática Clínica. 4ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

POWERS, Scott K; HOWLEY, Edward T; QUINDRY, John C. Fisiologia do exercício: teoria e aplicação ao condicionamento e ao desempenho. 12. ed. Barueri: Manole, 2026. 1 recurso online (694 p.). ISBN 9788520467244.

KENNEY, W. Larry; COSTILL, David L; WILMORE, Jack H. Fisiologia do esporte e do exercício. 7. ed. Barueri: Manole, 2020. 1 recurso online (0 p.). ISBN 9786555760910.

Disciplina: Urgências e Emergências Aplicadas à Educação Física

Estudo das principais situações de urgência e emergência relacionadas à prática de atividades físicas, esportivas e recreativas. Identificação de sinais e sintomas de agravos clínicos e traumáticos em diferentes contextos da Educação Física. Avaliação primária e secundária da vítima. Suporte básico de vida, ressuscitação cardiopulmonar e uso do desfibrilador externo automático. Atendimento inicial em lesões musculoesqueléticas, síncope, crises convulsivas, parada cardiorrespiratória, choque, hipertermia, hipotermia e emergências respiratórias. Aspectos éticos e legais da atuação do profissional de Educação Física em situações emergenciais.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

FIGUEREDO, Wilton Nascimento; MORAIS, Aisiane Cedraz; PORTELA, Pollyana Pereira. Primeiros socorros na escola. SP: CRV, 2024.

FLEGEL, Melinda J. Primeiro socorros no esporte. Barueri, SP: Manole, 2002. 189 p. ISBN 8520413404.

SANTOS, Ednei Fernando dos. Manual de primeiros socorros da educação física aos esportes: o papel do educador físico no atendimento de socorro: novas recomendações. Rio de Janeiro: Galenus, ©2014. 128 p. ISBN 9788563960085.

Bibliografia Complementar

POWERS, Scott K; HOWLEY, Edward T; QUINDRY, John C. Fisiologia do exercício: teoria e aplicação ao condicionamento e ao desempenho. 12. ed. Barueri: Manole, 2026. 1 recurso online (694 p.). ISBN 9788520467244.

MCARDLE, William D.; KATCH, Frank I; KATCH, Victor L. Fisiologia do exercício: energia, nutrição e desempenho humano. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. lix, 1113 p. ISBN 8227708620.

KENNEY, W. Larry; COSTILL, David L; WILMORE, Jack H. Fisiologia do esporte e do exercício. 7. ed. Barueri: Manole, 2020. 1 recurso online (0 p.). ISBN 9786555760910.

FLEGEL, Melinda J. Primeiros socorros no esporte. 5. ed. São Paulo: Manole, 2015. 278 p. ISBN 9788520440834.

DÂNGELO, José Geraldo; FATTINI, Carlo Américo. Anatomia humana: sistêmica e segmentar. 3. ed. rev. São Paulo: Atheneu, 2011. 757 p. ISBN 8573798483.

Disciplina: História da Educação Física

Diálogos possíveis entre os campos científicos da História e da Educação Física. Perspectivas socioculturais para compreender a educação do corpo e as práticas corporais na história das sociedades. Contribuições da História para refletir sobre a Educação Física e o Esporte na sociedade moderna e na escola. Investigação da história da Educação Física e de seu conhecimento específico.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

VIGARELLO, G.; CORBIN, A.; COURTINE, J. (org.). **História do Corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 3 volumes, 2008.

SOARES, C. L. **Educação Física, raízes europeias e Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1994.

VAGO, T. M. **Histórias de Educação Física na escola**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

Bibliografia Complementar

CARVALHO, Y. M. de. RÚBIO, K. **Educação Física e ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001.

MELO, V. **História da Educação Física e do Esporte no Brasil: panorama e perspectivas**. São Paulo: IBRASA, 1999.

LINHALES, M. **A escola e o esporte: uma história de práticas culturais**. São Paulo: Cortez, 2009.

GOELLNER, S. V. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica**. Ijuí: Unijupi, 2003.

SOARES, C. L. **Pesquisas sobre o corpo: ciências humanas e educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

Disciplina: Jogos, brinquedos e brincadeiras

Abordagem do tema dos jogos, brinquedos e brincadeiras, compreendendo-os como conhecimentos e construções socioculturais. Discussão acerca dos sentidos e significados atribuídos a essas práticas, assim como sua importância na formação integral das pessoas. Conhecimento e vivência no ensino dos jogos, os brinquedos e as brincadeiras.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Duas Cidades/Editora 34, 2004.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e Cultura**: Questões da nossa época. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

DEBORTOLI, J. A. O.; MARTINS, M. F. A.; MARTINS, S. **Infâncias na metrópole**. Editora UFMG, 2008.

Bibliografia complementar

COELHO, L. S. .; ANDRADE, F. C. .; RIBEIRO, S. P. .; MEDINA, A. C. R. "Território do brincar – diálogo com as escolas": repensando o cotidiano escolar a partir do brincar livre: rethinking everyday school life from free play. **Revista Entreideias**: educação, cultura e sociedade, [S. l.], v. 12, n. 03, 2024. DOI: 10.9771/re.v12i3.54014.

DEBORTOLI, J. A. As crianças e a brincadeira. In: CARVALHO; SALLES; GUIMARÃES (Org.) **Desenvolvimento e Aprendizagem**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.p.77-88.

FARIA, E. L. **Apesar de você**: o brincar no cotidiano na escola. Licere, Belo Horizonte, v. 5, n.1, p.13-22, 2002.

GOMES, A. M. R.; GOUVÊA, M. C. S. A criança e a cidade: entre a sedução e o perigo.

DEBORTLI, J.; MARTINS, M.; MARTINS, S. (Org.). **Infâncias na metrópole**. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 47-70, 2008.

MURTA, A. **Barangandã arco-íris**: 36 brinquedos inventados por meninos. Belo Horizonte: Lapa Cia. de Ação Cultural, 1997

Disciplina: Leitura e produção textual

A língua(gem) como prática social: relações entre oralidade, escrita, variação linguística e norma padrão nos diferentes contextos de comunicação. Estudo dos gêneros e tipos textuais, considerando a diversidade sociocultural e os diferentes sujeitos sociais historicamente marginalizados. Formação do leitor por meio de estratégias e processos de leitura, compreensão e interpretação textual. Produção textual acadêmica com foco em coesão, coerência, (inter)textualidade, aspectos gramaticais e processos de autoria, argumentação e escrita na formação do graduando de Educação Física.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

KOCK, Ingedore Villaça. O texto e a construção dos sentidos. São Paulo: Contexto, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. 7. ed. São Paulo: Parábola, 2014 VIEIRA, Francisco Eduardo;

FARACO, Carlos Alberto. Escrever na universidade: texto e discurso. São Paulo: Parábola, 2019. (Escrever na universidade; 2).

Bibliografia complementar

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAZERMAN, Charles. Gêneros textuais, tipificação e interação / Charles Bazerman; Angela Paiva Dionísio (Organizadora), Judith Chambliss Hofnagel (Organizadora); Judith Chambliss Hoffnagel (Tradução) – 2.ed. – Recife: Pipa Comunicação, Campina Grande: EDUFPG, 2020.

DIONÍSIO Angela Paiva. HOFFNAGEM, Judith. (Orgs). Gênero Textual, agência e tecnologia. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

FARACO, Carlos Alberto. Escrever na universidade: gramática do período e da coordenação. São Paulo: Parábola, 2020. (Escrever na universidade; 3).

HOFFNAGEL, Judith Chambliss (orgs). Gêneros Textuais, Tipificação e Interação. São Paulo: Cortez, 2011.

KOCH, Ingedore Villaça. Texto e Coerência. São Paulo: Cortez, 2005.

Disciplina: Fundamentos das Tecnologias Digitais para a Docência

A informação e o conhecimento na estruturação e na organização da sociedade contemporânea. Tecnologia digital como meio de transformação política, econômica e social. Tecnologia de Propósito Geral (GPT) e educação. Fontes de informação na internet para educação básica: avaliação, qualidade, estratégias de busca. Recuperação da informação na internet.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. 22. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2020.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.

TOMAÉL, Maria Inês. Fontes de informação na Internet. Londrina: EDUEL, 2008.

Bibliografia Complementar

BRITO, Vladimir de Paula; PINHEIRO, Marta Macedo Kerr. Poder informacional e desinformação. Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação, João Pessoa, v. 8, n. 2, p.144-164, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/355>. Acesso em: 5 set. 2024.

DINIZ, Janaína do Rozário; FRANÇA, Renata de Souza. Tecnologias a serviço de quem? Um diálogo entre Álvaro Vieira Pinto, Evgeny Morozov, Paulo Freire e Sérgio Guimarães sobre capitalismo de vigilância na educação. Texto Livre, Belo Horizonte, v. 16, e42201, p. 1-11, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/42201>. Acesso em: 5 set. 2024.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2013.

MOTTA, Eduardo de Albuquerque. Revoluções tecnológicas e general purpose technologies: mudança técnica, dinâmica e transformações do capitalismo. In: RAPINI, Márcia Siqueira; RUFFONI, Janaína; SILVA, Leandro Alves (org.). Economia da ciência, tecnologia e inovação: fundamentos teóricos e a economia global. 2. ed. Belo Horizonte: CedeplarUFMG, 2021. p. 53-83.

PINTO, Álvaro Vieira. O conceito de tecnologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. v. 1.

Disciplina: Ensino do Esporte I: Esportes de Marcas, Técnico-Combinatórios e Precisão ou Alvo

Estudo das características dos esportes de marca, técnico-combinatórios e de precisão ou alvo, considerando seus aspectos históricos, técnicos, táticos e pedagógicos. Análise dos contextos culturais, sociais e históricos relacionados a essas modalidades, incluindo questões de gênero, violência, ética e inclusão. Metodologia do ensino dos esportes na escola (seleção e organização de conteúdos, métodos e avaliações) para desenvolver habilidades físicas e motoras com foco em esportes de marca, técnico-combinatórios e de precisão ou alvo. Desenvolvimento de propostas pedagógicas para o ensino desses esportes nas aulas de Educação Física.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

- MACHADO, D.C. Metodologia da Natação. São Paulo: EPU, 2004.
- MAGLISCHO, E. Nadando ainda mais rápido. São Paulo: Manole, 1999.
- MASSAUD, M. (Coord. Técnica). Regras oficiais de Natação. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.
- FERNANDES, J. L. Atletismo: arremessos. São Paulo: E. P. U, 1978.
- FERNANDES, J. L. Atletismo: corridas. 3. ed. São Paulo: E. P. U, 2003.
- FERNANDES, J. L. Atletismo: lançamentos e arremessos. São Paulo: E. P. U: 2003.

Bibliografia Complementar

- AMBROSIO, M. P. et al. Jogos e brincadeiras: atletismo e ginástica. Caderno Pedagógico. Governo de Minas Gerais. (S/D).
- MATTHIESEN, S. Q. Atletismo: teoria e prática. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017.
- MATTHIESEN, S. Q. Atletismo se aprende na escola. 2. ed. Jundiaí: Fontoura, 2009.
- KRING, R. F. Atletismo nas escolas: guia prático de treinamento. 3. ed.-. São Paulo: Cultrix, 1982.
- FERNANDES, José Luis. Atletismo: Os saltos. São Paulo: EPU, 2003.

Disciplina: Metodologia do Trabalho Científico

Tipologia e caracterização dos conhecimentos. Conhecimento científico: origem, evolução e desenvolvimento das ciências. Introdução à investigação científica: fundamentos, métodos e técnicas de pesquisa. Técnicas de estudo e fichamento. Normalização e apresentação do trabalho científico. Possibilitar a compreensão das múltiplas linguagens da comunicação científica: memoriais, monografias, artigos etc.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

CAMPOS, Cláudia Fátima et al. Normalização de publicações técnico-científicas da UEMG. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UEMG, 2024.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. Reimpressão 2008.

MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

Bibliografia Complementar

DEMO, Pedro. Metodologia do conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2000.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. Manual para normalização de publicações técnico-científicas. 10. ed. 1a reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2021.

MEDEIROS, João Bosco. Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SANTOS, Boaventura de Souza. Um discurso sobre as ciências. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

Disciplina: Bioquímica Básica

Introdução à Bioquímica. Estudo da molécula de água e da influência do pH nos processos biológicos do organismo. Estrutura, propriedades e funções das principais macromoléculas biológicas: carboidratos, proteínas, lipídeos. Fundamentos de bioenergética e metabolismo celular. Metabolismo de carboidratos, lipídeos e proteínas, envolvendo processos de síntese e degradação. Relação entre bioquímica, atividade física, saúde e aprendizagem no contexto escolar.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos; utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

LEHNINGER, Albert L.; NELSON, David L.; COX, Michael M. **Princípios de bioquímica de Lehninger**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002. 975 p ISBN 8573781254.

CAMPBELL, Mary K. **Bioquímica**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000. xxiii, 752 p. (Biblioteca artmed. Ciências básicas). ISBN 9788573076769 (broch.).

VIEIRA, Enio Cardillo. **Bioquímica celular e biologia molecular**. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2002. 375 p. (Biblioteca biomédica). ISBN 8573791535.

Bibliografia Complementar

HARVEY, Richard A; FERRIER, Denise R. **Bioquímica ilustrada**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012. 520 p. (Biblioteca Artmed. Bioquímica). ISBN 9788536326252.

MORAN, Laurence A; HORTON, Horace Robert; SCRIMGEOUR, K. Gray; PERRY, Marc D. **Bioquímica**. 5. ed. São Paulo: Pearson, 2013. 1 recurso online. ISBN 9788581431260.

VOET, Donald; VOET, Judith G. **Bioquímica**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013. 1 recurso online (0 p.). ISBN 9788582710050.

MARZZOCO, Anita; TORRES, Bayardo Baptista. **Bioquímica**. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2025. 1 recurso online (401 p.). ISBN 9788527740944.

BERG, Jeremy M; J., Jr. Gatto Gregory; STRYER, Lubert; TYMOCZKO, John L. **Bioquímica**. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2021. 1 recurso online (1200 p.). ISBN 9788527738224.

Disciplina: Ensino das práticas corporais de aventura e responsabilidade ambiental

Práticas corporais e esportivas de aventura na natureza e em espaços urbanos e não urbanos. Histórico e concepção das práticas corporais de aventura. Conceitos e significados de aventura e natureza. Fundamentação básica e vivência prática de diferentes esportes de aventura e atividades na natureza, incluindo as práticas indígenas. Atuação profissional com ênfase em aspectos sociais, regionais e de inclusão. Interfaces com a mineração e a Educação Ambiental. Conceitos de responsabilidade social e ambiental, ética e desenvolvimento sustentável.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

BRUHNS, H.T. A busca pela natureza turismo e aventura. Barueri, SP: Manole, 2009.

PEREIRA, Dimitri Wu; ARMBRUST, Igor. Pedagogia da aventura: os esportes radicais, de aventura e de ação na escola (recurso eletrônico). 3. ed. Várzea Paulista: Fontoura, 2023. 176 p. ISBN 978-658805413-0.

ROSA, Maria Cristina; RECHIA, Simone; NICÁCIO, Luiz Gustavo (org.). Lazer, natureza e educação (recurso eletrônico). São Paulo: Dialética, 2024. 240 p. ISBN 9786527048282.

Bibliografia Complementar

CARVALHO, I. C. M. A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

DIAS, C. A. G; ALVES JUNIOR, E. D. Em busca da aventura: múltiplos olhares sobre esporte, lazer e natureza. Niterói: EdUFF, 2009.

DIAS, G. F. Educação Ambiental: Princípios e Práticas. São Paulo: Gaia Editora, 2010.

FONSECA, C. Corrida de aventura: a natureza é nosso desafio (recurso online). 1. ed. São Paulo: Labrador, 2016.

MARINHO, A. BRUHNS, H.T. Viagens, lazer e esporte: o espaço da natureza (recurso eletrônico). 1. ed. Barueri: Manole, 2006.

NEIMAN, Z; RABINOVICI, A (Org). Turismo e meio ambiente no Brasil. Barueri: Manole, 2010. SAUER, C. E., PINTO, R.C. Sociedade, natureza e espaço geográfico (recurso online). 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2016.

Disciplina: ATIVIDADES INTEGRADORAS 1: SAÚDE COLETIVA

Ementa: Observação em campo dos processos cotidianos e estratégias reais de Saúde Coletiva e sua relação com a educação, o corpo e o ambiente. Identificação *in locus* do território (bairro, ocupação, praça, escola, UBS, associação de moradores, parque com academia ao ar livre, escola com horta, unidade de conservação), determinantes sociais da saúde e modos de vida comunitários (moradia, alimentação, violência, rede de apoio, entre outros), barreiras de acesso (raça/gênero/deficiência e situações de vulnerabilidade). Problemas e potencialidades do SUS e do território. Estratégias de educação em saúde, letramento, comunicação e orientações em saúde. Acolhimento, cuidado, vínculo e autonomia do usuário. Análise crítica de políticas públicas e intervenções em educação em saúde no território, bem como suas barreiras operacionais nos diversos contextos. Proposição de alternativas para políticas públicas e intervenções em educação em saúde. Interface Saúde–Meio Ambiente, explorando como práticas corporais ao ar livre, jogos cooperativos, atividades de aventura e hortas escolares podem articular os dois temas. Sistematização articulada das observações com disciplina Saúde, Sociedade e EF.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

BRASIL. Ministério da Saúde. **Caderno temático do Programa Saúde na Escola:** promoção da atividade física [recurso eletrônico]. Brasília: Ministério da Saúde, 2022. 27 p. : il. ISBN 978-65-5993-254-2. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderno_tematico_pse_atividade_fisica.pdf. Acesso em: 27 maio 2026.

MANSKE, George Saliba (org.). Práticas corporais no campo da Educação Física: interfaces entre saúde e educação [recurso digital: E-book]. São Paulo: Pimenta Cultural, 2025.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Promoção de saúde e as cidades.** Brasília, DF: OPAS, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.37774/9789275728871>. Acesso em: 27 maio 2026.

Bibliografia Complementar

BAGRICHESVSKY, Marcos; PALMA, Alexandre; ESTEVÃO, Adriana (Orgs). **A Saúde em Debate na Educação Física.** Blumenau: Edibes, V.2, 2006. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_debate_educacao_fisica_v2.pdf. Acesso em: 27 maio 2026.

CRUZ, Pedro José Santos Carneiro et al. Educação popular e práticas sociais na atenção primária à saúde: referenciais, experiências e vivências [recurso digital: E-book]. Dados eletrônicos. João Pessoa: Editora do CCTA, 2025.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Trilhar a Promoção da Saúde nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Brasília, DF: OPAS, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.37774/9789275728895>. Acesso em: 27 maio 2026.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Transformar cada escola da Região das Américas em uma escola promotora de saúde: guia de implementação para instituições educacionais. Washington, D.C.: OPAS, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.37774/9789275728130>. Acesso em: 27 maio 2026.

WACHS, Felipe; ALMEIDA, Ueberson Ribeiro; BRANDÃO, Fabiana F. de Freitas (org.). **Educação Física e Saúde Coletiva**: cenários, experiências e artefatos culturais. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2016. 379 p. (Interlocuções Práticas, experiências e pesquisas em saúde; 3). ISBN 978-85-66659-54-2. DOI 10.18310/9788566659542.

Disciplina: Introdução à Filosofia

Origens do pensamento ocidental: transição da cosmovisão mítica para filosofia; natureza do saber filosófico. A ideia de ciência na Antiguidade Clássica. Ciência moderna e fundamentação filosófica: racionalismo, empirismo e criticismo. Crítica da racionalidade instrumental. A educação e a dimensão ética do agir humano: teorias éticas; questões éticas atuais.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

ARANHA, Maria Lúcia. Filosofando: introdução à filosofia. São Paulo: Moderna.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 2001.

MARCONDES, Danilo. Iniciação à História da Filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Bibliografia Complementar

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. Martins Fontes. São Paulo 1998.

DESCARTES, René. Discurso do método; As paixões da alma; Meditações. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

HOBBS, Thomas. Leviatã, ou, Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

PLATÃO. A República. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

REALE, Giovanna, ANTISERI, Dante. História da filosofia: antiguidade e Idade Média. 6. ed. São Paulo: Paulus, 1990.

Disciplina: Sociologia da Educação

O desenvolvimento do campo científico da sociologia. A contribuição dos autores clássicos para a interpretação da sociedade: Émile Durkheim, Karl Marx e Max Weber. Neoliberalismo e Globalização. A Sociologia da Educação: teorias clássicas e teorias críticas.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. Aprendendo a pensar com a sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DAYRELL, Juarez. Múltiplos olhares sobre Educação e cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

QUINTANEIRO, Tânia; BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardênia Monteiro de. Um toque de clássicos. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

Bibliografia Complementar

ALTHUSSER, Louis. Sobre a reprodução. Petrópolis, Vozes, 1995.

BOURDIEU, Pierre. "Condição de classe e posição de classe". In: BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1974.

CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

SÁNCHEZ, Antonio Hernández. Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: Thex Editora, 2001.

TURA, Maria de Lourdes Rangel (org.). Sociologia para educadores. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

Disciplina: Libras - Língua Brasileira de Sinais

O reconhecimento da língua brasileira de sinais como expressão e comunicação da comunidade surda. O percurso histórico educacional, social e legislativo. Cultura e identidade surda. Comunicação básica, envolvendo estudos gramaticais. Métodos para a educação de surdos.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

QUADROS, Ronice Müller de; MACHADO, Rodrigo Nogueira; SILVA, Jair Barbosa da. Introdução ao estudo da Libras. São Paulo: Editora Contexto, 2025. E-book. ISBN 9786555416367.

GESSER, Audrei. Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

QUADROS, Ronice Müller de et al.(org.). Gramática da Língua de Sinais Brasileira (Libras). v. 2. Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2023.

Bibliografia complementar

CARVALHO, Vilmar Fernando; CAMPELLO, Ana Regina. A existência de quatorze (14) identidades surdas. **Revista Humanidades e Inovação** - ISSN 2358-8322 - Palmas - TO - v.9, n.14, 2022.

QUADROS, Ronice Müller de et al. (org.). **Gramática da Libras** (Volume 1). Rio de Janeiro: INES, 2023.

FELIPE, Tanya Amara; MONTEIRO, Myrna Salerno. **Libras em Contexto: Curso Básico: Livro do Estudante**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DOS SURDOS. **Dicionário de Libras on-line**. V. 3, 2011.

FELIPE, Tanya A.; MONTEIRO, Myrna S. *Libras em Contexto: curso básico, livro do professor instrutor*. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEESP, 2001.

Disciplina: Ensino da Capoeira

As culturas e os valores civilizatórios das práticas corporais afro-brasileiras na constituição da identidade nacional. Estudo da história da Capoeira e das práticas corporais afro-brasileiras. Métodos de ensino e aprendizagem dos fundamentos das diversas comunidades de prática. Planejamento do processo de Educação das relações étnico-raciais na Educação Física, nos espaços escolares e em outros espaços educativos. Espetacularização e esportivização da Capoeira e de outras práticas corporais afro-brasileiras.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

FALCÃO, José Luiz Cirqueira. *A capoeira na escola*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 22, n. 3, 2001.

REIS, André Luiz Teixeira. *A capoeira como conteúdo da educação física escolar*. Brasília: Edição do Autor, 2005.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2004.

Bibliografia complementar

SILVA, Consuelo Dore. Negro, qual é o seu nome? Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

VISENTINI, Paulo Fagundes; RIBEIRO, Luiz Dario Teixeira; PEREIRA, Analúcia Danilevich. *História da África e dos africanos*. Petrópolis: Vozes, 2013.

KANITZ, Roberto Camargos Malcher. *Capoeira na Favela: Jogo de dentro e Jogo de Fora*. Belo Horizonte: Akofa Editora, 2025.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. (9ª Ed) Petrópolis: Vozes, 2011.

RAIMUNDO, Maria

Helena. *Vamos fazer macumba? conversando sobre as religiosidades de Matriz Africana*. Uberlândia: Ed. da autora, 2022.

Disciplina: História e Cultura Afro-brasileira e Indígena

Diversidade indígena no território brasileiro colonial, incluindo as formas de servidão e a constituição do sistema escravista; trânsitos históricos e culturais das diásporas africanas e a formação da escravidão no Brasil. Construção histórica e historiográfica das identidades negras e indígenas, suas formas de resistência e suas ressignificações ao longo do tempo. Expressões contemporâneas das culturas afro-brasileiras e indígenas, articuladas às persistentes desigualdades raciais, às ações afirmativas e às políticas de cotas. A luta antirracista no Brasil republicano, os impactos da Constituição de 1988 sobre a questão étnico-racial e o protagonismo dos movimentos negros e indígenas na construção da democracia contemporânea.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

CUNHA, Manuela Carneiro da. (org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Fapesp/Cia das Letras, 1992.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG/Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.

LIMA, Pablo (coord.) **Fontes e reflexões para o ensino de História Indígena e Afrobrasileira**. Uma contribuição da Área de História do PIBID/FAE/UFMG. Belo Horizonte: UFMG-FAE, 2012.

Bibliografia complementar

ABREU, Martha e MATTOS, Hebe. Em torno das Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana: uma conversa com historiadores. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, 21(41), jan./jun., 2008.

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **A África na sala de aula: visita à história contemporânea**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2006.

PEREIRA, Amílcar A. & MONTEIRO, Ana Maria (Orgs.). **Ensino de História e culturas afro-brasileiras e indígenas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito**. A resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Disciplina: Fisiologia Humana

Estudo dos mecanismos e funções gerais das células e sistemas fisiológicos – nervoso, muscular, cardiovascular, respiratório, digestivo, genital, urinário e endócrino e sua relação com a homeostasia e o ambiente. Identificação, análise, regulação e controle dos fenômenos físico-químicos e dos parâmetros fisiológicos. Aspectos teóricos e metodológicos do ensino de fisiologia humana aplicados ao contexto educacional e à promoção da saúde no ambiente escolar. Desenvolvimento de atividades práticas relacionadas à avaliação de parâmetros fisiológicos aplicados ao repouso.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

AIRES, Margarida de Mello. **Fisiologia**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015.

BERNE, Robert M. et al. **Fisiologia**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000. 1034 p. ISBN 8527705591.

GUYTON, Arthur C; HALL, John E. **Tratado de fisiologia médica**. 10ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. 973 p. ISBN 8527707136.

Bibliografia complementar

CURI, Rui; PROCOPIO, Joaquim. **Fisiologia básica**. 1. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017. Recurso online (416 p.). ISBN 9788527732307

HALL, John E; HALL, Michael E. **Guyton e Hall fundamentos de fisiologia**. 14. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2023. Recurso online (256 p.). ISBN 9788595159518

KOEPPEN, Bruce M; HALL, Julianne M; KRAUSE, Mauricio; STANTON, Bruce A; SWIATECKA-URBAN, Agnieszka; VOEUX, Patricia Lydie. **Berne e Levy fisiologia**. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2025. Recurso online (799 p.). ISBN 9786561110037

WIDMAIER, Eric P; RAFF, Hershel; STRANG, Kevin T. Vander. **Fisiologia humana: os mecanismos das funções corporais**. 16. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2024. Recurso online (88 p.). ISBN 9788527740104

SILVERTHORN, Dee Unglaub. **Fisiologia humana: uma abordagem integrada**. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017. Recurso online. ISBN 9788582714041

Disciplina: Antropologia e Educação

O campo da Antropologia no interior das ciências sociais e humanas – sua especificidade. Estudo de conceitos fundamentais à disciplina, como: cultura, alteridade, diversidade, etnocentrismo e relativismo cultural. A Antropologia e a Educação: a escola como instituição sociocultural. Preconceito e discriminação no contexto escolar.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

LARAIA, R.B. **Cultura – um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2000.

MELLO, Luiz Gonzaga de. **Antropologia Cultural: Iniciação, Teoria e Temas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LÉVI-STRAUSS, C. **Raça e História**. In: Antropologia Estrutural II. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

CARNEIRO DA CUNHA, M. **Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico**. In: *Cultura com aspas*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

Bibliografia complementar

ARROYO, Miguel G. **Imagens Quebradas: Trajetórias e Tempos de Alunos e Mestres**. Belo Horizonte: Vozes, 2004.

BRANDÃO, C.R. **A Educação como Cultura**. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

CARNEIRO DA CUNHA, M. **Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico** In: **Cultura com aspas**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre Educação e cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1989.

LÉVI-STRAUSS, C. **Raça e História**. In: Antropologia Estrutural II. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

TASSINARI, Antonella. **A educação escolar indígena no contexto da antropologia brasileira**. Ilha: Revista de Antropologia. UFSC, 2008.

Disciplina: Estudos do lazer

O Lazer como direito social, dimensão da vida e necessidade humana. Diferentes Concepções, conceitos e fundamentos do Lazer. Relação Lazer e trabalho no contexto histórico e contemporâneo. As implicações da uberização da vida e do trabalho no lazer. O lazer nos currículos escolares e não escolares. Educação para e pelo lazer. Lazer, elaboração de projetos e organização de eventos. Lazer, Cidade e equipamentos de lazer. O direito à cidade e mobilidade urbana. Vivências de lazer na cidade e na natureza. Lazer e Marcadores Sociais da Diferença na perspectiva interseccional. Lazer e as barreiras de acesso e permanência para grupos subalternizados: pessoas com deficiência, mulheres, pessoas pardas e pretas, indígenas, quilombolas, comunidades rurais, pessoas soropositivas, pessoas LGBTQIA+ e ciganos. Lazer e as Fases da Vida: infância, juventude, vida adulta e velhice. Formação e Atuação Profissional em Lazer.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

GOMES, C. L. (Org.) **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2004.

GOMES, C. L.; ISAYAMA, H. F. (Org.) **O direito social ao lazer no Brasil**. Campinas. Autores Associados. 2015.

MELO, V. A. **Lazer e Minorias Sociais**. São Paulo: IBRASA, 2009.

Bibliografia Complementar

GOMES, N. L. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação – Ebook - São Paulo : Vozes, 2017.

GOMES, C. L. Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas – 2 ed – Belo Horizonte, Editora UFMG, 2008.

ISAYAMA, H. F. (Org.). Lazer em estudo: currículo e formação profissional. Campinas: Papirus, 2010.

MELO, V. A.; ALVES JUNIOR, E. D. Introdução ao lazer. 2. ed. Barueri: Manole, 2012.

MARCELLINO, N. C. Estudos do lazer: uma introdução. Campinas, Autores Associados, 5ª Edição, 2013.

PINTO, L. M. S. de M. Como fazer Projetos de Lazer elaboração, execução e avaliação – Ebook – Campinas : Papirus, 2014.

Disciplina: Atividades integradoras 2: Programas de lazer

Atuação dos professores e professoras de Educação Física no campo do lazer, considerando seus diferentes contextos educativos, sociais e institucionais. Relações entre lazer, educação e práticas pedagógicas em programas sociais de lazer, cultura e esporte. Planejamento, organização, implementação e avaliação de programas de lazer em contextos escolares e não escolares. Colônias de férias, acampamentos, escotismo, clubes recreativos e espaços comunitários como possibilidade de atuação profissional. O lazer na perspectiva dos direitos humanos, da inclusão social e da cidadania em instituições de acolhimento, comunidades terapêuticas, casas-lares, espaços de cuidado e contextos de privação de liberdade. Formação e Atuação profissional para grupos subalternizados: pessoas com deficiência, mulheres, pessoas pardas e pretas, indígenas, quilombolas, comunidades rurais, pessoas soropositivas, pessoas LGBTQIA+ e ciganos. Formação, identidade profissional e mediação pedagógica da professora e do professor de Educação Física no campo do lazer.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

GOMES, C. L.; ISAYAMA, H. F.
(Org.) **O direito social ao lazer no Brasil**. Campinas. Autores Associados. 2015.

ISAYAMA, H. F. (Org.). **Lazer em estudo**: currículo e formação profissional. Campinas: Papirus, 2010.

ISAYAMA, H. F. (Org.) Formação e atuação profissional em políticas públicas de esporte e lazer: estudos e pesquisas. Belo Horizonte : Editora UFMG, 2018.

Bibliografia Complementar

GOMES, N. L. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação – Ebook - São Paulo : Vozes, 2017.

MARCELLINO, N. C. (Org.). Lazer e sociedade: múltiplas relações. Campinas: Alínea, 2008.

MASCARENHAS, Fernando (Org.) Financiamento do esporte e do lazer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

MELO, V. A. Lazer e Minorias Sociais. São Paulo: IBRASA, 2009.

PINTO, L. M. S. de M. Como Fazer Projetos de Lazer: elaboração, execução e avaliação – Ebook – Campinas : Papirus, 2014.

RIBEIRO, G. C. Política de esporte, cultura e lazer na socioeducação: a intersetorialidade em questão na unidade de internação de São Sebastião–DF. 2016.

ROCHA, P. G. A garantia do direito ao lazer nas “casas lares” de Belo Horizonte. In: AMORIM, P. A. R. et al. (Org.). GESPEL em ação no Centro MG da Rede CEDES. Utópica Editorial, 2019.

Disciplina: Teorias do comportamento motor para a Educação Física escolar

Bases neurais, perceptivas e cognitivas do movimento voluntário. Processamento de informação e programas motores. Integração sensório-motora. Teorias associadas ao controle motor e à aprendizagem motora. Aquisição de habilidades motoras. Distinção entre aprendizagem e desempenho motor. Fases da aprendizagem motora. Retenção e transferência como medidas de aprendizagem. Instrução verbal e demonstração no ensino de habilidades. Tipos, frequência e timing do feedback extrínseco. Organização e variabilidade da prática. Prática física e prática mental. Perspectiva longitudinal do desenvolvimento motor, do período pré-natal ao envelhecimento. Fases e princípios do desenvolvimento motor. Habilidades motoras fundamentais e especializadas. Desordens no desenvolvimento motor. Aplicações do Comportamento Motor à intervenção em Educação Física.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos; utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C.; GOODWAY, J. D. Compreendendo o desenvolvimento motor de bebês, crianças, adolescentes e adultos. 5ª Ed. São Paulo: AMGH Editora, 2013. 5 Exemplares.

GRECO, P. J. (Org.). Iniciação esportiva universal: da aprendizagem motora ao treinamento técnico. Belo Horizonte: UFMG, 2007. 2 Exemplares.

SCHMIDT, R. A.; WRISBERG, C. A. Aprendizagem e performance motora: Uma abordagem da aprendizagem baseada no problema. 2ª Ed., Porto Alegre: ARTMED, 2001. 4 exemplares.

TANI, G. Comportamento motor. 1. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016, 350 p. (online)

TANI, G.; CORRÊA, U. C. Aprendizagem motora e o ensino do esporte. 1. ed. São Paulo: Blucher, 2016. (online)

Disciplina: Pessoa com Deficiência, Inclusão e Acessibilidade

Estudo da pessoa com deficiência nos âmbitos da Educação Física e da Educação Inclusiva e da Atividade Física Adaptada. Análise da construção histórica e social da deficiência. Discussão dos conceitos de exclusão, segregação, integração e inclusão a partir de teorias críticas da educação e da diversidade. Compreensão do conceito de pessoa com deficiência e dos diferentes tipos de deficiência (física, sensorial, intelectual, múltipla e Transtorno do Espectro Autista etc.), articulando perspectivas biomédicas e sociais. Estudo das legislações e políticas públicas brasileiras voltadas à inclusão, ao direito à educação, ao esporte e ao lazer. Abordagem da acessibilidade, do desenho universal e das práticas pedagógicas inclusivas na Educação Física, com ênfase na atuação profissional ética, crítica e comprometida com a equidade, a diversidade e a participação social.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

BIEDRZYCKI, B. P.; POSSAMAI, V. D.; SILVA, J. Vi. **Educação física inclusiva e esportes adaptados**. 1. ed. Porto Alegre: SAGAH, 2020. (E-Book)

GLAT, R. (Org). **Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. 2. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013. (5 exemplares)

GREGUOL, M.; COSTA, R. F. (Org.). **Atividade Física Adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. 2.ed. Barueri: Manole, 2008. (2 exemplares)

Bibliografia Complementar

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência - Estatuto da Pessoa com Deficiência**. Disponível em: [lei brasileira de inclusao digital 1 .pdf](#). Acesso em 20 de maio de 2026.

CARVALHO, R. E. **Educação inclusiva: com os pingos nos "is"**. 12. ed. Porto Alegre: Mediação, 2018. 174 p

LEME, M. E. S. **Deficiência e o mundo do trabalho: Discursos e contradições**. 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2023. (Epub).

MACEDO, B. R. N. (org.). **Esporte Adaptativo Escolar e Paralímpico**. 1. ed. Freitas Bastos Editora. Rio de Janeiro, RJ: República, 2026. (E-book)

SILVA, A. M. M. (org.). **Educação inclusiva e direitos humanos: perspectivas contemporâneas**. São Paulo: Cortez, 2015. 189 p. (Coleção Educação em direitos humanos).

Disciplina: Ensino das Danças

Contextualização histórica da Dança enquanto prática cultural e suas relações com a Educação Física. Estudo dos fundamentos que organizam o conhecimento em Dança a partir da teoria de Laban. Apreciação e vivência de danças populares brasileiras e internacionais. Apresentação de estratégias metodológicas para o ensino da dança na escola e em espaços não escolares. Diálogo entre a Universidade e a sociedade por meio da dança.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

LABAN, R. V. Domínio do movimento. 3. ed. São Paulo: Summus, 1978.

BOURCIER, P. História da dança no Ocidente. 2ª ed. Martins Fontes, 2012.

CÔRTEZ, G. Dança Brasil: festas e danças populares. Leitura, 2000.

Bibliografia Complementar

LARROSA, Jorge. Pedagogia profana; danças, piruetas e mascaradas. São Paulo, Autêntica, 2017.

MARQUES, I. A. Ensino de dança hoje: textos e contextos. São Paulo, Cortez, 2008.

NANNI, D. Dança educação: pré-escola à universidade. 4ª ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

ROSA, M. C. Corpo e Movimento: danças folclóricas. Ouro Preto: UFOP, 2012.

SANTAELLA, Lucia. Corpo e comunicação: sintoma da cultura. 2008.

Disciplina: Educação Física e Organização Escolar

Função social da escola. Escola como espaço sociocultural. Cultura escolar. A escola como lócus significativos no processo de construção da identidade docente. Desenvolvimento de atitude investigativa no contato com a realidade escolar. Introdução à produção de narrativas docentes.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

ESCOLANO, A. B. A Escola como Cultura: experiência, memória e arqueologia. Campinas: Alínea, 2017.

FORQUIN, J. C. Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

NÓVOA, A. (Org.). Vidas de professores. 2. ed. Portugal: Porto Editora, 2000.

Bibliografia complementar

ARROYO, M. G. Produção de saber em situação de trabalho: o trabalho docente. Trabalho e Educação, Vol.12, n. 1, p.51-61, jan./jun., 2003.

GOODSON, I. Conhecimento e Vida Profissional – Estudos sobre educação e mudança. Porto: Porto Editora, 2008.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. Revista Brasileira de História da Educação, nº 1, jan./jun., 2001, p. 9-43.

LARROSA BONDÍA, J. Notas sobre Narrativa e Identidade. In: ABRAHÃO, M.H.M.B. (org.). A Aventura (Auto) Biográfica: teoria e empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

PERÉZ-GOMÉZ, A. I. A Cultura Escolar na sociedade neoliberal. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

Disciplina: Princípios cinesiológicos e biomecânicos aplicados à Educação Física

Estudo dos fundamentos da Cinesiologia e da Biomecânica aplicados ao movimento humano no contexto da Educação Física escolar. Compreensão dos princípios anatômicos, mecânicos e funcionais relacionados ao movimento corporal. Análise dos planos e eixos do movimento, cinemática e cinética do corpo humano, alavancas biológicas, forças internas e externas, equilíbrio, postura e controle motor. Aplicação dos conceitos biomecânicos na análise e interpretação de habilidades motoras, exercícios físicos, esportes e atividades corporais presentes na educação básica. Relação entre crescimento, desenvolvimento motor e aprendizagem motora. Utilização da análise do movimento como ferramenta para planejamento pedagógico, prevenção de lesões e promoção da saúde no ambiente escolar.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

BRUNNSTROM, S.; LEHMKUHL, L.D.; SMITH, L.K. Cinesiologia clínica de Brunnstrom.

6. ed. São Paulo: Manole, 2014.

ENOKA, M.R. Bases neuromecânicas da cinesiologia. São Paulo: Manole, 2000.

SHIRL J. HOFFMAN, JANET C. HARRIS. Cinesiologia: o estudo da atividade física. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Bibliografia complementar

LIMA C.S.; PINTO R. S. Cinesiologia e musculação. Porto Alegre: Artmed, 2006.

THOMPSON, C. W.; FLOYD, R. T. Manual de Cinesiologia Estrutural. 14. ed. Barueri: Manole, 2011.

NORDIN M., FRANKEL V.H. Biomecânica básica do sistema musculoesquelético. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

LIPPERT, L.S. Cinesiologia clínica e anatomia. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.

JUNIOR, A.T; MOCHIZUKI, L. Biomecânica para a educação postural na educação física escolar: Da concepção curricular aos resultados da intervenção pedagógica. 1. Ed. Curitiba: CRV, 2025

Disciplina: Didática Geral

A Didática como campo teórico-prático da formação docente, compreendendo a docência como ação educativa intencional, ética, estética e política. As teorias pedagógicas, suas concepções e pressupostos. Análise das relações entre ensino, aprendizagem e avaliação, articulando fundamentos epistemológicos, pedagógicos e socioculturais. Abordagem de metodologias de ensino, práticas inovadoras e uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), considerando a diversidade, a inclusão e as desigualdades educacionais. Desenvolvimento de práticas investigativas e reflexivas sobre a ação docente, integrando ensino, pesquisa e extensão, em consonância com a formação crítica, contextualizada e comprometida com a qualidade social da educação.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

LONGAREZI, Andréa Maturano; PIMENTA, Selma Garrido; PUENTES, Roberto Valdés (org.). **Didática Crítica no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2023.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Técnicas de Ensino**: por que não? 10. ed. Papirus, 2000.

Bibliografia complementar

CANDAU, Vera Maria Ferrão (Org.). **Didática**: questões contemporâneas. Rio de Janeiro: Editora Forma & Ação, 2009.

CANDAU, Vera Maria (Org.). **A didática em questão**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1992. (Coleção Magistério – 2º grau. Série Formação do professor)

MARTINS, Pura Lúcia Oliver. **Didática teórica, didática prática; para além do confronto**. São Paulo: Loyola, 1989.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; BRACHT, Valter (Org.). *Metodologia do ensino dos esportes coletivos*. Vitória: UFES, 2012.

Disciplina: Ensino das Ginásticas

Estudo da ginástica e do circo como manifestação da cultura abordando fundamentos históricos, pedagógicos e técnicos. Vivência e análise das ginásticas de condicionamento físico, conscientização corporal, ginásticas esportivas, ginástica para todos e práticas circenses em contextos escolares e não escolares.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

AYOUB, Eliana. **Ginástica geral e educação física escolar**. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

NISTA-PICCOLO, Vilma Lení; NUNOMURA, Myrian (org.). **Compreendendo a ginástica artística**. São Paulo: Phorte, 2005.

TOLEDO, Eliana de (Org). **Democratizando o ensino da ginástica**: estudos e exemplos de sua implantação em diferentes contextos sociais. São Paulo: Fontoura, 2013.

Bibliografia complementar

GAIO, Roberta et al. **Ginástica e dança**: no ritmo da escola. São Paulo: Fontoura, 2010.

GAIO, Roberta. GOIS, Ana A. F. BATISTA, José C. (org.) **A ginástica em questão**: corpo e movimento. 2ed. São Paulo: Phorte, 2010.

MARTINS, Sissi. **Ginástica rítmica desportiva**: aprendendo passo a passo. Rio de Janeiro: Shape, 1999.

VIDAL, Andréa; ANIC, Cibele Calvi; KERBEJ, Maria Helena Aita. **Ginástica de academia**: aprendendo a ensinar. São Paulo, SP: Phorte, 2018. 1 recurso online. ISBN 9788576556961.

SUGAWARA, Carlos. **Técnicas circenses aéreas**: corda lisa e tecidos. 1. ed. São Paulo: Phorte, 2010. 1 recurso online. ISBN 9788576555193.

Disciplina: Educação Física Escolar e Infâncias

Compreensão das Infâncias como construção histórico social. Estudo das diversas dimensões do Desenvolvimento Infantil. Caracterização da criança da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Estudo das relações de gênero, sexualidade e etnia e as Infâncias. Compreensão dos Jogos e brincadeiras como temática do processo de ensino e aprendizagem. Estudo sobre diferentes abordagens do ensino da Educação Física para as Infâncias. Diálogo com o campo de estágio para produzir e avaliar práticas pedagógicas de Educação Física que se relacionem com as Culturas Infantis e com a função social dos Espaços Escolares.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

ÁRIES, P. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1978.

CARVALHO, A.; SALLES, F.; GUIMARÃES, M. (Org.). Desenvolvimento e Aprendizagem. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

DEBORTOLI, J. A. O.; MARTINS, M. F. A.; MARTINS, S. (Org.). Infâncias na Metrópole. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

Bibliografia complementar

ANDRADE FILHO, N. F.; SCHNEIDER, O. (Org.). Educação Física para a Educação Infantil: Conhecimento e especificidade. 1ed. Aracaju: Editora UFS, 2008.

FLÔR, D. C.; DURLI, Z. (Org.). Educação Infantil e Formação de Professores. Florianópolis: Editora da UFSC, 2012.

KISHIMOTO, T. M.; OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. (Org.). Em busca da pedagogia da infância: pertencer e participar. Penso, 2013.

PALMA, A. P. T. V.; OLIVEIRA, A. A. B.; PALMA, J. A. V. Educação Física e a organização curricular: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2021.

VAGO, T. M. Educação Física na Escola: para enriquecer a experiência da infância e da juventude. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

Disciplina: História da Educação

Bases epistemológicas, metodológicas e teóricas da História e da História da Educação. História da Educação no Brasil. Educação na América Portuguesa, no Brasil Imperial e na Primeira República: estudo das instituições escolares, das políticas educacionais e das práticas educativas não escolares. A modernidade republicana: o otimismo pedagógico e a Escola Nova. A educação na Era Vargas. A educação na República Populista. A Educação e o Regime Militar. As Perspectivas e os Desafios da Educação no Brasil na contemporaneidade.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

BOMENY, Helena. **Os intelectuais da educação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2001.

FARIA FILHO, Luciano Mendes, VEIGA, Cynthia Greive. (org.). **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. **História da Educação Brasileira: Leituras**. São Paulo: Centage Learning, 2011.

Bibliografia complementar

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Unesp, 1999.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e, VEIGA, Cynthia Greive (orgs.). **História da Educação: temas e problemas**. Belo Horizonte: Mazza, 2011.

GHIRALDELLI Jr., Paulo. **História da Educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

MARROU, Henri-Irénée. **História da Educação na Antiguidade**. São Paulo: Herder/Universidade de São Paulo, 1969.

VEIGA, Cynthia Greive. **História da Educação**. São Paulo: Ática, 2007.

Disciplina: Tecnologias Digitais para Educação Básica

Tecnologias digitais e as novas configurações do processo de ensino-aprendizagem na educação básica. Análise crítica e reflexiva das tecnologias digitais na educação. Plataformas e softwares educacionais na educação básica: oportunidades e riscos. Inteligência artificial e educação básica: oportunidades, desafios e implicações. Recursos Educacionais Abertos. Metodologias ativas de aprendizagem e tecnologias digitais.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

FERREIRA, Ediene do Amaral; FOFONCA, Eduardo. **Inteligência Artificial + Educação**: práticas pedagógicas do tempo presente. Curitiba: UTP, 2025.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a mídia**: novos diálogos sobre educação. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2013.

FURTADO, Débora; AMIEL, Tel. **Guia de bolso da Educação Aberta**. Brasília, DF: Iniciativa Educação Aberta, 2019. Disponível em:
[https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/564609/3/Guia%20de%20bolso %20REA_vf_tela.pdf](https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/564609/3/Guia%20de%20bolso%20REA_vf_tela.pdf). Acesso em: 03 mar.2026.

Bibliografia complementar

COSCARELLI, Carla Viana (org.). **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

DINIZ, J. do R.; OLIVEIRA NETO, A. B. de . Vigilância, plataformização da educação e possíveis saídas: um breve panorama. **Germinal**: marxismo e educação em debate, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 68–89, 2025. DOI: 10.9771/gmed.v17i1.62756. Disponível em:
<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/62756>. Acesso em: 03 mar.2026

EVANGELISTA, Rafael (org.). **Educação em um cenário de plataformização e de economia dos dados**. São Paulo: Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. 2024.

GONSALES, Priscila. **Inteligência além da artificial**: educar para o pensar complexo. São Paulo: Z Edições, 2022.

VENÂNCIO, Ludmila Salomão; MAIA, Tatiane Letícia; MAIA, Viviane Milena. A gamificação como recurso metodológico no processo de ensino-aprendizagem: contribuições nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **@rquivo Brasileiro de Educação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 20, p. 324-343, dez. 2023. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/arquivobrasileiroeducacao/article/view/31809>. Acesso em: 03 mar.2026.

Disciplina: Ensino das lutas

Lutas como manifestações da cultura corporal de movimento, em suas dimensões histórica, filosófica e cultural. Conceituação e classificação das lutas, das artes marciais e dos esportes de combate. Caracterização das modalidades de lutas por indumentária, espacialidade, temporalidade, ação motora e princípios operacionais. Aspectos filosóficos, éticos e identitários que fundamentam as práticas de luta. Aspectos motores aplicados à aquisição de habilidades nas modalidades de lutas. Habilidades motoras e capacidades coordenativas no contexto da prática das lutas na escola. Organização e progressão de sequências didáticas para o ensino das lutas. Princípios pedagógicos e metodológicos para o ensino das lutas na educação básica. Dimensões culturais e de saúde relacionadas à prática das lutas. Regras, regulamentos e manifestações competitivas das principais modalidades. Segurança na prática e prevenção de lesões. Avaliação da aprendizagem e do desenvolvimento motor no ensino das lutas. Planejamento e organização do trabalho pedagógico com lutas nos diferentes ciclos de escolarização. Aplicações das lutas como conteúdo da Educação Física na educação básica.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; BRACHT, Valter (Org.). *Metodologia do ensino dos esportes coletivos*. Vitória: UFES, 2012.

KANO, J. *Judô Kodokan*. São Paulo: Cultrix, 2009. 10 exemplares.

VIEIRA, C. S.; SOUZA JÚNIOR, W. R. *Judô paraolímpico: manual de orientação para professores de educação física*. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.

Bibliografia Complementar

ANTUNES, M. M. et al. *Pedagogia das artes marciais e esportes de combate no Brasil: um estudo sobre a produção científica nacional*. Arquivos em Movimento, v. 13, n. 1, p. 64–77, 2017.

FUNAKOSHI, G.; NAKASONE, G. *Os vinte princípios fundamentais do karatê: o legado espiritual do mestre*. Tradução de Henrique A. Rêgo Monteiro. São Paulo: Cultrix, 2012.

PAIXÃO, J. A. *A cultura do esporte na escola*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CORREIA, W. R.; FRANCHINI, E. *Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate*. Motriz: Revista de Educação Física, v. 16, n. 1, p. 1–9, jan./mar. 2010.

FRANCHINI, E.; DEL VECCHIO, F. B. *Estudos em modalidades esportivas de combate: estado da arte*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 2011.

Disciplina: Educação Física Escolar, Adolescências e Juventudes

Compreensão da Adolescência e da Juventude e seus ordenamentos: legal; psico/emocional; físico/corporal; sócio/cultural e o desenvolvimento de valores. Caracterização do jovem dos Anos Finais do Ensino Fundamental. Estudo das relações de gênero, sexualidade e etnia e as Juventudes/Adolescências. Estudo sobre diferentes abordagens da Educação Física para os Anos Finais do Ensino Fundamental. Diálogo com o campo de estágio para produzir e avaliar práticas pedagógicas de Educação Física que se relacionem com as culturas adolescentes/juvenis e com a função social dos Espaços Escolares.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

CARVALHO, A.; SALLES, F.; GUIMARÃES, M. (Org.). Adolescência. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COLAÇO, V. F. R.; CORDEIRO, A. C. F. Adolescência e juventude: conhecer para proteger. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

VAGO, T. M. Educação Física na Escola: para enriquecer a experiência da infância e da juventude. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

Bibliografia complementar

BAUMAN, Z. Sobre educação e juventude: conversas com Riccardo Mazzeo. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BETTI, M. Educação Física escolar: ensino e pesquisa-ação. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2015.

DAYRELL, J. Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

GONZÁLEZ, F. J.; FRAGA, A. B. Afazeres da Educação Física na escola: planejar, ensinar, partilhar. Erechim: Edelbra, 2012.

PALMA, A. P. T. V.; OLIVEIRA, A. A. B.; PALMA, J. A. V. Educação Física e a organização curricular: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2021.

Disciplina: Psicologia da Educação

O nascimento da Psicologia como ciência e a diversidade teórica das escolas psicológicas. Teorias do desenvolvimento e aprendizagem, suas implicações e problematizações na Educação: o Comportamentalismo, o Construtivismo, a Teoria Sócio-histórica e a Psicanálise. Diálogos da Psicologia com as práticas educativas atuais operadas nos espaços formais e informais de Educação, envolvendo a atividade docente, as relações ensino-aprendizagem, a interação professor-aluno e os temas transversais.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

COLL, C., MARCHESI, A., PALACIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação escolar**. Volume 2. Porto Alegre: Artmed editora, 2004.

CÓRIA-SABINI, M. A. **Fundamentos de Psicologia Educacional**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

GOULART, Iris Barbosa. **Psicologia da Educação: Fundamentos teóricos aplicados à prática pedagógica**. Petrópolis, Vozes, 2015.

Bibliografia complementar

COLL, C. **O Construtivismo em sala de aula**. São Paulo: Ática, 1996.

COUTINHO, M. T. C.; MOREIRA, M. **Psicologia da educação: um estudo dos processos psicológicos de desenvolvimento e aprendizagem humanos, voltado para a educação**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1999.

DAVIDOFF, L. **Introdução à Psicologia**. São Paulo: McGraw – Hill, 1983.

REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

SCHULTZ, Duane P. **História da psicologia moderna**. São Paulo: Editora Cultrix, 1998.

Disciplina: Fisiologia do Exercício

Estudo dos ajustes agudos e crônicos dos diferentes sistemas orgânicos em resposta ao exercício físico. Bioenergética do movimento humano. Integração neuroendócrina, cardiovascular, respiratória e muscular durante o exercício. Abordagem sobre os cálculos metabólicos em diferentes tipos de exercícios físicos e

seu uso para a prescrição. Aspectos fisiológicos do exercício em diferentes populações. Aplicações da fisiologia do exercício para diferentes populações (crianças, adolescentes, idosos, pessoas com deficiência, indivíduos com doenças crônicas) nos diversos espaços de atuação do professor de Educação Física.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

SCOTT, Powers. K.; HOWLEY, E.T.. Fisiologia do Exercício: Teoria e aplicação ao condicionamento e ao desempenho. São Paulo: Manole, 8ª Ed., 2014.

MCARDLE, W.; KATCH, F.I.; KATCH, V.L. Fisiologia do Exercício: Energia, Nutrição e Desempenho Humano. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 7ª Ed. 2011.

WILMORE, Jack.H.; COSTILL, David.L; KENNEY, W. Larry. Fisiologia do Esporte e do Exercício. São Paulo: Manole, 5ª Ed. 2013.

Bibliografia complementar

THOMPSON, P. D.; RIEBE, D; PESCATELLO, L.S.; ARENA, R. Diretrizes do ACSM - Para Os Testes de Esforço e sua Prescrição - Guanabara Koogan -9ªed. 2014.

ACSM. Manual ACSM Para Avaliação da Aptidão Física Relacionada À Saúde - Guanabara Koogan. 3ª Ed. 2011.

PAIXÃO, J. A. *A cultura do esporte na escola*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; BRACHT, Valter (Org.). *Metodologia do ensino dos esportes coletivos*. Vitória: UFES, 2012.

BERNE, R. M.; LEVY, M. N. & KOEPEN, B. M. Fisiologia. 4ª edição. Riode Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

AIRES, Margarida de Mello. Fisiologia Rio de Janeiro : Guanabara Koogan, 2015.

Disciplina: Educação Física, Teorias Pedagógicas e Construção Curricular

Cultura, escola e Educação Física. Relação entre a função social da escola e a Educação Física. Especificidade pedagógica da Educação Física e a Educação Física como componente curricular da Educação Básica. Abordagens metodológicas. Processos de seleção cultural dos conteúdos de ensino. O ensino das práticas corporais de movimento na Educação Física escolar. Planejamento, organização e avaliação de experiências didáticas no ensino da Educação Física.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

BRACHT, V. A Educação Física Escolar no Brasil - O que ela vem sendo e o que poder ser: elementos de uma teoria pedagógica para a Educação Física. Ijuí/RS: Editora Unijuí, 2019.

FORQUIN, J.C. Escola e cultura. Porto Alegre: Artmed, 1993.

SILVA, T.T. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

Bibliografia complementar

DAOLIO, J. Da cultura do corpo. Campinas: Papyrus. 2003.

FREIRE, J. B.; SCAGLIA, A. J. Educação como prática corporal. São Paulo: Scipione, 2003.

KUNZ, E. Transformação didático-pedagógica do esporte. Ijuí: Livraria Unijuí Editora, 1994.

SOARES, C. et. al. Metodologia do Ensino de Educação Física: coletivo de autores. São Paulo: Cortez, 1992.

TANI, G. Abordagem desenvolvimentista: 20 anos depois. Revista da Educação Física/UEM, Maringá, v. 19, n. 3, p. 313-331, 2008.

Disciplina: Projeto de Pesquisa

Tipos de pesquisa e delineamentos metodológicos aplicados à Educação Física. Formulação do problema de pesquisa, objetivos, hipóteses e justificativa científica. Estratégias de busca, leitura e análise crítica da literatura científica. Normas éticas em pesquisa envolvendo seres humanos e animais. Métodos quantitativos e qualitativos aplicados à investigação em Educação Física. Estruturação e elaboração do projeto de pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

BARROS, A. J. P.; LEHFELD, N. A. S. Projeto de Pesquisa: propostas metodológicas. Petrópolis: Vozes, 1990.

GIL, A.C. . Como Delinear uma Pesquisa Bibliográfica. In: Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MOLINA N. V. e TRIVIÑOS, A. (orgs.). A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Sulina, 2004.

Bibliografia complementar

BETH, M. Educação Física escolar: ensino e pesquisa-ação. Ijuí: Unijuí, 2009. CRESWELL, Jonh W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. FACHIN, Odília. Fundamentos de Metodologia. 5.ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

MATTAR, João. Metodologia Científica na era da Informática. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa social – Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2009

- GUYTON, A. C. & HALL, J. E. Tratado de Fisiologia médica. 10ª edição. Rio de Janeiro:

Guanabara Koogan, 2006.

Disciplina: Ensino do Esporte II: Esportes de Combate, de Campo e Taco, de Rede e Parede

Estudo das características dos esportes de combate, de campo e taco, e de rede e parede, considerando seus aspectos históricos, técnicos, táticos e pedagógicos. Análise dos contextos culturais, sociais e históricos relacionados a essas modalidades, incluindo questões de gênero, violência, ética e inclusão. Metodologia do ensino dos esportes na escola (seleção e organização de conteúdos, métodos e avaliações) para desenvolver diferentes habilidades. Desenvolvimento de propostas pedagógicas para o ensino desses esportes nas aulas de Educação Física.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

GONZÁLEZ, F.; DARIDO, S.; OLIVEIRA, A. (org.). **Práticas Corporais e a Organização do Conhecimento: Esportes de marca e com rede divisória ou muro/parede de rebote**. 2ª Edição, 2017.

GRECO, P. J., (org.). **Iniciação esportiva universal**. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2007.

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

Bibliografia complementar

SOARES, Carmen Lúcia et al. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

BAYER, Claude. **O ensino dos desportos coletivos**. Lisboa: Dinalivro, 1994.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FRAGA, Alex Branco. Referencial curricular de educação física. In: RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação. Departamento Pedagógico. **Referencial curricular de educação física**. Porto Alegre: SEDUC/DP, 2009.

DORNELLES, Beatriz Pereira; FRAGA, Alex Branco. Aula mista versus aula separada? Uma questão de gênero recorrente na educação física escolar. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física**, v. 1, n. 1, p. 9-24, 2009.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

Disciplina: Saúde, sociedade e educação física

Concepções de saúde, produção de saúde versus produção de cuidado e inserção da Educação Física. Diferenças históricas e práticas entre saúde e educação física e entre saúde pública e saúde coletiva. O direito social à saúde. Introdução ao Sistema Único de Saúde (SUS): princípios, organização, território e rede de atenção. Determinantes socioambientais e seus impactos na aprendizagem e na participação nas aulas. Cidades saudáveis, mobilidade ativa (deslocamento para a escola), sustentabilidade e interfaces com a natureza. Promoção da saúde, estilo de vida, bem-estar e qualidade de vida. Responsabilização individual: culpabilização, moralismo e medicalização social. Busca pelo corpo perfeito. Noções epidemiológicas básicas (incidência, prevalência) e sua relação com doenças crônicas não-transmissíveis e síndromes funcionais na prática da Educação Física escolar como: adicção (telas, drogas lícitas e ilícitas), transtornos alimentares, asma, diabetes, obesidade, com foco em ações coletivas. Saúde mental, sofrimento psíquico, violência estrutural, bullying e ansiedade na infância/adolescência. Cuidado e humanização na relação professor-aluno (acolhimento, vínculo, autonomia, avaliação humanizada). Letramento em saúde, metodologias participativas e estratégias combinadas (recreio e sala de aula). Programa Saúde na Escola como principal interface com a escola. Saúde e os marcadores sociais da diferença: raça, etnia, gênero, deficiência, sexualidade e faixa etária. Prática profissional no território de populações vulneráveis: ribeirinhas, quilombolas e ciganos.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia de bolso do Programa Saúde na Escola: promoção da atividade física** [recurso eletrônico]. Brasília: Ministério da Saúde, 2022. 40 p. : il. ISBN 978-65-5993-244-3. Disponível em: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_bolso_pse_atividade_fisica.pdf. Acesso em: 27 maio 2026.

CRUZ, Pedro José Santos Carneiro et al. Educação popular e práticas sociais na atenção primária à saúde: referenciais, experiências e vivências [recurso digital: E-book]. Dados eletrônicos. João Pessoa: Editora do CCTA, 2025.

MANSKE, George Saliba (org.). Práticas corporais no campo da Educação Física: interfaces entre saúde e educação [recurso digital: E-book]. São Paulo: Pimenta Cultural, 2025.

Bibliografia Complementar

BAGRICHESVSKY, Marcos; PALMA, Alexandre; ESTEVÃO, Adriana (Orgs). A Saúde em Debate na Educação Física. Blumenau: Edibes, V.1, 2003. Disponível em: http://pt.scribd.com/doc/62819024/Bagrichevsky-2003-A-saude-em-debate-na-educacao_fisica-volume-1.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Departamento de Prevenção e Promoção da Saúde. Promoção da atividade física na atenção primária à saúde e sua inserção nos instrumentos de planejamento e de gestão do SUS [recurso digital: E-book]. Brasília: Ministério da Saúde; Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2023.

FRAGA, Alex Branco; CARVALHO, Yara Maria; GOMES, Ivan Marcelo (Org.). As Práticas Corporais no Campo da Saúde. Rio de Janeiro, Hucitec Editora. 2012.

CARVALHO, Y. M.; FREITAS, F. F. Atividade Física, Saúde E Comunidade. Cadernos Saúde Coletiva. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Núcleo de Estudos de Saúde Coletiva, v.XIV, n.3, jul-set, 2006.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Trilhar a Promoção da Saúde nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Brasília, DF: OPAS, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.37774/9789275728895>. Acesso em: 27 maio 2026.

Disciplina: Políticas Públicas e Educação

Concepções teóricas de Estado e Governo. Democracia e Cidadania: conceitos. Direitos civis, políticos e sociais, em diferentes Constituições Brasileiras. Estado- Nação e políticas sociais: do Estado do Bem-Estar Social ao Estado Neoliberal e Pós-Neoliberal. Contexto político social do Brasil contemporâneo. Política educacional no Brasil e educação do cidadão. Organização do sistema de ensino brasileiro. Legislação da Educação Básica. Democratização do ensino. Ação política e processos de organização das demandas sociais. Gestão das instituições.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Ministério da Educação e Cultura, 2005.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Ministério da Educação e Cultura, 1996.

HOCHMAN, Gilberto; ARRETCHE, Marta T. S.; MARQUES, Eduardo Cesar. **Políticas Públicas no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2007. 397p.

Bibliografia complementar

FERREIRA, Elisa Bartolozzi. Políticas Educativas no Brasil no tempo de crise. In: FERREIRA, Elisa Bartolozzi; OLIVEIRA, Dalila A. (orgs) **Crise da escola e políticas educativas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 253-270.

HOFLING, Heloísa de Mattos. **Estado e políticas (públicas) sociais**. Cad. CEDES [online]. 2001, vol.21, n.55, pp. 30-41. ISSN 1678-7110. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-2622001000300003&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 24 fev. 2016.

LUIZ, Lindomar Teixeira. **A origem e a evolução da cidadania**. Colloquium Humanarum, v. 4, n.1, Jun. 2007, p. 91-104. Disponível em: <<http://revistas.unoeste.br/revistas/ojs/index.php/ch/article/viewFile/226/607>>. Acesso em: 24 fev. 2016.

OLIVEIRA, D. A. **Educação básica: gestão do trabalho e da pobreza**. Petrópolis: Vozes, 2000.

PORTO, Lorena Vasconcelos; DELAGADO, Mauricio Godinho (Org.). **O estado de bem-estar social no século XXI**. São Paulo: LTr, 2007. 200 p. ISBN 9788536109879.

Disciplina: Educação Física, Culturas afro-brasileiras e Indígenas

História da África pré-colonial, processos de escravização transatlântico e indígena. Processo histórico, social e cultural da construção das práticas corporais do povo africano e dos povos originários no Brasil. As culturas e os valores civilizatórios afro-brasileiros e indígenas na constituição da identidade nacional. Problemática e análise das políticas públicas de ações afirmativas e Educação das Relações Étnico-Raciais. Problemática das práticas de exclusão, preconceito, racismo e intolerância religiosa na sociedade brasileira. Análise da produção acadêmica a respeito dos conceitos de raça, eugenia e as elaborações atuais sobre o racismo estrutural. Estudo, análise crítica e vivência de práticas corporais indígenas e afrobrasileiras como componentes da Educação Física nos diversos ambientes educativos.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2004.

SILVA, Consuelo Dorcas. **Negro, qual é o seu nome?** Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

VISENTINI, Paulo Fagundes; RIBEIRO, LuizDarioTeixeira; PEREIRA, Analúcia Danilevich. **História da África e dos africanos**. Petrópolis: Vozes, 2013

Bibliografia complementar

KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KANITZ, Roberto Camargos Malcher. **Capoeira na Favela: Jogo de dentro e Jogo de Fora**. Belo Horizonte: Akofa Editora, 2025.

RAIMUNDO, MariaHelena. **Vamos fazer macumba? conversando sobre as religiosidades de Matriz Africana**. Uberlândia: Ed. da autora, 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. (9ª Ed) Petrópolis: Vozes, 2011.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Disciplina: Educação Física escolar e encontro de saberes

Relação entre a produção do conhecimento científico e saberes tradicionais e de periferia na Educação Física, com foco nas práticas corporais de povos indígenas, quilombolas, ciganos e movimentos de educação popular. Valorização de mestres e mestras de saberes e desenvolvimento de práticas pedagógicas interculturais na formação docente.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 65. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003

GOHN, M. G. **Movimentos Sociais e Redes de Mobilizações Cívicas no Brasil contemporâneo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

Bibliografia complementar

JOAZE Bernardino-Costa; NELSON, Maldonado-Torres; RAMÓN GROSGOUEL. Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. Autêntica Editora – 2018.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. Tradução de Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, A. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, A. O amanhã não está à venda. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MELO, V. A. Lazer e minorias sociais. São Paulo: IBRASA, 2003

Disciplina: Sociologia das Práticas Corporais

Análise sociológica das práticas corporais. Estudo de temas relacionados à Sociologia do Esporte, em suas interfaces com o poder, a política, a cultura e a economia. As relações entre o fenômeno esportivo e a sociedade contemporânea: corpo, mídia e tecnologia. Marcadores sociais da diferença, como classe social, gênero, sexualidade, raça/etnia, geração, território e deficiência. Análise do acesso, da permanência e da participação de grupos historicamente marginalizados nas práticas corporais.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina**: imagens da mulher na Revista Educação Física. Ijuí: Unijuí, 2003.

LEMONS, Kátia Lúcia Moreira (org.) et al. **Gospel em ação**: coletânea das produções do grupo de estudos em sociologia e pedagogia do esporte e lazer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

SOARES, Carmen Lucia. **Educação Física**: raízes europeias e Brasil. 5. ed., rev. Campinas: Autores Associados, 2012.

Bibliografia complementar

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: . Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p.136-163.

HELAL, Ronald. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

LE BRETON, David. Adeus ao corpo. Papirus Editora, 2003.

MARCHI JÚNIOR, Wanderley; ALMEIDA, Bárbara Schausteck de; SOUZA, Juliano de. **Introdução à sociologia do esporte**. 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2019.

SIBILIA, P. O homem pós-orgânico: A alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais Ed. Contraponto, 2015.

Disciplina: Ensino do Esporte III: Esportes de Invasão e Esportes Indígenas

Estudo das características dos esportes de invasão e dos esportes indígenas, considerando seus aspectos históricos, culturais, técnicos, táticos e pedagógicos. Análise dos contextos históricos e sociais relacionados a essas modalidades, valorizando a diversidade cultural, a inclusão, a ética, a coletividade e as práticas esportivas dos povos indígenas. Metodologia do ensino dos esportes na escola (seleção e organização de conteúdos, métodos e avaliações) para desenvolver diferentes habilidades. Desenvolvimento de propostas pedagógicas para o ensino desses esportes nas aulas de Educação Física.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

TERENA, Carlos. **Jogos dos povos indígenas: celebração de cultura e resistência**. Brasília: Comitê Intertribal, 2009.

FASSHEBER, José Ronaldo Mendonça. **Etno-desporto indígena: a antropologia social e o campo entre os kaingang**. Brasília: Ministério do Esporte, 2010. 156 p. ISBN 9788563445025.

PAES, R. R. BALBINO, H. F. (Org). **Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

Bibliografia complementar

WEINECK, J. **Futebol total: o treinamento físico no futebol**. Guarulhos: Phorte, 2004. ROSE JÚNIOR, D.; FERREIRA, A. E. X. **Basquetebol: técnicas e táticas: uma abordagem didático-pedagógica**. 3.ed. São Paulo: E. P. U, 2010.

SOARES, Carmen Lúcia et al. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

TENROLLER, C. A. **Handebol: teoria e prática**. 2. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

BETTI, M. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. 3. ed. São Paulo: Papirus, 2004.

ANDRADE JÚNIOR, J. R. **Futsal: aquisição, iniciação e especialização**. Curitiba: Juruá, 2007.

Disciplina: Atividades extensionistas

Ementa: Analisar criticamente o processo extensionista vivenciado pelo estudante, refletindo sobre a articulação entre teoria e prática, a troca de saberes com a comunidade e a contribuição da extensão para a formação cidadã e profissional. Compreender a extensão universitária como princípio constitucional e processo educativo. Relatar e avaliar as experiências práticas desenvolvidas nos projetos ou programas. Identificar os impactos sociais gerados na comunidade e as aprendizagens adquiridas pelo discente. Produzir um memorial reflexivo ou relatório crítico da vivência extensionista.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

Política Nacional de Extensão Universitária. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), 2012.

FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação?. 14ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

NOGUES, Renato de Oliveira; et al. Extensão Universitária: diretrizes e práxis para uma nova formação cidadã. São Paulo: Cortez, 2018.

Bibliografia Complementar

Extensão universitária: a indissociabilidade entre ensino e pesquisa e a transformação da sociedade. Campinas: Alínea, 2007.

CANDAU, Vera Maria (Org.). Educação intercultural e cotidiano escolar. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

FORPROEX. Cone Sul: Indicadores de Avaliação da Extensão Universitária. Manaus: FORPROEX, 2015.

GÓES, Maria Cecília de (Org.). A formação do profissional reflexivo na universidade. Campinas: Papirus, 2012.

SILVA, Maria do Carmo. A prática social na universidade: caminhos da extensão popular. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

Disciplina: Educação Física Escolar, Jovens, Adultos e Idosos

Disciplina correlata ao Estágio Curricular Supervisionado Escolar 5, responsável por discutir teorias, conceitos e categorias de análise tendo como referências as experiências no campo de estágio. Compreensão da Juventude e do Envelhecimento e seus ordenamentos: legal; psico/emocional; físico/corporal; sócio/cultural e o desenvolvimento de valores. Compreensão de diferentes formas de organização do Ensino Médio

(integrado, profissional, noturno etc.). Caracterização dos sujeitos que fazem parte do Ensino Médio e das Modalidades de Ensino que recebem Jovens, Adultos e Idosos. Estudo do campo da Educação para Jovens, Adultos e Idosos e as relações de etnia, gênero, sexualidade e território. Investigação das diferentes abordagens pedagógicas da Educação Física para o Ensino Médio e as Modalidades de Ensino que recebem Jovens, Adultos e Idosos. Mobilização de uma prática pedagógica que reconheça a instituição escolar como lugar de formação docente e de produção de conhecimento. Reflexão sobre Educação Física escolar orientada pela pedagogia crítico-emancipatória. Diálogo com a escola-campo de estágio para produzir e avaliar práticas pedagógicas de Educação Física que se relacionem com as culturas dos sujeitos que frequentam a Escola e com a função social dessa Instituição.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 54 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2016.

PALMA, A. P. T. V.; OLIVEIRA, A. A. B.; PALMA, J. A. V. **Educação Física e a organização curricular: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2021

BAGNARA, I. C.; BOSCATTO, J. D. **Educação física no ensino médio integrado [recurso eletrônico]: especificidade, currículo e ensino (uma proposição fundamentada na multidimensionalidade dos conhecimentos)**. 1Ed. Ijuí: Unijuí, 2022.

Bibliografia Complementar

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DARIDO, S. C. **Educação Física no Ensino Médio: Diagnóstico, Princípios e Práticas**. Ijuí: Unijuí, 2017.

GONZÁLEZ, F. J.; FRAGA, A. B. **Afazer da Educação Física na escola: planejar, ensinar, partilhar**. Erechim: Edelbra, 2012.

SOUZA, J. S.; SALES, S. R. **Educação de jovens e adultos: políticas e práticas educativas**. Rio de Janeiro: NAU editora, 2011.

OLIVEIRA, I. B.; SGARBI, P. **Estudos do cotidiano e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

7 Ementas das Disciplinas Optativas

Disciplina: Análise e Interpretação de Exames

Ementa: Estudo dos principais exames laboratoriais, clínicos, funcionais e de imagem aplicados à saúde, desempenho físico e prescrição de exercício. Compreensão dos parâmetros hematológicos, bioquímicos, metabólicos, hormonais, cardiovasculares, inflamatórios e

osteointerarticulares relacionados à prática de atividade física e ao treinamento esportivo. Interpretação básica de exames laboratoriais e de imagem voltados à atuação do profissional de Educação Física, respeitando os limites éticos e legais da profissão. Discussão sobre biomarcadores de saúde, fadiga, recuperação, metabolismo energético, lesões musculoesqueléticas e risco cardiovascular. Introdução à análise de exames ergométricos, composição corporal, exames osteointerarticulares e indicadores fisiológicos relacionados ao exercício físico e populações especiais.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

GUYTON, A. Tratado de fisiologia médica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

AIRES, M.M. Fisiologia. Rio de Janeiro : Guanabara Koogan, 2015.

GUYTON, A. Fisiologia humana e mecanismos das doenças. 6 ed. Rio de Janeiro : Guanabara Koogan, 1988.

Bibliografia Complementar

BICKLEY, Lynn S. Propedêutica médica: abordagem clínica e exame físico. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2022.

MOTTA, Valter T. Bioquímica clínica para o laboratório: princípios e interpretações. Porto Alegre: MedBook, 2020.

MALACHIAS, Marcus Vinícius Bolívar et al. Tratado de cardiologia SOCESP. Barueri: Manole, 2022.

EYWARD, Vivian H.; GIBSON, Ann L. Avaliação física e prescrição de exercício: técnicas avançadas. Porto Alegre: Artmed, 2019.

MCARDLE, William D.; KATCH, Frank I.; KATCH, Victor L. Fisiologia do exercício: nutrição, energia e desempenho humano. ed. Porto Alegre: Artmed, 2022.

Disciplina: Anatomia palpatória

Estudo dos princípios da Anatomia Palpatória. Palpação de estruturas ósseas, vasculares e musculares do esqueleto axial e apendicular e interpretação dos achados. Análise de estruturas anatômicas: mobilidade articular; mobilidade fascial; e função muscular.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

ENOKA, R.M. Bases neuromecânicas da cinesiologia. 2. ed. São Paulo: Manole, 2000.

DÂNGELO, J.G.; FATTINI, C.A. Anatomia básica dos sistemas orgânicos: com a descrição dos ossos, juntas, músculos, vasos e nervos. São Paulo: Atheneu, 2002.

SOBOTTA, J. Coleção atlas de anatomia humana – 3 vol. 23. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.

Bibliografia Complementar

SOBOTTA, J. Coleção atlas de anatomia humana. vol. 23ª Ed. Guanabara Koogan, 2013.

KOPF-MAIER, P; WOLF-HEIDEGGER, G. Atlas de Anatomia Humana. 5ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

MOORE, Keith L.. Anatomia Orientada para a Prática Clínica. 4ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

POWERS, Scott K; HOWLEY, Edward T; QUINDRY, John C. Fisiologia do exercício: teoria e aplicação ao condicionamento e ao desempenho. 12. ed. Barueri: Manole, 2026. 1 recurso online (694 p.). ISBN 9788520467244.

KENNEY, W. Larry; COSTILL, David L; WILMORE, Jack H. Fisiologia do esporte e do exercício. 7. ed. Barueri: Manole, 2020. 1 recurso online (0 p.). ISBN 9786555760910.

Disciplina: Aprendizagem Motora Aplicada

Ementa: Utilização dos conteúdos associados à área da Aprendizagem Motora de forma aplicada aos contextos esportivo e escolar. Estudo dos processos de aprendizagem motora em crianças, jovens e adultos. Condução de análises de casos relacionados ao aprendizado e controle de habilidades motoras. Aplicação do conhecimento em processos neurais, sensorio- perceptuais, cognitivos e do controle motor ao desempenho e aprendizado de habilidades motoras.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de

tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

CORRÊA, H. C. Pesquisa em comportamento motor: a intervenção profissional em perspectiva. São Paulo: USP, 2008.

GRECO, P. J. (Org.). Iniciação esportiva universal: da aprendizagem motora ao treinamento técnico. Belo Horizonte: UFMG, 2007

TEIXEIRA, L. A. Controle Motor. São Paulo: Manole, 2006.

Bibliografia Complementar

LAGE, G. M.; BENDA, R. N. Treinamento técnico: uma revisão sobre a aplicação do princípio da interferência contextual no processo de ensino-aprendizagem de habilidades esportivas. In: GARCIA, E.S.; LEMOS, K. L. Temas atuais VIII: educação física e esportes. Belo Horizonte: Health, 2003.

SANTOS, S. Desenvolvimento motor ao longo da vida. In: BARBANTI, V. AMADIO, A. C.; BENTO, J. O.; MARQUES, A. T. (orgs.) Esporte e atividade física: interação entre rendimento e saúde. São Paulo: Manole, 2002.

TANI, G.; CORREA, U. C. Aprendizagem motora e ensino do esporte. Editora Blucher, 2016.

Disciplina: Basquetebol

Ementa: Estudo da história e evolução do basquetebol. Regras oficiais e arbitragem. Métodos de ensino dos fundamentos técnicos, sistemas táticos e das habilidades motoras. Planejamento do processo de ensino-aprendizagem-treinamento, da iniciação ao esporte de rendimento.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

ROSE JÚNIOR, D.; FERREIRA, A. E. X. Basquetebol: técnicas e táticas: uma abordagem didático-pedagógica. 3.ed. São Paulo: E. P. U, 2010.

DE ROSE Jr, D., TRICOLI, V. (Orgs.). Basquetebol: Uma Visão Integrada Entre Ciência e Prática. Barueri, Editora Manole, 2005.

OLIVEIRA, V.; PAES, R.R. Ciência do Basquetebol: Pedagogia e Metodologia da Iniciação à Especialização. Londrina, Editora Midiograf, 2004.

Bibliografia Complementar

DE ROSE Jr, D., TRICOLI, V. (Orgs.). Basquetebol: do treino ao jogo. 2ª ed – Barueri, SP: Manole, 2017.

ALMEIDA, M. B. Basquetebol: iniciação. 3. Ed - Rio de Janeiro: Sprint, 2002.

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

OLIVEIRA, I. B.; SGARBI, P. Estudos do cotidiano e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GONZALEZ, L. Por um feminismo afro-latino-americano. Rio de Janeiro: Zahar, 1ª ed., 2020.

Disciplina: Circo e Educação Física

Ementa: Circo e sua relação com a Educação Física. Desenvolvimento dos princípios didático-pedagógicos do ensino do circo e suas aplicações. Análise e vivência de modalidades circenses contemplando a construção de materiais e equipamentos alternativos. Aspectos de segurança no ensino do circo.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

BORTOLETO, M. A. C. (org.). Introdução a pedagogia das Atividades circense v.1. Várzea Paulista, Editora Fontoura, 2008.

BORTOLETO, M A. C. et al. Introdução à pedagogia das atividades circenses v. 2. Várzea Paulista, Editora Fontoura, 2010.

BORTOLETO, M. A. C.; ONTAÑÓN, T. B.; SILVA, E. Circo Horizontes Educativos. 1ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2016. V,1. 257p.

Bibliografia Complementar

BORTOLETO, M. A. C., PINHEIRO, P. H. G. G e PRODÓCIMO, E. Jogando com o Circo. Várzea Paulista, Editora Fontoura, 2011.

FERREIRA, D.L; BORTOLETO, M A C; SILVA, E. Segurança no Circo: questão de prioridade. Várzea Paulista, Editora Fontoura, 2015.

LOPES, D. de C; PARM, M. Construção de Malabares Passo a Passo. Várzea Paulista, Editora Fontoura, 2016.

MALLET, R. D., BORTOLETO, M. A. C., Educação Física Escolar: Pedagogia e Didática das Atividades Circenses. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 28, p. 171-189, 2007.

SUGAWARA, C. Figuras e Quedas para Corda Lisa e Tecido, Fundamentos. São Paulo, Ed. Artesanal, realização Funarte, 2008.

Disciplina: Docência em Educação Física: Histórias de Vida, Formação e Experiência

Ementa: Memória, Autobiografia e Relatos de formação. A Narrativa de si como prática de formação. Formação experiencial. Discussão sobre história de vida e escolha pela docência. Compreensão da constituição da identidade docente enquanto um processo dinâmico.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Obras Escolhidas. Vol. I, Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1993.

NÓVOA, A. (Org.). Vidas de professores. Porto: Porto Editora, 1992.

SOUZA, E. C. O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.

Bibliografia Complementar

ALVES, F. et al. A “escrita de si” na formação em Educação Física. Movimento, Porto Alegre, v. 17, nº2, p. 239-258, abr/jun, 2011.

BARROS, M. Memórias Inventadas: as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

DAYRELL, J. Múltiplos olhares sobre Educação e cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, nº19, p. 20-28, jan/abr, 2002.

LOPES, E. M. S. T.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (Org.). 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

Disciplina: Educação Física Escolar e Discursos Legitimadores: Tópicos para Aprofundamento

Ementa: Educação Física como componente curricular. Sentidos da Educação Física articulados à função social da Escola. Discursos legitimadores da Educação Física na escola. Educação Física como Linguagem. Conhecimentos e saberes tratados pela Educação Física. Ensino e Avaliação na Educação Física escolar.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

BRACHT, V. A educação física escolar no Brasil: o que ela vem sendo e o que pode ser. Ijuí: Ed. Unijuí, 2019.

BRACHT, V., CRISÓRIO, R. (org.) A Educação Física no Brasil e na Argentina: identidade, desafios e perspectivas. Campinas: Autores associados; Rio de Janeiro: Prosul, 2003.

FENSTERSEIFER, P.E. A Educação Física na crise da modernidade. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

Bibliografia Complementar

BRACHT, V., ALMEIDA, F. Q. ; VAZ, A. F. ; SANTOS, K. C. Educação Física & Ciência: cenas de um casamento (in)feliz. 4ª. ed. Ijuí/RS: Unijuí, 2014.

HERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. Teoria e Educação, n.2, p. 177-229, 1990.

DAOLIO, J. Educação física e o Conceito de Cultura. Campinas/SP: Autores Associados, 2004.

MEDINA, J. P. S. A educação física cuida do corpo ... e "mente": novas condições e desafios do século XXI. 26. ed. Campinas: Papirus, 2010.

VAGO, T. M.; SOUSA, E. S. (Org.). Trilhas e partilhas: educação física na cultura escolar e nas práticas sociais. Belo Horizonte: Grafica e Editora Cultura, 1997

Disciplina: Educação Física, Infâncias e Juventudes

Ementa: Estudos das infâncias e das juventudes como construções históricas e sociais. Crianças e jovens no contexto da sociedade brasileira. Infâncias e juventudes frente à diversidade cultural contemporânea. Infâncias e juventudes e os diferentes demarcadores sociais: raça, etnia, classe, gênero, sexualidade e territórios. Estudos e problematizações da relação entre as instituições sociais, a produção de sociabilidades e os tempos da vida: infância e juventude. Direitos humanos da/para infância e juventude. Tempos da vida: identidade etária e cultural; processos de produção cultural para e pela infância e juventude. Implicações éticas para a docência em Educação Física e para pesquisas com crianças e jovens. Educação Física e os diálogos com as culturas infantis e juvenis. dos esportes e das práticas corporais por meio da análise audiovisual e interpretação de cinema e vídeo.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

SARMENTO, M. GOUVEA, M. C. S. (orgs.). Estudos da infância: Educação e Práticas Sociais. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

ARROYO, M. Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 9ªed., 2019

CAVALCANTE, M. H. K.; SOUZA, R. A. de. (orgs.). Culturas juvenis dinamizando a escola. Porto Alegre: Edipucrs, 2009.

Bibliografia Complementar

BRASIL. [Estatuto da criança e do adolescente (1990)]. Estatuto da criança e do adolescente: belo Horizonte: Secretaria do Estado de Desenvolvimento Social e Esportes, 2006.

HELENO, C. T.; RIBEIRO, S. M. (org.). Criança e adolescente: sujeitos de direitos. Belo Horizonte: conselho Regional de Psicologia Minas Gerais, 2010.

LARROSA, J. O enigma da infância. In. LARROSA; LARA (orgs). Imagens do Outro. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1198.

OLIVEIRA, I. de. Desigualdades raciais: construções da infância e da juventude. Niterói: Intertexto, 1999.

SILVA, A. de J. Na EJA tem J: juventude na educação de jovens e adultos. Curitiba: Appris, 2021.

Disciplina: Esporte, Cinema e Vídeo

Ementa: Reflexões sobre a utilização do cinema e vídeo no processo de ensino e aprendizagem na Educação Física. Discussão dos componentes biofísicos, psicossociais, históricos, políticos, filosóficos e culturais dos esportes e das práticas corporais por meio da análise audiovisual e interpretação de cinema e vídeo.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

BETTI, M. A janela de vidro: esporte, televisão e educação física. 3. ed. São Paulo: Papirus, 2004.

MELO, V.A.; DRUMOND, M. Esporte e cinema: novos olhares. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

MELO NETO, F.P. Marketing esportivo: o esporte como ferramenta do marketing moderno. Rio de Janeiro: Best Seller, 2013.

Bibliografia Complementar

ALMEIDA, T. O esporte como exemplo. Belo Horizonte: FAPI, 2004.

CHARNEY, L.; SCHWARTZ, V.R. O cinema e a invenção da vida moderna. 2. ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

COHN, G. Sociologia da comunicação: teoria e ideologia. Petrópolis: Vozes, 2014.

MELO, V.A.; PERES, F.F. O esporte vai ao cinema. 1. ed. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2005.

KOCHHANN, A.; REZENDE, L.T. Cinema e educação: uma experiência crítica na sala de aula. Anápolis: UEG, 2016.

Disciplina: Etnografias da Infância

Ementa: Apresentação da etnografia como possibilidade metodológica para pesquisa sobre/com crianças. Noções sociais de infância. O uso do método etnográfico em contextos de aprendizagem, escolares e não escolares.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de

tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

ANDRÉ, M. Etnografia da prática escolar. São Paulo: Papirus, 2002.

MAGNANI, J. G. C.; DE SOUZA, B. M. Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

ROCHA, G.; TOSTA, S. P. Antropologia e educação. Autêntica, 2009.

Bibliografia Complementar

LAVE, Jean; Learning and Everyday Life: Access, Participation, and Changing Practice. Cambridge university press, 2019.

LAVE, Jean; WENGER, Etienne. Situated learning: Legitimate peripheral participation. Cambridge university press, 1991.

LANSKY, S.; GOUVÊA, M. C. S.; GOMES, A. M. R. Cartografia das Infâncias em região de fronteira em Belo Horizonte. Educação & Sociedade, Campinas, v. 35, n. 128, 2014, p.717-740.

LAVE, Jean. Apprenticeship in critical ethnographic practice. University of Chicago Press, 2011.

PIMENTEL, Á. Brincadeiras de rua, convivência urbana e ecologia dos saberes. Revista Brasileira de Educação, v. 20 n. 62 jul.-set. 2015.

Disciplina: Fisiopatologia

Ementa: Estudo dos mecanismos fisiopatológicos envolvidos nas principais doenças agudas e crônicas que afetam os sistemas orgânicos humanos. Compreensão das alterações celulares, moleculares, metabólicas, inflamatórias e funcionais relacionadas ao desenvolvimento das doenças. Abordagem dos processos de inflamação, estresse oxidativo, lesão celular, morte celular, distúrbios hemodinâmicos, disfunções imunológicas e alterações neuroendócrinas. Estudo da fisiopatologia das doenças cardiovasculares, respiratórias, metabólicas, musculoesqueléticas, neurológicas, infecciosas e neoplásicas. Discussão sobre fatores de risco, mecanismos de progressão das doenças, biomarcadores clínicos e impactos funcionais das alterações fisiopatológicas no organismo humano. Integração entre conhecimentos básicos e aplicados voltados às áreas da saúde.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de

tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

GUYTON, A. Fisiologia humana e mecanismos das doenças. 6 ed. Rio de Janeiro : Guanabara Koogan, 1988.

GUYTON, A. Tratado de fisiologia médica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

AIRES, M.M. Fisiologia. Rio de Janeiro : Guanabara Koogan, 2015.

Bibliografia Complementar

McPHEE, Stephen J.; HAMMER, Gary D. Fisiopatologia da doença: uma introdução à medicina clínica. Porto Alegre: AMGH, 2021.

HUETHER, Sue E.; McCANCE, Kathryn L. Fisiopatologia: a base biológica para doença em adultos e crianças. Rio de Janeiro: Elsevier, 2020.

PORTH, Carol Mattson. Fisiopatologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2022.

KUMAR, Vinay; ABBAS, Abul K.; ASTER, Jon C. Robbins & Cotran – Bases patológicas das doenças. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2021.

SILVERTHORN, Dee Unglaub. Fisiologia humana: uma abordagem integrada. Porto Alegre: Artmed, 2023.

Disciplina: Futebol

Ementa: Estudo da história e evolução do futebol. Regras oficiais e arbitragem. Métodos de ensino dos fundamentos técnicos, sistemas táticos e das habilidades motoras. Planejamento do processo de ensino-aprendizagem-treinamento, da iniciação ao esporte de rendimento.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

PRAÇA, G. M.; GRECO, P. J. Treinamento Tático no Futebol: Teoria e Prática. Curitiba: Appris, 2020.

WEINECK, J. Futebol total: o treinamento físico no futebol. Guarulhos: Phorte, 2004.

VIANA, A. R.; RIGUEIRA, J. E. Futebol prático: preparação física, técnica e tática. Viçosa: UFV, 1990.

Bibliografia Complementar

DAOLIO, J. Cultura, educação física e futebol. 3. ed., rev. Campinas: Editora UNICAMP, 2010.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. Regras do jogo de futebol 2009/2010.

Rio de Janeiro: 2009.

OLIVEIRA, I. de. Desigualdades raciais: construções da infância e da juventude. Niterói: Intertexto, 1999.

SILVA, S. R. (Org.). Levantamento da produção sobre o futebol nas ciências humanas e sociais de 1980 a 2007. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

MELO, R. S. Futebol: 1000 exercícios. 4. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

Disciplina: Futsal

Ementa: Estudo da história e evolução do Futsal. Métodos de ensino dos fundamentos técnicos e análise dos elementos táticos. Planejamento do processo de ensino-aprendizagem-treinamento na Educação Física. Regras básicas e arbitragem.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

ANDRADE JUNIOR, J.R. Futsal: Aquisição, Iniciação e Especialização. Curitiba, Juruá, 2007.

SANTANA, W.C. Futsal: Apontamentos Pedagógicos na Iniciação e na Especialização. Campinas, Autores Associados, 2004.

SAAD, M.A., COSTA, C.F. Futsal: Movimentações Defensivas e Ofensivas. Florianópolis, 2ªed. Editora Visual Books, 2005.

Bibliografia Complementar

BALZANO, O. N. Metodologia dos jogos condicionados para o futsal e Educação Física escolar. Porto Alegre: Fontoura, 2007.

BELLO JUNIOR, Nicolino. A ciência do esporte aplicada ao futsal. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

MUTTI, Daniel. Futsal: da iniciação ao alto nível. l'autor, 1999.

VOSER, Rogério da Cunha; GIUSTI, João Gilberto. O futsal e a escola: uma perspectiva pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2002.

OLIVEIRA, I. de. Desigualdades raciais: construções da infância e da juventude. Niterói: Intertexto, 1999.

SANTANA, W. C. As Regras do Futsal e Algumas Implicações Técnicas. 2008.

Disciplina: Gênero, Diversidade e Sociedade

Ementa: Estudo da Educação Física e as relações interseccionais com gênero, raça, sexualidade e classe social. Conceituação dos marcadores sociais da diferença na perspectiva interseccional. Perspectivas históricas e contemporâneas das relações de poder que se inscrevem no processo de socialização das mulheres, a partir dos marcadores sociais da diferença. Educação Física e a construção de padrões corporais e de comportamento ao longo da história. Problemática do sexismo, misoginia, racismo, LGBTfobia e classismo nos diferentes espaços de atuação profissional de professoras e professores de Educação Física.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

GOELLNER, S.V. Bela, Maternal e Feminina: imagens da mulher na revista Educação Physica – Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

LOURO, G.L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Orgs.) Corpo Gênero e Sexualidade : um debate contemporâneo – 2.ed – Petrópolis: Vozes, 2005.

TIBURI, M. Feminismo em comum: para todas, todes e todos. 6.ed. Rio de Janeiro : Rosas dos Tempos, 2018.

Bibliografia Complementar

BONFIM, Ayra F. Futebol Feminino no Brasil: entre festas, circos e subúrbios, uma história social (1915-1941). – São Paulo, 2023.

COLLINS, Patricia Hill. Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica. Tradução de Jess Oliveira. São Paulo: Boitempo, 2022.

GOMES, N. L. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação – Ebook - São Paulo : Vozes, 2017.

GONZALES, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. – 1.ed – Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

LERNER, Gerda. A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens. Tradução de Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

PINHEIRO, B. C. S. Como ser um Educador Antirracista. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2023.

Disciplina: Ginástica de Condicionamento Físico

Ementa: Estudo das metodologias relativas às ginásticas de condicionamento físico, nas suas diversas possibilidades de aplicação e execução, tendo em vista as questões de saúde, qualidade de vida, corporeidade e o processo de ensino-aprendizagem.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

NOVAES, Jefferson da Silva. Personal training & condicionamento físico em academia. 2.ed. Rio de Janeiro: Shape, 2003. 404 p. ISBN 8585253371(broch.).

OLIVEIRA JÚNIOR, Lafaiete L. de; MATOS, Cristiano Cardoso de; PEREZ, Carlos Rey. Musculação e ginástica de academia. 1. ed. Porto Alegre: SAGAH, 2020. 1 recurso online (0 p.). ISBN 9786581492854.

VIDAL, Andréa; ANIC, Cibele Calvi; KERBEJ, Maria Helena Aita. Ginástica de academia: aprendendo a ensinar. São Paulo, SP: Phorte, 2018. 1 recurso online. ISBN 9788576556961.

Bibliografia Complementar

CHAGAS, Mauro Heleno; LIMA, Fernando Vitor. Musculação: variáveis estruturais : programas de treinamento. 3. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2015. 132 p. ISBN 9788591851607.

OLIVEIRA, I. de. Desigualdades raciais: construções da infância e da juventude. Niterói: Intertexto, 1999.

D'ELIA, Luciano. Guia completo de treinamento funcional. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2016. 1 recurso online. ISBN 9788576556343.

MCARDLE, William D.; KATCH, Frank I; KATCH, Victor L. Fisiologia do exercício: Energia, nutrição e desempenho humano. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998. 695 p. ISBN 8527704471.

COLLINS, Patricia Hill. Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica. Tradução de Jess Oliveira. São Paulo: Boitempo, 2022.

Disciplina: Ginástica Laboral e Ergonomia

Ementa: Qualidade de Vida no Trabalho. Prevenção e promoção da Saúde do Trabalhador. Serviço de Segurança e Saúde do Trabalhador. Princípios da Ergonomia/NR17. Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho/DORT. Estresse no trabalho. Ginástica laboral.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

MACIEL, M. G. Ginástica Laboral e Ergonomia. 1ª. ed. Jundiaí: Fontoura, 2010. 191p.

MACIEL, M. G. Ginástica laboral - instrumento de produtividade e saúde nas empresas. 1ª. ed. Rio de Janeiro: SHAPE EDITORA, 2008. v. 2000. 280p.

LIMA, V. Ginástica Laboral e Saúde do Trabalhador: Saúde, capacitação e orientação ao Profissional de Educação Física. CREF4/SP. Comissão Especial da Coleção Literária 20 anos da Instalação do CREF4/SP. 2019.

Bibliografia Complementar

CHAGAS, Mauro Heleno; LIMA, Fernando Vitor. Musculação: variáveis estruturais : programas de treinamento. 3. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2015. 132 p. ISBN 9788591851607.

D'ELIA, Luciano. Guia completo de treinamento funcional. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2016. 1 recurso online. ISBN 9788576556343.

OLIVEIRA, I. de. Desigualdades raciais: construções da infância e da juventude. Niterói: Intertexto, 1999.

COLLINS, Patricia Hill. Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica. Tradução de Jess Oliveira. São Paulo: Boitempo, 2022.

MCARDLE, William D.; KATCH, Frank I; KATCH, Victor L. Fisiologia do exercício: Energia, nutrição e desempenho humano. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998. 695 p. ISBN 8527704471.

Disciplina: Ginástica Para Todos

Ementa: Estudo da Ginástica para Todos (GPT), considerando seus fundamentos e diferentes contextos sociais. Princípios da Federação Internacional de Ginástica (FIG) e suas relações com a Educação Física escolar. Estratégias didático-pedagógicas para o ensino da GPT. Elementos da ginástica com aparelhos oficiais e não oficiais e sem aparelhos. Processos de composição coreográfica e organização de festivais de GPT.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

AYOUB, Eliana. Ginástica geral e educação física escolar. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

NISTA-PICCOLO, Vilma Lení; NUNOMURA, Myrian (org.). Compreendendo a ginástica artística. São Paulo: Phorte, 2005.

TOLEDO, Eliana de (Org). Democratizando o ensino da ginástica: estudos e exemplos de sua implantação em diferentes contextos sociais. São Paulo: Fontoura, 2013.

Bibliografia Complementar

GAIO, Roberta et al. Ginástica e dança: no ritmo da escola. São Paulo: Fontoura, 2010.

GAIO, Roberta. GOIS, Ana A. F. BATISTA, José C. (org.) A ginástica em questão: corpo e movimento. 2ed. São Paulo: Phorte, 2010.

MARTINS, Sissi. Ginástica rítmica desportiva: aprendendo passo a passo. Rio de Janeiro: Shape, 1999.

OLIVEIRA, I. de. Desigualdades raciais: construções da infância e da juventude. Niterói: Intertexto, 1999.

SILVA, Paula Cristina da Costa. Oficina de docência em ginástica geral. Vitória: UFES, 2013.

Disciplina: Handebol

Ementa: Estudo da história e evolução do Handebol. Métodos de ensino dos fundamentos técnicos e análise dos elementos táticos. Planejamento do processo de ensino-aprendizagem-treinamento na educação física. Regras básicas e arbitragem.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

EHRET Arno (et al). Manual de Handebol: treinamento de base para crianças e adolescentes. São Paulo: Phorte, 2002.

GRECO, Pablo Juan; ROMERO, Juan. Manual de Handebol – Da Iniciação ao Alto Nível. Editora Phorte. São Paulo, 2012.

SIMÕES, A. C. Handebol Defensivo: conceitos técnicos e táticos. São Paulo: Phorte, 2002.

Bibliografia Complementar

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. Handebol: Regras Internacionais. Brasília: MEC, 1984.

BRASIL, PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Educação Física. Brasília: MEC, 1997.
GRECO, P. J. (Org). Iniciação Esportiva Universal: Da Aprendizagem Motora ao Treinamento Técnico. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

COLLINS, Patricia Hill. Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica. Tradução de Jess Oliveira. São Paulo: Boitempo, 2022.

OLIVEIRA, I. de. Desigualdades raciais: construções da infância e da juventude. Niterói: Intertexto, 1999.

SOARES, C. L. Metodologia do Ensino da Educação Física. 2ª Edição. São Paulo: Cortez, 2012.
TEIXEIRA, H. V. Educação Física e Desportos. São Paulo: Saraiva, 1995.

Disciplina: Historiografia das Práticas Corporais

Ementa: Bases epistemológicas, metodológicas e teóricas das principais correntes da historiografia no Brasil, em especial a História cultural e a história social. Práticas corporais como objeto das pesquisas históricas. História oral como metodologia para a escrita da história.

Historiografia das práticas corporais como possibilidade de realização dos trabalhos de conclusão de curso.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

CORBIN, A.; COURTINE, J.; VIGARELLO, G. (Orgs.). História do Corpo. Vozes, 2011.

FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (Orgs.). 500 anos de Educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Orgs.). Usos e abusos da história oral. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2006.

Bibliografia Complementar

LINHALES, M. A escola e o esporte: uma história de práticas culturais. São Paulo: Contez, 2009.

MINAYO, M. C. S. Pesquisa social: Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2009.

VIZENTINI, P. F.; RIBEIRO, L. D. T.; PEREIRA, A. D. História da África e dos africanos. Petrópolis: Vozes, 2013.

COLLINS, Patricia Hill. Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica. Tradução de Jess Oliveira. São Paulo: Boitempo, 2022.

OLIVEIRA, I. de. Desigualdades raciais: construções da infância e da juventude. Niterói: Intertexto, 1999.

Disciplina: Geopolítica/Relações Internacionais do Esporte

Ementa: Abordagem teórica da Geopolítica e Relações Internacionais no âmbito esportivo. Olhar global do aparelhamento do esporte pelas nações ao longo da história e suas relações de poder. Análise crítica das instituições esportivas mundiais (FIFA e COI) e suas implicações no processo de escolha das cidades-sede (países-sede) dos megaeventos esportivos. O esporte no contexto das grandes guerras mundiais e disputas de poder. O esporte contemporâneo e suas implicações nas políticas externas.

Metodologia
Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.
Bibliografia Básica
GOLDBLATT, D. The Games: A Global History of the Olympics. NY: WW Norton & Company, 2016. NYE, J. J. Soft Power: The Means to Success in World Politics. NY: Public Affairs, 2004. VASCONCELLOS, D. W. Esporte, Poder e Relações Internacionais. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008.
Bibliografia Complementar
CASTILHO, C. T. Megaeventos Esportivos: para além das análises econômicas. Revista Brasileira de Estudos do Lazer, V.3, N.3, set./dez., 2016. CASTILHO, C. T.; MARCHI JÚNIOR, W. Esporte, geopolítica e relações internacionais. FuLiA / UFMG, 5(2), 2021, p. 240–257. LEITE JR., E.; RODRIGUES, C. A geopolítica do futebol em transformação: o caso chinês. FuLiA / UFMG, 3(2), 2019, p.28–50. OLIVEIRA, N. G. A produção da cidade através do espetáculo esportivo: quando a exceção se torna regra. Revista eletrônica de estudos urbanos e regionais, N.13, A.4, 2013. SUPPO, H. Reflexões sobre o lugar do esporte nas relações internacionais. Contexto Internacional. 34 (2), 2012.

Disciplina: Infância e Cidade
Ementa: Apresentação campo de estudo que vem construindo análises sobre as relações entre infância e os contextos urbanos. Noções sociohistóricas de infância no ambiente citadino. Pesquisas contemporâneas sobre o lugar das crianças nos grandes centros urbanos.
Metodologia
Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

ÁRIES, P. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1986.

BROUGERE, G. Brinquedo e cultura. 6ª ed. São Paulo : Cortez, 2006.

MORIGI, V. Cidades Educadoras: possibilidades de novas políticas públicas para reinventar a democracia. Porto Alegre: Sulina, 2016.

Bibliografia Complementar

INGOLD, T. Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Editora Vozes Limitada, 2015.

INGOLD, T. Lines: a brief history. Routledge, 2016.

INGOLD, T. Making: Anthropology, archaeology, art and architecture. Routledge, 2013.

GUIMARÃES, I. V.; LOPES, J. J. M. As experiências espaciais das crianças no espaço urbano. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 73, p. 307-325, jan./fev. 2019.(ARTIGO)

KARSTEN, L.; KAMPHUIS, A.; REMEIJNSE, C. "Time-out" with the family: the shaping of family leisure in the new urban consumption spaces of cafes, bars and restaurants, Leisure Studies, Volume 34(2), 166-181, 2015.

Disciplina: Inglês para fins específicos com foco nas Ciências do Movimento Humano

Ementa: Instrumentalização do estudante para a leitura crítica de textos na área das Ciências do Movimento Humano por meio da aplicação de estratégias de leitura, tais como identificação de tópicos e ideias principais, reconhecimento de padrões de organização textual e de elementos coesivos, utilização de conhecimento prévio, decodificação de vocabulário a partir do contexto, elaboração de paráfrases, resumos, inferências e analogias e formulação de conclusões.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

DIENER, Patrick. Inglês instrumental. 1. ed. São Paulo: Contentus, 2020. E-book.

MUNHOZ, Rosângela. Inglês instrumental: estratégias de leitura. Módulos I e II. 3ª ed. São Paulo: Heccus, 2022.

VALENTINI, Antonio Carlos; MUNIZ-OLIVEIRA, Vitória; MUNIZ-OLIVEIRA, Siderlene. Inglês instrumental para o ensino superior: atividades didáticas. Campinas: Pontes Editores, 2022.

Bibliografia Complementar

CROSARA, Franciele Magalhães Inglês instrumental. Santa Maria, RS: UFSM, CTISM ; Rede-eTec Brasil, 2019.

HARTMANN, Cássio; Lopes, Gabriel César Dias; VIEIRA, Fábio da Silva. Inglês instrumental: diferencial para os profissionais da Educação Física. Cognitions, v. 4, n. 2, p. 1-10, 2021. DOI: 10.38087/2595.8801.112.

LAPKOSKI, Graziella Araujo de Oliveira. Do texto ao sentido: teoria e prática de leitura em língua inglesa. Curitiba: InterSaberes, 2012.

LEVAY, Paula; BARBUIO, Eduardo; MONTEIRO, Fabiana. Leitura instrumental em língua inglesa: estratégias para acelerar sua compreensão. Recife: Conexões Publicações, 2025.

SILVA, Danilo Santos. A importância e a efetividade do ensino de inglês instrumental: teoria, metodologia e práticas. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação. São Paulo, v. 11, n. 3, p. 524-540, mar. 2025. DOI: 10.51891/rease.v11i3.18270.

Disciplina: Lazer, Educação, Território e Mineração

Ementa: A atividade minerária é permeada por controvérsias sociais e ambientais, entre esses os desastres de rompimento de barragens de rejeitos não são eventos, mas processos que possuem uma territorialidade e são responsáveis por processos de desterritorialização. Essa disciplina se propõe a estudar conceitos de lazer articulado as complexidades de territoriais dos impactos e riscos promovidos pela atividade minerária. A educação crítica e as práticas de lazer podem ser um caminho para o empoderamento e superação da cultura de silêncio em áreas de mineração.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

CASTRO, E.; CARMO, E. D. Dossiê Desastres e Crimes da Mineração em Barcarena. Belém: NAEA: UFPA, 2019.

CASTRO, J. E., HELLER, L.; MORAIS, M. P. O Direito à água como política pública na América Latina: uma exploração teórica e empírica. Brasília: IPEA, 2015.

GOMES, C. L. Lazer, trabalho e educação-relações históricas, questões contemporâneas. Editora UFMG, 2008.

Bibliografia Complementar

BAHIA, M. C.; SAMPAIO, T. M. V. Lazer-meio ambiente: Em busca das atitudes vivenciadas nos esportes de aventura. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 28, n. 3, 2007.

BRUHNS, H. T. Lazer e meio ambiente: a natureza como espaço da experiência. In: BRUHNS, H. T. Conexões: educação, esporte, lazer. Campinas: Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, 1998. p. 07-26.

BRUHNS, H. T.; MARINHO, A. Lazer e meio ambiente-multiplicidade de atuações. LICERERevista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, v. 6, n. 2, 2003.

RECHIA, S.; LADEWIG, I. Espaços de Lazer, Meio Ambiente e Infância: relação entre sustentabilidade social e ambiental para o desenvolvimento integral do cidadão urbano. Revista Brasileira de Estudos do Lazer, v. 1, n. 3, p. 67-83, 2014.

RIGOTTO, R. M.; AGUIAR, A. C. P.; RIBEIRO, L. A. D. Tramas para a Justiça Ambiental: diálogo de saberes e práxis emancipatórias. Fortaleza: Edições UFC, 2018.

Disciplina: Lazer e Trabalho Contemporâneo

Ementa: Trabalho e sociedade e os elementos que os constituem. Relações históricas entre Lazer, Trabalho e as respectivas formas de produção. Uberização do trabalho e as implicações no lazer. A divisão sociossexual do trabalho: gênero, raça e etnia. Lazer como necessidade humana e novas perspectivas de luta de classe.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

ANTUNES Ricardo. Os Sentidos do Trabalho, Ed. Boitempo, 15ª edição, São Paulo, 2015.

FEDERICI, S. O patriarcado do salário: notas sobre marx, gênero e feminismo, 2020.

GOMES, Christiane. Lazer, Trabalho e Educação: relações históricas, questões contemporâneas. Editora UFMG, 2ª edição, 2008.

Bibliografia Complementar

ANTUNES Ricardo. Uberização, Trabalho Digital e Indústria 4.0, São Paulo, Boitempo, 2020

ISAYAMA, Hélder Ferreira (org.). Formação e atuação profissional em políticas públicas de esporte e lazer : estudos e pesquisas – Belo Horizonte : Editora UFMG, 2018.

SUNKARA, Bhaskar; KLEIN, Aline. ABC do Socialismo. Editora Autonomia Literária; 1ª Edição, 2022.

COLLINS, Patricia Hill. Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica. Tradução de Jess Oliveira. São Paulo: Boitempo, 2022.

OLIVEIRA, I. de. Desigualdades raciais: construções da infância e da juventude. Niterói: Intertexto, 1999.

Disciplina: Lazer, Mídias e Cultura Digital

Ementa: Introdução ao fenômeno da cibercultura e mídias digitais, assim como as transformações no modo de vida das pessoas. Compreender a dinâmica da cultura e suas transformações ocorridas com o uso das mídias. Compreender o lazer como mediação cultural nos diferentes grupos sociais.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

GOMES, C.L.; DEBORTOLI, J. A.; SILVA, L. P. Lazer práticas sociais e mediação cultural. Campinas, SP. Autores Associados, 2019.

BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.

MARTIN-BARBERO, J. Comunicação na educação. São Paulo: Contexto, 2014.

Bibliografia Complementar

SCHWARTZ, G. M. et al. Apropriação das tecnologias virtuais como estratégias de intervenção no campo do lazer: os webgames adaptados. LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, v. 16, n. 3, 2013.

PIAZZETTA, L. E. C. et al. Projeto organização de eventos esportivos: o impacto de jogos virtuais durante a pandemia. In: MTC-Mostra Técnico-Científica. IFRS-Campus Bento Gonçalves. 2021.

DE ALMEIDA PAULA, K.; DE ALMEIDA FARIA, T. C. O turismo e as mídias sociais: novas formas de aproximação do sujeito e espaço em tempos de pandemia. Geografares, v. 1, n. 32, p. 178-195, 2021.

COLLINS, Patricia Hill. Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica. Tradução de Jess Oliveira. São Paulo: Boitempo, 2022.

OLIVEIRA, I. de. Desigualdades raciais: construções da infância e da juventude. Niterói: Intertexto, 1999.

Disciplina: Leitura e Interpretação de Artigos Científicos

Ementa: Tipos de artigos/estudos científicos. Estruturas de um artigo científico (introdução, métodos, resultado, discussão e conclusão). Elementos e informações presentes nas diferentes partes do artigo. Interpretação dos testes estatísticos básicos; interpretação dos resultados: gráficos e tabelas. Revisando o conceito de inferência estatística.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

BATISTA, R. C. S. F; GEOFFROY, R. T. Ciência: pesquisa, métodos e normas. Barbacena: Unipac, 2004.

MARTINEZ, E. Bioestatística para os Cursos de Graduação da Área da Saúde. Editora Blucher, 2015.

TOZONI-REIS, M. F. C. Metodologia de pesquisa. Curitiba: IESDE Brasil, 2005.

Bibliografia Complementar

CASARIN, H. C. S.; CASARIN, S. J. Pesquisa Científica: da teoria à prática. Editora Intersaberes, 2012.

CAMPOS, R. C. P. R. Pesquisa, Educação e Formação Humana: nos trilhos da História - 1ª Edição. Editora Autêntica, 2010.

PEREIRA, J. E. D. Formação de professores: pesquisas, representações e poder. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SANTOS FILHO, J. C.; SÁNCHEZ GAMBOA, S. (Org.). Pesquisa educacional: quantidade-qualidade. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, S. P.; GREZZANA, J. F. Pesquisa como Princípio Educativo. Editora Intersaberes, 2013.

Disciplina: Libras

Ementa: O reconhecimento da língua brasileira de sinais como expressão e comunicação da comunidade surda. O percurso histórico educacional, social e legislativo. Cultura e identidade surda. Comunicação básica, envolvendo estudos gramaticais. Métodos para a educação de surdos.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

QUADROS, Ronice Müller de; MACHADO, Rodrigo Nogueira; SILVA, Jair Barbosa da. Introdução ao estudo da Libras. São Paulo: Editora Contexto, 2025. E-book. ISBN 9786555416367.

QUADROS, Ronice Müller de et al. (org.). Gramática da Libras (Volume 1). Rio de Janeiro: INES, 2023a.

QUADROS, Ronice Müller de et al.(org.). Gramática da Língua de Sinais Brasileira (Libras). v. 2. Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2023.

Bibliografia Complementar

CARVALHO, Vilmar Fernando; CAMPELLO, Ana Regina. A existência de quatorze (14) identidades surdas. Revista Humanidades e Inovação - ISSN 2358-8322 - Palmas - TO - v.9, n.14, 2022.

COLLINS, Patricia Hill. Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica. Tradução de Jess Oliveira. São Paulo: Boitempo, 2022.

OLIVEIRA, I. de. Desigualdades raciais: construções da infância e da juventude. Niterói: Intertexto, 1999.

FELIPE, Tanya Amara; MONTEIRO, Myrna Salerno. Libras em Contexto: Curso Básico: Livro do Estudante. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DOS SURDOS. Dicionário de Libras on-line. V. 3, 2011.

Disciplina: Métodos de Pesquisa Qualitativa em Educação Física

Ementa: Abordagens epistemológicas em pesquisas na educação. Métodos em pesquisa qualitativa: Análise crítica do discurso; Análise de conteúdo; Observação participante e não participante; Entrevista; Grupo focal. Representação social. Interpretação dos dados qualitativos.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

CRESWELL, Jonh W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SILVERMAN, David. Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TRIVIÑOS, Augusto. Introdução à pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. Atlas Editora. 1987.

Bibliografia Complementar

BARBOUR, Rosaline. Grupos focais. Porto Alegre: Artmed, 2009. 216p.

BARBIER Rene. A pesquisa em ação. Editora: Liber Livro. 2004.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Edições 70. 2011.

FLICK, Uwe. Introdução à Pesquisa Qualitativa. 3ª Edição. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde.

7ª edição, Rio de Janeiro: Hucitec. 2011.

Disciplina: Métodos de Pesquisa Quantitativa em Educação Física

Ementa: Desenho experimental, levantamento e tratamento de dados. Introdução à estatística descritiva e inferencial.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

TRIOLA, Mario F. Introdução à estatística. Editora LTC, 2005.

MOORE, D. S. (2005). A estatística básica e sua prática. Rio de Janeiro: LTC, 2010. SAMPAIO, Ivan. Estatística aplicada à experimentação animal. Editora UFMG, 4 ed. 1998.

OLIVEIRA, I. de. Desigualdades raciais: construções da infância e da juventude. Niterói: Intertexto, 1999.

Bibliografia Complementar

CRESPO, A. A. Estatística fácil. 17ª Ed. São Paulo: Saraiva, 2001. 224p.

CUNHA, S. E. Estatística descritiva: na psicologia e educação. Rio de Janeiro: Forense, [19--]. 243 p.

GONZALEZ, L. Por um feminismo afro-latino-americano. Rio de Janeiro: Zahar, 1ª ed., 2020.

HOEL, P. G. Estatística elementar. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1980. 430 p. POPPER, K. R. A lógica da pesquisa científica. 15ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2011. 567 p.

SOARES, J. F. Introdução à estatística médica. 2ª.Ed. Belo Horizonte: VIEIRA, S. Introdução à bioestatística. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Campus, 2008. 196 p.

Disciplina: Ócio, Lazer e Tempo Livre

Ementa: Abordagem epistemológica do ócio. Ócio como campo de conhecimento interdisciplinar. Ócio: processo histórico, conceito e dimensões. O fenômeno do ócio na contemporaneidade: Ócio humanista; Pedagogia do ócio; Ócio como desenvolvimento humano. Ócio em diferentes tempos sociais. Especificidades entre ócio e lazer.

Metodologia
Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.
Bibliografia Básica
BRASILEIRO, F. N. V. (Org.); VITORINO, G. T. (In); MARTINS, J.C.O. (Org.) . Da paideia à educação contemporânea: limites e possibilidades de processos educativos pelo ócio e para o ócio. 1. ed. Fortaleza: Gráfica Unifor, 2019. FRANCILEUDO, Francisco Antônio; MARTINS, José Clerton de Oliveira. Sentido do tempo, Sentido do ócio, Sentidos para o Viver. 1. ed. Coimbra - Portugal: Grácio Editor, 2016. MARTINS, J.C.O.; LINS, C.F.M (Org.); BARBOSA JUNIOR, F. W. S. (Org.). Ensaio da Pandemia: isolamento social entre caos e recriação da vida. 1. ed. Curitiba: Editora Appris, 2021.
Bibliografia Complementar
BAPTISTA, M. M.; VENTURA, A. Do Ócio. Debates no contexto da cultura contemporânea. Coimbra. Gráfico Editor. 2013 MARTINS, J. C. O.; BAPTISTA, M. M. O ócio nas culturas contemporâneas: teorias e novas perspectivas em investigação. Coimbra. Gráfico Editor, 2013. MARTINS, J.C.O.; ROCHA, L. (Org.). No envelhecer, experimente viver: reflexões sobre experiências potencializadoras de vida nos tempos livres da velhice. 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2018. OLIVEIRA, I. de. Desigualdades raciais: construções da infância e da juventude. Niterói: Intertexto, 1999. SALIS, V. D. Ócio Criador, Trabalho e Saúde. São Paulo. Editora Claridade, 2004.

Disciplina: Prescrição de Exercício Físico para Populações Especiais
Ementa: Estudo dos princípios e fundamentos da prescrição de exercício físico para populações especiais, considerando aspectos fisiológicos, clínicos, funcionais e de segurança. Abordagem das adaptações agudas e crônicas ao exercício em indivíduos com doenças crônicas, condições metabólicas, cardiovasculares, respiratórias, neurológicas, musculoesqueléticas e limitações funcionais. Discussão sobre avaliação física, estratificação de risco, controle de carga e individualização do treinamento para diferentes populações. Elaboração de programas de exercício físico voltados à promoção da saúde, prevenção de agravos, reabilitação e melhora da qualidade de vida. Integração entre evidências científicas e prática profissional interdisciplinar.
Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

MCARDLE, W.; KATCH, F.I.; KATCH, V.L. Fisiologia do Exercício: Energia, Nutrição e Desempenho Humano. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 7ª ed., 2015.

KRAEMER, W. Fisiologia do exercício: teoria e prática. 2. ed. Rio de Janeiro : Guanabara Koogan, 2016.

GUYTON, A. Fisiologia humana e mecanismos das doenças. 6 ed. Rio de Janeiro : Guanabara Koogan, 1988.

Bibliografia Complementar

NEGRÃO, Carlos Eduardo; BARRETTO, Antônio Carlos Pereira; RONDON, Maria Urbana Pinto Brandão. Cardiologia do exercício: do atleta ao cardiopata. Barueri: Manole, 2019.

ACSM – American College of Sports Medicine. Diretrizes do ACSM para os testes de esforço e sua prescrição. 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2022

DE LA, A. F. Treinamento desportivo: carga, estrutura e planejamento. 2 ed. São Paulo: Phorte, 2006.

COLBERG, Sheri R. Exercício físico e diabetes tipo 2: Declaração conjunta do Colégio Americano de Medicina Desportiva e da Associação Americana de Diabetes. Indianápolis: Colégio Americano de Medicina Desportiva, 2016.

SCOTT, P. K.; HOWLEY, E. T.. Fisiologia do Exercício: Teoria e aplicação ao condicionamento e ao desempenho. São Paulo: Manole, 8ª Ed., 2014.

Disciplina: Pedagogia da cultura corporal

Ementa: Estudo dos fundamentos filosóficos, didáticos e metodológicos da pedagogia da cultura corporal no contexto social, político e educacional brasileiro. Análise crítica das concepções hegemônicas da Educação Física e compreensão da pedagogia da cultura corporal como proposta para a organização do ensino escolar. Discussão sobre cultura corporal, trabalho pedagógico, políticas públicas e produção do conhecimento na área. Estudo de experiências pedagógicas e elaboração de propostas de ensino para diferentes níveis de escolarização.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de

tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

ESCOBAR, M. O. Jogo e Esporte na Cultura Corporal. In: ESCOBAR, M. O. Manifestações dos Jogos. Brasília: Centro de Educação a Distância, 2005. p. 9 45.

Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/123456789/230/modulo04>

ManifestacoesJogos.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 27 jun. 2025.

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. Campinas: Autores Associados, 2008.

SOARES, C. L. et al.. Metodologia do ensino da Educação Física. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

Bibliografia Complementar

SOUZA JÚNIOR, M. et al.. Coletivo de autores: a cultura corporal em questão. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 391-411, abr./jun. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/D5pYMHWxd9kkXTKfMjkBg7R/>. Acesso em: 27 jun.2025.

SAVIANI, Dermeval; DUARTE, Newton (org.). Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar. Campinas: Autores Associados, 2012.

OLIVEIRA, I. de. Desigualdades raciais: construções da infância e da juventude. Niterói: Intertexto, 1999.

COLLINS, Patricia Hill. Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica. Tradução de Jess Oliveira. São Paulo: Boitempo, 2022.

OLIVEIRA, I. de. Desigualdades raciais: construções da infância e da juventude. Niterói: Intertexto, 1999.

Disciplina: Representações sobre o Corpo: elementos históricos e contemporâneos

Ementa: Educação do corpo: teoria e história. Corpo: um objeto nas fronteiras do saber. A invenção de dispositivos de controle dos corpos e da corporalidade. O corpo em interface com: ciência, poder, civilização, higiene, trabalho, cidade, arquitetura e escola. Educação, corpo e discursos nacionalistas. O corpo em diálogo com as teorias de gênero e sexualidades; e com debates raciais.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de

tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

ELIAS, N. O processo civilizador: volume 1: uma história dos costumes. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

RIBEIRO, D. Pequeno manual antirracista. 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

VIGARELLO, G.; CORBIN, A.; COURTINE, J. (orgs.). História do Corpo. Petrópolis, RJ: Vozes, 3 volumes, 2008.

Bibliografia Complementar

DEL PRIORE, M. (Org.). História das crianças no Brasil. 7. ed. 3 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

ELIAS, N. O processo civilizador: volume 2: formação do Estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. 262 p.

GONZALEZ, L. Por um feminismo afro-latino-americano. Rio de Janeiro: Zahar, 1ª ed., 2020.

OLIVEIRA, M. A. T. Educação do corpo na escola brasileira. Campinas: Autores Associados, 2006.

SOARES, C. L. (Org.). Corpo e história. Campinas: Autores Associados, 2004.

Disciplina: Seminário de Classificação Funcional

Ementa: Discussão sobre contextualização histórica e conceito da Classificação Funcional nos esportes para pessoas com deficiência. Análise dos procedimentos de formação do profissional de Educação Física para atuação na Classificação Funcional no paradesporto e esportes paralímpicos nacional e internacionalmente.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

SAMULSKI D., MENZEL H.J., Prado L.S. Treinamento esportivo. São Paulo: Manole, 2013.

SOUZA P.A.O. Esporte na paraplegia e tetraplegia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1994.

WINCKLER C. Esporte Paraolímpico. 1. ed. São Paulo: Atheneu, 2012.

Bibliografia Complementar

BARBIANTI V.J. Teoria e prática do treinamento esportivo. 5. ed. São Paulo: Blücher, 2017.

BARBANTI, V.J. Esporte e atividade física: interação entre rendimento e qualidade de vida. São Paulo: Manole, 2002.

GORLA J.I, CAMPANA M.B., OLIVEIRA L.Z. Teste e avaliação em esporte adaptado. São Paulo: Phorte, 2009.

MELO M.T. Avaliação clínica e da aptidão física dos atletas paraolímpicos brasileiros: conceitos, métodos e resultados. 1. ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2004.

POLLOCK V., GREVE J.M.D., POLITO M.D. Fisiologia clínica do exercício. São Paulo: Manole, 2013.

Disciplina: Temas Contemporâneos em Educação

Ementa: Estudo e aprofundamento de temas psicossociais, culturais, políticos e econômicos atuais e relevantes relacionados à educação, que contribuam para a formação dos professores.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

ARROYO, Miguel Gonzalez. Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens. Petrópolis: Vozes, 2000. 251 p.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992. Coleção Magistério 2º grau – série formação do professor

Bibliografia Complementar

COLLINS, Patricia Hill. Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica. Tradução de Jess Oliveira. São Paulo: Boitempo, 2022.

OLIVEIRA, I. de. Desigualdades raciais: construções da infância e da juventude. Niterói: Intertexto, 1999.

DEL PRIORE, M. (Org.). História das crianças no Brasil. 7. ed. 3 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

ELIAS, N. O processo civilizador: volume 2: formação do Estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. 262 p.

GONZALEZ, L. Por um feminismo afro-latino-americano. Rio de Janeiro: Zahar, 1ª ed., 2020.

Disciplina: Temas Contemporâneos em Educação Física

Ementa: Estudo e aprofundamento de temas fisiológicos, psicossociais, culturais, políticos e econômicos atuais e relevantes relacionados à Educação Física que contribuam para a formação dos/das professore(a)s na contemporaneidade.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

BRACHT, V. A educação física escolar no Brasil: o que ela vem sendo e o que pode ser. Ijuí: Ed. Unijuí, 2019.

GUYTON, A.C.; HALL, J.E. Tratado de fisiologia médica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A, 12ª Ed, 2011.

FACHIN, Odília. Fundamentos de Metodologia. 5.ed. São Paulo: Saraiva, 2006

Bibliografia Complementar

BARBIANTI V.J. Teoria e prática do treinamento esportivo. 5. ed. São Paulo: Blücher, 2017

BRUHNS, H.T. A busca pela natureza turismo e aventura. Barueri, SP: Manole, 2009.

ISAYAMA, H. F. Lazer em estudo: currículo e formação profissional. Campinas: Papirus, 2010

SAMULSKI, D. M. Psicologia do Esporte: Manual para a Educação Física, Psicologia e Fisioterapia. 1. ed. São Paulo: Manole, 2002

COLLINS, Patricia Hill. Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica. Tradução de Jess Oliveira. São Paulo: Boitempo, 2022.

OLIVEIRA, I. de. Desigualdades raciais: construções da infância e da juventude. Niterói: Intertexto, 1999.

Disciplina: Tópicos em Esportes Olímpicos
Ementa: Estudo da contextualização histórica e conceito dos esportes e Jogos Olímpicos de Verão e de Inverno. Discussão sobre procedimentos e estratégias metodológicas do profissional de Educação Física nos esportes olímpicos.
Metodologia
Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.
Bibliografia Básica
BARBIANTI V.J. Teoria e prática do treinamento esportivo. 5. ed. São Paulo: Blücher, 2017. MELO FILHO, A. Esporte, educação física e constituição. São Paulo: Ibrasa, 1989. SAMULSKI D., MENZEL H.J., PRADO L.S. Treinamento esportivo. São Paulo: Manole, 2013.
Bibliografia Complementar
CNE - Conferência Nacional do Esporte. Esporte, lazer e desenvolvimento humano: documento final. Brasília: Ministério do Esporte, 2004. LANCELLOTTI, S. Olimpíadas 100 anos: história completa dos jogos. São Paulo: Círculo do livro, 1996. MELO NETO, F.P. Marketing esportivo: o esporte como ferramenta do marketing moderno. Rio de Janeiro: Best Seller, 2013. RUBIO, K. Esporte, educação e valores olímpicos. Belo Horizonte: Casa do Psicólogo, 2009 WINCKLER, C. Esporte Paraolímpico. 1. ed. São Paulo: Atheneu, 2012.

Disciplina: Tópicos em Saúde para Grupos Especiais
Ementa: Estudo das bases fisiológicas para a prevenção, promoção, manutenção e reabilitação da saúde de populações especiais e sua relação com a atividade física.
Metodologia
Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de

tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

THOMPSON, P. D.; RIEBE, D; PESCATELLO, L.S.; ARENA, R. Diretrizes do ACSM - Para Os Testes de Esforço e sua Prescrição - Guanabara Koogan - 9ªed. 2014.

MCARDLE, W.; KATCH, F.I.; KATCH, V.L. Fisiologia do Exercício: Energia, Nutrição e Desempenho Humano. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 7ª Ed. 2011

ACSM. Manual ACSM Para Avaliação da Aptidão Física Relacionada À Saúde - Guanabara Koogan. 3ª Ed. 2011.

Bibliografia Complementar

GUYTON, A. C. & HALL, J. E. Fisiologia humana e mecanismos das doenças. 6ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

BERNE, R. M.; LEVY, M. N. & KOEPEN, B. M. Fisiologia. 4ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

GUYTON, A. C. & HALL, J. E. Fisiologia humana e mecanismos das doenças. 6ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

DÂNGELO, J. G. & FATTINI, C. A. Anatomia Humana Sistêmica e Segmentar. 3ª edição. São Paulo: Atheneu, 2011.

GUYTON, A. C. & HALL, J. E. Tratado de Fisiologia médica. 10ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

Disciplina: Tópicos Especiais em Recuperação Física e Psicológica Aplicadas no Treinamento Esportivo

Ementa: Estudos sobre as estratégias de avaliação e intervenção no processo de recuperação física e psicológica aplicadas ao treinamento das práticas corporais e esportes.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

BARBANTI, V.J. Esporte e atividade física: interação entre rendimento e qualidade de vida. São Paulo: Manole, 2002.

SAMULSKI, Dietmar Martin. Psicologia do esporte: manual para a educação física, psicologia e fisioterapia. Barueri: Maneco, 2002. 380 p. ISBN 8520415148 (enc.).

TANI G., CORRÊA U.C. Aprendizagem motora e o ensino do esporte. 1. ed. São Paulo: Blücher, 2018.

Bibliografia Complementar

BARBIANTI V.J. Teoria e prática do treinamento esportivo. 5. ed. São Paulo: Blücher, 2017.

CASSIDORI JUNIOR J.C. Treinamento esportivo. Curitiba: Intersaberes, 2020.

BURITI, Marcelo de Almeida (Org.). Psicologia do esporte. 4. ed., rev. São Paulo: Alínea, 2012. 180 p. (Psicotemas).

NAVARRO A.C. Pedagogia do esporte: jogos esportivos coletivos. São Paulo; Phorte, 2015.

STEFANELLO, J. M. F. Treinamento de competências psicológicas: em busca da excelência esportiva. São Paulo: Manole, 2007.

Disciplina: Velhice e lazer

Ementa: O envelhecimento e a velhice no mundo contemporâneo. Aspectos sociais e culturais do envelhecimento em relação ao lazer. Direitos sociais e cidadania da pessoa idosa. Políticas públicas de atenção ao idoso. Processos organizativos e a construção de atores sociais na área do protagonismo da pessoa idosa.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

GOMES, C.; PINHEIRO, M. F. G.; LACERDA, L. L. L.. Lazer, turismo e inclusão social: Intervenção com idosos. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

GUSMÃO, N. M. M. Cinema, Velhice e cultura. Campinas/SP: editora Alínea, 2005.

FONSECA, A. M.; BAGNOLI, V. R.; SOARES, J. M.; JACOB FILHO, W.; BARACAT, E. C. Envelhecimento Feminino. São Paulo: Editora Atheneu; 2015.

Bibliografia Complementar

MARTINS, J.C.O.; LOPES, M. R. R. (Org.). Envelhecer: tempo de (re)criar a vida. 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2017.

MARTINS, J.C.O.; FRANCILEUDO, F. A. . Sentido do tempo, Sentido do ócio, Sentidos para o Viver. 1. ed. Coimbra - Portugal: Grácio Editor, 2016.

CUENCA CABEZA, M. Ócio valioso para envelhecer bem. São Paulo: Edições SESC, 2018.

BORGES, R. M.; BRITO, C. M. D.; MONTEIRO, C. F. Saúde, lazer e envelhecimento: uma análise sobre a brincadeira de dança de roda das Meninas de Sinhá. Interface Comunicação, Saúde, Educação, v. 24, p. e190279, 2020.

ISAYAMA, H. F.; GOMES, C. L. Lazer e as fases da vida. In: MARCELLINO, N. C. Lazer e sociedade: múltiplas relações. Campinas: Editora Alínea, 2008.

Disciplina: Voleibol

Ementa: Estudo da história e evolução do Voleibol. Métodos de ensino dos fundamentos técnicos, sistemas táticos e das habilidades motoras. Planejamento do processo de ensino aprendizagem-treinamento, da iniciação ao esporte de rendimento. Regras oficiais e arbitragem.

Metodologia

Aulas expositivas dialogadas; leitura e interpretação do texto básico; realização de atividades escritas; metodologias ativas por meio de seminários, discussões, debates, projetos: utilização de tecnologias educacionais; exploração de espaços não formais de aprendizagem, e ambientes virtuais, entre outras.

Bibliografia Básica

BIZZOCCHI, C. C. O voleibol de alto nível: da iniciação à competição. 5 ed. Barueri: Manole, 2016.

PESSOA, A. E.; BERTOLLO, M.; CARLAN, P. Voleibol. Ijuí: Unijuí, 2009.

GUILHERME, A. À beira da quadra: técnica e tática de voleibol, conhecimentos úteis aos dirigentes, treinadores e atletas. 4. ed. Belo Horizonte: Minas Tennis Clube, 2001.

Bibliografia Complementar

BARBANTI, V. J. Treinamento esportivo: as capacidades motoras dos esportistas. Barueri: Manole, 2010

MOTA, Y. (Org.). Treinamento esportivo: aspectos multifatoriais do rendimento. 1. ed. Rio de Janeiro: Medbook, 2014.

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005

COLLINS, Patricia Hill. Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica. Tradução de Jess Oliveira. São Paulo: Boitempo, 2022.

OLIVEIRA, I. de. Desigualdades raciais: construções da infância e da juventude. Niterói: Intertexto, 1999.

SUVOROV, Y. P.; GRISHIN, O. N. Voleibol: iniciação. 5. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2010.

8 Metodologia de ensino

Esta proposta pedagógica do curso de Educação Física parte de uma concepção humanista de educação. Portanto, concebe um protagonismo à relação aluno-professor quanto ao processo ensino- aprendizagem, procurando atribuir um significado e sentido na assimilação do conhecimento das distintas áreas do saber, em detrimento de uma mera reprodução de informações acumulada ao longo da história humana e de um cientificismo.

Não obstante, a adoção dessa proposta deve considerar as singularidades e o respeito às mesmas, incentivando uma formação humana pautada não em uma perspectiva de aprendizagem no formato linear; mas, em uma concepção de uma transformação pessoal e coletiva dinâmica, imbricada, interdisciplinarmente e transversalmente.

Tal proposta baliza-se na compreensão de uma pluralidade e complexidade que envolve o desenvolvimento humano; portanto, não deve se restringir na adoção de métodos de ensino analíticos. Tendo em vista essa complexidade que envolve a essência formativa humana, essa, deveria buscar problematizar situações no processo ensino-aprendizagem que, desafie, questione e amplie a compreensão simbiótica do conhecimento acadêmico e de senso comum, respeitando, assim, tanto o saber e o fazer humano em sua integralidade.

Enfim, o processo ensino-aprendizagem não deve se restringir ao reproduzir acriticamente informações culturalmente acumuladas, mas, sobretudo, norteando-se na concepção do humano, mundo, sociedades e processos educativos, visando um dialogismo reflexivo, questionador e multidimensional, considerando o contexto social em constante processo de transformação; notadamente, considerando os princípios éticos que garantam o respeito à vida humana. Assim sendo, a metodologia de ensino adotada por este curso deve buscar ser:

Questionadora: na medida em que apresenta as contradições básicas da vida com problemas que desafiam as pessoas nela envolvidas;

Integradora: na medida em que possibilita às pessoas captarem o desafio e relacionarem com todas as dimensões da vida;

Crítica: na medida em que oportuniza a busca das causas dos problemas existenciais, sociais e políticos.

Protagonista: na medida em que, ao responderem os desafios, as pessoas sintam-se comprometidas no processo de transformação de sua realidade;

Dialógica: na medida em que elas são chamadas a conhecer, a elaborar o seu conhecimento, quando se encontram em autêntica comunicação com outras pessoas;

Criativa: na medida em que oferece a elas a possibilidade de construir seu saber, compartilhando suas experiências, inventando e reinventando seu mundo, criando sua cultura e forjando seu destino como seres históricos; Portanto, os diversos conteúdos de ensino abordados ao longo da formação discente serão tratados nas dimensões conceituais (teorias, informações, conceitos), procedimentais (saber fazer) e atitudinais (valores e atitudes), de modo a incentivá-los a vivenciar uma abordagem transversal dos conhecimentos, articulando os diferentes saberes pertinentes em cada disciplina, por meio de reflexões e das práticas específicas da Educação Física, contemplando a diversidade de espaços de formação e atuação docente.

Para tanto, o docente segundo as especificidades do conteúdo a ser ministrado, bem como as singularidades dos/das discentes, poderá lançar mão de uma diversidade de procedimentos didáticos como: aulas expositivas, dialogadas, seminários, apresentação de trabalhos, atividades práticas, recursos áudio visuais, dentre outras estratégias, conforme a relação conteúdo-objetivo-métodos.

8.1 Avaliação de desempenho discente

A proposta avaliativa a ser desenvolvida neste curso tem como princípio superar a ideia do processo ensino-aprendizagem como mera mensuração de aquisição de informações, que se dá pela transmissão do docente, cabendo ao discente recebê-la. Assim, esse processo deve ser construído por ambos os atores, que se avaliam e auto avaliam continuamente, buscando uma complementariedade, focando a formação humana em sua integralidade.

Assim, essa forma de avaliação torna-se mais dinâmica, aberta e formativa, à medida que ela se transfere dos atores acadêmicos para as ações exercidas coletivamente,

permitindo o seu constante aperfeiçoamento e tornando mais pertinentes aos objetivos propostos no Projeto Pedagógico do Curso. Notoriamente, é imprescindível informar aos discentes de maneira explícita, clara e coerente, a adoção dos critérios avaliativos escolhidos pelo docente. Tal postura pretende romper com as formas tradicionalmente acríticas de avaliação, tendo, sobretudo, a perspectiva da memorização, e não a contextualização das informações; ou seja, transformando-as em conhecimento pertinente ao cenário social em constante mudança.

Deve estar claro para os atores desse processo que a avaliação não se restringe ao desempenho discente, mas, igualmente, à intervenção docente e de suas escolhas didático-pedagógicas, sendo, portanto, sujeito desse processo. Portanto, não se avalia apenas o discente, mas, todo o processo ensino aprendizagem, para que se tenham informações que subsidiem as tomadas de decisões quanto a possíveis alterações, manutenção e/ou aprimoramento das ações realizadas.

Tendo em vista o exposto, as normas que regem este curso se baseiam no Regimento Geral da UEMG, na Seção VIII – Da Avaliação do Rendimento Escolar, que estabelece os seguintes princípios:

A avaliação do rendimento escolar é feita em cada disciplina, em função do aproveitamento verificado em provas e trabalhos decorrentes das atividades exigidas do aluno;

É assegurado ao estudante o direito de revisão de prova e trabalhos escritos, desde que requerida no prazo estipulado pela Unidade;

A revisão de provas e trabalhos deverá ser feita, de preferência, na presença do aluno.

É obrigatório o comparecimento do aluno às aulas e às demais atividades previstas no Regimento Geral da UEMG;

O aluno que não tiver frequentado pelo menos setenta e cinco por cento das atividades escolares programadas estará automaticamente reprovado.

A avaliação do rendimento em cada disciplina é feita por pontos cumulativos, em uma escala de zero (0) a cem (100).

Nenhuma avaliação parcial do aproveitamento pode ter valor superior a quarenta (40) pontos.

Apurados os resultados finais de cada disciplina, o rendimento escolar de cada aluno é convertido em conceitos:

A – Ótimo-90 a 100 pontos

B - Muito Bom-80 a 89 pontos

C – Bom-70 a 79 pontos

D – Regular-60 a 69 pontos

E – Fraco-40 a 59 pontos

F – Insuficiente-abaixo de 40 pontos ou infrequente

É considerado aprovado o aluno que alcança o conceito D, no mínimo, e apresenta frequência satisfatória.

O discente terá direito à avaliação de segunda oportunidade, caso tenha atingido entre 40 (quarenta) e 59 (cinquenta e nove) dos 100 (cem) pontos distribuídos para a disciplina no semestre, e não tenha sido reprovado por faltas, conforme as LDB 9394/96 art.12 inciso V. Caso o discente for reprovado, seja por rendimento, isto é, nota, e/ou por infrequência, terá que repetir a disciplina a posteriori.

Assim sendo, conforme a autonomia e sensibilidade docente pode-se utilizar dos diferentes tipos de avaliação – diagnóstica, formativa/somativa e final –, adotando distintos instrumentos avaliativos – autoavaliações, prova objetivas e/ou dissertativas, apresentação de trabalhos de forma individual e/ou coletiva, elaboração de portfólios, produção textual –, possibilitando contemplar as múltiplas inteligências dos discentes e de suas formas de assimilação dos saberes transmitidos.

Importante ressaltar a interdependência quanto à relação objetivo- conteúdo- avaliação, deva considerar a apropriação de conhecimentos, o domínio de habilidades e competências e atitudes previstas em cada período da matriz curricular, isto é, atendendo a devida complexidade e aprofundamento dos conteúdos ministrados, considerando o processo ensino- aprendizagem ao longo do curso.

8.2 Atendimento ao estudante

Ciente de seu papel social, a UEMG reafirma seu compromisso com a pleno direito de acesso e permanência do estudante ao ensino superior, e, por meio das Pró-Reitorias de Ensino e de Extensão, planeja ações que visam à estruturação de uma política de assistência ao estudante.

Aprovado pelo Conselho Universitário - CONUN, Resolução Nº 201/2010, o NAE busca atender à Comunidade Estudantil, contribuindo para sua integração psicossocial, acadêmica e profissional. Além disso, desenvolve mecanismos que possibilitam a interlocução dos egressos com a Universidade. O Núcleo de Atendimento ao Estudante (NAE) da Universidade possui programas e projetos que buscam apoiar os discentes e inseri-lo no ambiente universitário e profissional. Este Núcleo conta com profissionais para orientação e acompanhamento psicológico e social. Os alunos da Unidade de Ibirité têm a possibilidade de serem atendidos, individualmente ou em grupos, por estes profissionais, em dias e horários previamente agendados. O apoio aos discentes com necessidades especiais é realizado por meio da contratação de monitores para acompanhar e ajudá-los em suas atividades acadêmicas.

No ano de 2015, institucionalizou-se na Unidade o Núcleo de Apoio ao Estudante Intercambista (NAI), cuja função é divulgar informações relacionadas aos programas de intercâmbio e incentivar a participação dos discentes nestes programas.

Em fevereiro de 2016, todos os estudantes da UEMG, incluindo os da Unidade de Ibirité passaram a contar com seguro contra acidentes pessoais em caso de imprevistos na participação de aulas práticas, atividades de pesquisa, extensão, estágio e visitas técnicas.

Como forma de favorecer a permanência dos estudantes na Universidade e melhorar sua formação acadêmica, a Unidade busca incentivá-los a participar das atividades de ensino, pesquisa e extensão.

O envolvimento dos docentes em editais de fomento à pesquisa estimula a participação dos estudantes em projetos científicos e tecnológicos. Os estudantes que atuam na iniciação científica são contemplados com bolsas e auxílios fornecidos pelos órgãos de fomento e, também com recursos da Universidade para participarem de eventos (seminários, congressos, encontros, palestras e outros) internos e externos.

Além de terem a oportunidade de serem bolsistas de projetos de extensão, os estudantes da Unidade podem concorrer a bolsas e auxílio financeiros oferecidos pelos Programas Institucionais de Apoio à Extensão da Universidade, alguns dos quais são coordenados por professores de Ibirité.

Destaca-se também o empenho em instituir parcerias e convênios com instituições públicas e privadas para viabilizar oportunidades de estágios e monitorias aos estudantes.

Outra forma de atendimento ao estudante é o Programa de Ensino em Monitoria Acadêmica (PEMA) e a monitora voluntária que é uma atividade acadêmica que permite o desenvolvimento de competências básicas para o exercício da docência. O/A aluno/a

monitor/a tem a oportunidade de aprofundar sua experiência como estudante, exercer apoio pedagógico aos colegas sobre questões apresentadas em sala, bem como auxiliar o professor da disciplina na elaboração e execução do plano de trabalho e de tarefas acadêmicas.

9 Núcleo docente estruturante

O Núcleo Docente Estruturante (NDE), segundo a Resolução CEE/MG nº 482 de 08 de julho de 2021, que estabelece normas relativas à regulação da educação superior do sistema Estadual de Minas Gerais e dá outras providências, e a Resolução COEPE/UEMG nº 284 de 11 de dezembro de 2020, constitui-se de um grupo de docentes, com atribuições acadêmicas de acompanhamento, atuante no processo de concepção, consolidação e contínua atualização do projeto pedagógico do curso. Os critérios de constituição do NDE devem minimamente contemplar os seguintes pontos:

Ser constituído por 5 professores/as pertencentes ao corpo docente do curso; pelo menos, 60% (sessenta por cento) de seus membros devem ter titulação acadêmica obtida em programas de pós-graduação *stricto sensu* na área específica de conhecimento na qual o curso se insere ou afim, conforme as áreas do conhecimento definidas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior – CAPES;

Composto por, pelo menos, 20% (vinte por cento) de seus membros devem exercer suas funções em regime de trabalho de tempo integral;

Os/as membros do Núcleo Docente Estruturante, conforme critérios estabelecidos no artigo 4º desta Resolução, serão escolhidos através de processo eleitoral, levando em consideração a formação acadêmica na área do curso, nos moldes do artigo 4º desta Resolução.

O Núcleo Docente Estruturante é um órgão consultivo de caráter permanente, possuindo as seguintes atribuições:

Atuar no acompanhamento, na consolidação e na atualização do Projeto Pedagógico do Curso – PPC;

Contribuir para a consolidação do perfil profissional do/a egresso/a do curso;

Zelar pela integração interdisciplinar entre as diferentes atividades de ensino constantes no currículo;

Identificar formas de incentivo ao desenvolvimento de linhas de pesquisa e extensão, oriundas de necessidades da graduação, de exigências do mercado de trabalho e afinadas com as políticas públicas relativas à área de conhecimento do curso;

Observar e zelar pelo cumprimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação.

10 Colegiado de curso

A partir da resolução COEPE/UEMG Nº 273, de 21 de julho de 2020 que regulamenta a composição e o funcionamento dos Colegiados de Curso de Graduação e estabelece normas complementares para a criação de Departamentos Acadêmicos na Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, o Colegiado do curso de graduação em Educação Física passa a ser constituído por:

- Um/a representante de cada um dos Departamentos Acadêmicos que ofereçam disciplinas no curso, eleitos pelas respectivas Câmaras Departamentais, por um mandato de 2 (dois) anos, permitida uma recondução;
- Representantes dos professores que participam do curso, eleitos pelos demais docentes, por um mandato de 2 (dois) anos, permitida uma recondução;
- Representantes dos estudantes regularmente matriculados no curso, escolhidos na forma do Estatuto e do Regimento Geral;

§ 1º Juntamente com os representantes previstos nos incisos I a III serão eleitos suplentes, com mandato vinculado, para substituí-los em suas faltas ou impedimentos.

§ 2º Cada Colegiado de Curso de Graduação terá um Coordenador e um Subcoordenador, eleitos para mandato de dois anos, permitido o exercício de até dois mandatos consecutivos.

§ 3º Nas Unidades pendentes de completa estruturação por falta de professores efetivos, permite-se que as funções de representação previstas nos incisos I e II deste artigo sejam desempenhadas por professores designados.

As deliberações do Colegiado de Curso são feitas em reuniões ordinárias e/ou extraordinárias e as decisões são tomadas com base na maioria absoluta de seus membros. A esse órgão compete:

- Orientar, coordenar e supervisionar as atividades do curso;

Elaborar o projeto pedagógico do curso e encaminhá-lo ao Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, ouvida a Pró-Reitoria de Graduação;

Fixar diretrizes dos programas das disciplinas e recomendar modificações aos

Departamentos;

Elaborar a programação das atividades letivas, para apreciação dos Departamentos envolvidos;

Avaliar periodicamente a qualidade e a eficácia do curso e o aproveitamento dos alunos;

Recomendar ao Departamento a designação ou substituição de docentes; • decidir as questões referentes à matrícula, reopção, dispensa de disciplina, transferência, obtenção de novo título, assim como as representações e os recursos sobre matéria didática;

representar ao órgão competente no caso de infração disciplinar.

O Colegiado de Curso funcionará com a maioria absoluta de seus membros e suas decisões serão tomadas pela maioria de votos dos presentes, excluídos os brancos e nulos.

E somam-se as descrições da Resolução COEPE/UEMG Nº 273, de 21 de julho de 2020:

Parágrafo único. Os Colegiados dos Cursos de Graduação, além de suas competências próprias estabelecidas pelo art. 59 do Estatuto da Universidade, deverão:

– Articular-se com o Núcleo Docente Estruturante para elaborar o Projeto Pedagógico do Curso e encaminhá-lo ao Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, ouvida a Pró-reitoria de Graduação;

– Apreciar as alterações propostas pelo Núcleo Docente Estruturante para o desenvolvimento do Projeto Pedagógico do Curso;

III– Avaliar periodicamente a qualidade e a eficácia do curso e o aproveitamento dos estudantes, ouvido o Núcleo Docente Estruturante.

11 Infraestrutura

A Fundação Helena Antipoff – FHA abrigava os cursos de graduação do Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira (ISEAT). Eles foram absorvidos em 2013 pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), conforme lei estadual n. 20.807 de 2013, vindo a constituir a UEMG-Unidade Ibirité. A unidade, juntamente com outras dezenove, compõem a universidade que está presente nas mais distintas regiões de Minas Gerais.

Os cursos de graduação têm sido realizados nos horários matutinos e noturnos. No período da manhã funcionam os cursos de graduação de Ciências Biológicas, Educação Física e Pedagogia já no período da noite são ministrados os cursos de Educação Física, Letras, Matemática e Pedagogia.

Há condições estruturais na UEMG da Unidade de Ibirité para ampliação de oferta em cursos de pós-graduações stricto sensu. A unidade está situada em um terreno da Fundação Helena Antipoff que possui mais de quarenta e nove hectares. Portanto, possui a capacidade física de criar novos espaços para cursos e atendimento à comunidade. É de interesse da fundação, da comunidade acadêmica, bem como das pessoas da região que a pós-graduação seja oferecida.

No local onde funciona a Unidade Ibirité, há muita área verde, espaço para caminhadas e leituras. Todo esse espaço físico é vigiado por câmeras e seguranças que são funcionários da FHA.

As instalações que a UEMG/Ibirité ocupa na Fundação Helena Antipoff, se organizam em quatro prédios, com a seguinte distribuição:

INFRAESTRUTURA		QUANTIDADE
1. Salas de aula	Prédio Pedagogia	6
	Prédio Ciências Biológicas, Letras e Matemática	12
	Prédio central	3
	Prédio Ed. Física – Caio Martins	7
2. Gabinete(s) de trabalho para coordenadores de Colegiados de Cursos		1
3. Gabinete(s) de trabalho para Chefes de Departamentos		4
4. Gabinetes de trabalho para professores em regime de tempo integral		3
5. Salas de professores		2
6. Auditório		1
7. Sala Multimídia		1
8. Sala Master – UAITEC		1
9. Secretaria		1
10. Setor Administrativo		1
11. Direção		1
12. Almoxarifado		1

13. Sala de Pesquisa e Extensão	1
14. Núcleo de Estágio	1
15. Núcleo de Ações Intercambistas	1
16. Biblioteca	1
17. Laboratório de Informática 66	1
18. Laboratório de Informática 67	1
19. Laboratório de Informática – Educação Física	1
20. Sala dos Centros Acadêmicos – prédio central	1
21. Sala do Centro Acadêmico – Educação Física	1
22. Audiovisual	2
23. Recepção	2
24. Depósito material esportivo	1
25. Ginásio Poliesportivo*	1
26. Sala de dança	1
27. Campo de Futebol*	1
28. Piscina*	1
29. Galpão Minas Olímpica*	1
30. Refeitório*	1
LABORATÓRIOS	
31. Laboratório de Línguas	
32. Laboratório de Práticas Pedagógicas	
33. Laboratório de Artes	
34. Laboratório de Matemática	
35. Laboratório de Fisiologia	
36. Laboratório de Anatomia	
37. Laboratório de Biologia Geral	
38. Laboratório de Bioquímica,	
39. Laboratório de Botânica	
40. Laboratório de Microbiologia	
41. Laboratório de Citologia / Histologia / Embriologia	
42. Laboratório de Zoologia / Ecologia	
43. Laboratório de Informática	
44. Museu Helena Antipoff	

**Patrimônio imóvel – uso compartilhado com a Fundação Helena Antipoff*

No prédio Caio Martins, tem a sala da coordenação, da chefia de departamento, de professores, do projeto de extensão sobre o ócio, de dança, laboratório de informática, laboratório de fisiologia, oito salas de aulas, banheiros, sala para os vigias e amplo estacionamento.

O prédio mais recentemente (Prédio Ciências Biológicas, Letras e Matemática) construído é de dois andares. Em baixo, tem sala para o pessoal da limpeza, banheiros, sala ampla para os coordenadores de cursos e cinco salas de aula. O andar de cima é composto por sete salas de aula. Em frente, há um estacionamento aberto para os estudantes.

Não muito distante do prédio novo, encontra-se o prédio da pedagogia ligado ao prédio que funciona dois laboratórios de informática, sala do DA estudantil, ampla sala de artes e prédio da biblioteca. No espaço da pedagogia, além dos banheiros, há seis salas de aula.

A biblioteca da unidade de Ibirité fica entre o prédio da pedagogia e o prédio central. Atualmente, seu acervo vem sendo complementado com a biblioteca virtual que tem demonstrado ser um ótimo recurso disponível e acessível para os estudantes.

O prédio central tem um amplo saguão na entrada e é constituído por dois andares. No primeiro pavimento está a sala da direção acadêmica, ampla secretaria, sala do setor de recursos humanos e compra e patrimônio, sala de equipamentos para empréstimos, sala do técnico de informática, uma sala de aula, sala da presidência da Fundação Helena Antipoff e cerca de sete salas para técnicos administrativos da FHA. Além dos banheiros coletivos, a grande maioria das salas do prédio central possui banheiros próprios.

Ainda no primeiro pavimento, funciona um refeitório e cantina. A Fundação Helena Antipoff disponibiliza almoço e jantar a preços populares para seus funcionários e estudantes, bem como funcionários e estudantes da UEMG. Quase em frente ao refeitório, encontra-se o corredor que leva ao espaço físico do museu Helena Antipoff.

O segundo pavimento do prédio central é composto por duas salas de aula comum e uma sala com noventa assentos estofados e lousa digital. Nesse andar localiza-se a sala dos professores, da pesquisa e extensão, núcleo de estágio, sala de orientação de TCC, sala do departamento de Letras e Linguística, sala do departamento de Ciências Exatas e sala do departamento de Ciências Humanas.

Sala dos professores

A Unidade possui uma sala de professores localizada no prédio central, bem iluminada, ventilada e adequada para o número de docentes. A referida sala dispõe de dois computadores com acesso a internet, microondas, geladeira, cadeiras e mesas de reunião e escaninhos. A sala de professores situada no prédio do Curso de Educação Física, possui dois computadores com acesso a internet, escaninhos, longarinas, cadeiras e mesa de reunião.

Coordenações de Cursos, gabinetes, chefias de Departamentos e Núcleos de estágio

O espaço das coordenações dos Colegiados de Cursos é compartilhado entre os Cursos de Ciências Biológicas, Letras, Matemática e Pedagogia. Está equipado com quatro computadores com acesso a internet e impressora ligada em rede. Além disso, possui armários e mesas individuais para cada coordenador, mesa de reunião e cadeiras.

A Unidade possui 4 (quatro) gabinetes de trabalho para Chefes de Departamentos, todos são equipados com mesas de escritório, armários novos e modernos, bem como cadeiras giratórias, computadores ligados em rede a uma impressora. Possui também 3 (três) gabinetes de trabalho para professores em regime de tempo integral, compostos de mesas, armários, cadeiras e ventiladores.

A sala de pesquisa e extensão é ampla e confortável, equipada com dois computadores com acesso a internet, impressora ligada em rede, mesa de reunião, armários, cadeiras almofadadas e cadeiras giratórias. Já o Núcleo de Estágio possui um computador com conexão a internet e ligado a uma impressora em rede e mobiliários como mesas, cadeiras giratórias e armários.

Salas de aula

As 28 (vinte e oito) salas de aula possuem quadro branco, ventiladores e telas de projeção. Todas as salas de aula já possuem data shows devidamente instalados.

Secretaria Acadêmica

A Secretaria Acadêmica possui ampla área física e conta com 6 computadores com acesso a internet e uma impressora multifuncional. O processo de registro acadêmico é informatizado e integrado ao Sistema de Secretarias da UEMG (Sistema AIX). Por meio deste Sistema, são gerados os históricos escolares, declarações, relatórios, listas de presença e emitidos os documentos necessários à Secretaria. Conforme dados da Pró-reitoria de Ensino, disponibilizados no site da UEMG, a Unidade de Ibirité registrou 1833 alunos matriculados no 2º semestre de 2020.

Sala Master

Esta sala que integra o Programa UAITEC é compartilhada entre a UEMG e a FHA para oferta de cursos de formação educacional e qualificação profissional, e também cursos de pós-graduação Lato Sensu que ainda serão criados pelo ISEAT, sendo composta pelos seguintes ambientes:

Sala de vídeo conferência

Sala de controle geral que centraliza os controles de videoconferência

Estúdio de gravação

Sala para produção de conteúdo

Auditório

Possui capacidade para 300 pessoas e equipado com microfones sem fio, mesa de som com 12 canais, seis caixas de som, amplificador de 2500KW, microsystem, púlpito, mesa de conferência, tela de projeção e vários tipos de cabeamentos necessários para sistema de áudio e vídeo.

Recursos disponíveis de Informática e Multimídia

A sala multimídia está equipada com kit multimídia (lousa digital, data show, sistema de som e computador) e também com 50 poltronas modernas e confortáveis, sendo duas delas especiais.

Setor de Audiovisual

O Setor de Audiovisual disponibiliza 11 data shows, 4 notebooks, 10 DVDs, 5 microsystems, 4 televisões, 13 caixas de som, 5 caixas acústicas e 4 caixas amplificadas, bem 4 armários e mesas.

Rede computacional

A rede computacional é composta por 112 equipamentos utilizados pelo setor administrativo, professores coordenadores, chefes de Departamentos, Direção e alunos. Sendo 13 (treze) para uso exclusivo dos servidores técnico administrativo e 77 utilizados pelos estudantes da Unidade. Os demais equipamentos são distribuídos entre Direção, Coordenações, Chefes de Departamentos e demais docentes.

Biblioteca

A Biblioteca Acadêmica, com área de 253,16 m², encontra-se instalada em local salubre, iluminado e confortável. Possui ventiladores, janelas amplas com cortinas e rampa para facilitar o acesso de pessoas com necessidades especiais. Conta com 12 (doze) computadores para uso da comunidade acadêmica e 3 (três) computadores para uso dos funcionários sendo dois no setor de atendimento e um na sala de preparo técnico. Possui um acervo em um banco de dados que compreende o Sistema Integrado de Bibliotecas Pergamun, que foi implantado em 2015. Este Sistema permite a integração da biblioteca da Unidade com todas as bibliotecas do Sistema da UEMG. Todo acervo é informatizado, a base de dados é o Pergamun. A biblioteca faz parte do Sibuemg, sistema de bibliotecas da UEMG. Conta também com uma biblioteca virtual que possui um acervo de mais de 10 mil títulos, além de uma lista de links úteis.

A comunidade acadêmica possui acesso a todas as bases do Portal de Periódicos da CAPES como acesso remoto aos docentes através do Capescafe. Está em processo de liberação para os discentes, estes podem acessar nas unidades da UEMG. Possui acervo de 6.914 títulos de livros que correspondem a 13.124 exemplares para os cinco cursos.

Assunto geral	Nº Títulos	Nº Exemplares
Educação Física	333	829

A biblioteca possui também um total de 142 títulos de periódicos (revistas), somando 2.424 exemplares. Não existem assinaturas de periódicos nas áreas específicas. O acervo é proveniente de doações de professores, alunos, instituições de ensino e comunidade, o que não configura, portanto, coleção ou sequência de exemplares. A UEMG tem assinatura da Revista dos tribunais. A indexação e catalogação dos periódicos nas bases do Sistema Pergamun está prevista para o início de 2021. Horário de funcionamento: segunda a sexta-feira de 07 h às 22h e sábados de 07 às 12h.

Biblioteca On-line

Existe um acervo pelo site: <http://www.uemg.br> ao acervo virtual que organiza e disponibiliza e-books aos estudantes.

Laboratórios

Laboratórios	Área Física
Laboratório de Práticas Pedagógicas Helena Antipoff	4,50LX4,30C=19,35 m ²
Laboratório de Artes	7,60LX8,20C=62,32 m ²
Laboratório Geral	5,70LX9,15C=52.155 m ²
Laboratório Anatomia	5,70LX9,10C=51,87 m ²
Laboratório de Citologia / Histologia Embriologia	50 m ²
Laboratório de Fisiologia do Exercício	55 m ²
Laboratório de Línguas	62,64 m ²
Laboratório de Matemática	46 m ²
Laboratórios de Informática - 66 - 67 - Caio Martins	- 67 m ² - 48 m ² - 95 m ²
Laboratório de Química / Imunologia e Bioquímica	50 m ²
Laboratório de Botânica	50 m ²
Laboratório de Zoologia e Ecologia	50 m ²
Laboratório de Microbiologia Geral	50 m ²

A realização das atividades experimentais no curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira, da Fundação Helena Antipoff, possibilita ao graduando um aprendizado significativo. O futuro docente desenvolverá habilidades e competências essenciais em sua profissão. É academicamente reconhecida a importância da atividade prática como método de aprendizagem e desenvolvimento de habilidades técnicas.

A seguir, são descritos os equipamentos e mobiliários que compõem os laboratórios do Curso de Pedagogia do ISEAT/FHA.

Laboratório de Informática

A Fundação Helena Antipoff - ISEAT possui atualmente 2 (dois) Laboratórios de Informática. Tais laboratórios estão instalados em amplas salas, sendo que o primeiro deles encontra-se numa sala de 49,20 m² e o outro, numa sala de 65,00m². Normalmente, os dois laboratórios são utilizados por todos os cursos, sendo que o segundo laboratório, localizado na sala 67, é prioritariamente utilizado pelos alunos e professores do curso de Licenciatura em Matemática.

O laboratório 66 possui 21 máquinas, e o laboratório 67, 17 máquinas. Nos dois casos, todos os computadores estão interligados em rede. O acesso à rede é feito de acordo com o usuário específico de cada curso, permitindo autonomia e segurança entre os trabalhos e recursos utilizados pelos alunos. Todas as máquinas têm no mínimo 4GB de memória RAM, HD de 320GB e drive de cd-rom, sendo que todas máquinas dos laboratórios possuem kit multimídia.

Todos os computadores do laboratório 66 e 67 têm o Windows 10 Professional. Além disso, todos eles possuem softwares básicos como o Microsoft Office, Antivírus, Acrobat reader e Winrar, além de diversos softwares educacionais solicitados pelos professores.

Os dois laboratórios também possuem acesso à internet, feito via rádio, numa velocidade de 15Mbps. O acesso dos alunos passa por um programa de firewall, que restringe alguns sites considerados inapropriados para o ambiente acadêmico.

Os laboratórios, possuem um projetor multimídia (Datashow), para apresentações de trabalhos e afins.

Laboratório de Informática			Área Física	Equipamentos			Organização das Aulas
01	Laboratório	em rede	S	13	computadores em rede		S
01	Laboratório	em rede	S	14	computadores em rede		S

Laboratório de Práticas Pedagógicas Helena Antipoff - LAPPHA

O Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira - ISEAT, da Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Ibirité, tem como principal intenção a formação do professor para a Educação Básica pautada na articulação permanente entre teoria e prática. As origens deste espaço formativo têm conexão com a história das instituições criadas pela psicóloga e

educadora russa Helena Antipoff na região de Ibirité, a partir de 1939. Nesse contexto, nomear o laboratório do curso de Pedagogia de: Laboratório de Práticas Pedagógicas Helena Antipoff – LAPPHA, tem a intenção de reverenciar esta educadora, reconhecendo a importância histórica do seu trabalho no campo de formação de professores em Minas Gerais.

Este espaço foi idealizado para promover a pesquisa e reflexões sobre a prática docente, durante a formação do licenciado e é utilizado principalmente nas disciplinas voltadas às metodologias e práticas de ensino.

A necessidade de criação do Laboratório de Práticas Pedagógicas ocorreu a partir de reflexões de práticas formativas docentes, sobre a perene articulação de espaços teóricos e práticos. Tais indagações foram suscitadas durante as aulas de Conhecimentos Metodológicos Curriculares de Língua Portuguesa no ano de 2012.

Como o passar dos anos, os avanços tecnológicos se intensificaram, os estudos sobre as metodologias de ensino se aperfeiçoaram, porém, o que notamos é que a dinâmica de ensino parece estagnada e o muitas vezes o professor esquia-se de outros métodos de ensino e fica apenas na retórica em parceria com o quadro negro e com o giz (LEITE, 2015 p. 11).

A criação do laboratório demandou diversas discussões com docentes e discentes do curso de Pedagogia. Os primeiros materiais do laboratório foram produzidos durante as aulas no curso de Pedagogia e de doações da comunidade. Atualmente o acervo será ampliado com a criação de uma brinquedoteca no laboratório.

O objetivo central o LAPPHA é ampliar as possibilidades formativas dos licenciandos de Pedagogia, em consonância com o Projeto Pedagógico do curso, configurando-se como espaço de articulação do ensino, pesquisa e extensão.

Dessa maneira busca se aglutinar esforços de professores e alunos com a intenção de pensar e desenvolver práticas pedagógicas em acordo com a realidade das escolas contemporânea; atender às demandas da comunidade quanto à atividades que auxiliem na constante reflexão necessária à atividade educativa e implementar grupos de pesquisa e extensão voltados para a prática pedagógica.

O Laboratório ainda promove as seguintes atividades: cursos, palestras e formação para alunos e professores da educação básica, elaboração e empréstimo de materiais pedagógicos para escolas e professores da Educação Básica e para estudantes universitários e atendimento à professores e alunos da Educação Básica, especialmente das escolas do entorno da Universidade, como a Escola Sandoval Soares de Azevedo (ESSA).

A necessidade de espaços acadêmicos voltados para a prática pedagógica vem sendo recorrentemente reafirmada por alunos, professores e pesquisadores da educação.

O Laboratório se constituiu em espaço formativo alternativo à sala aula e à lógica das disciplinas, que estará constantemente disponível para alunos e professores façam experimentações de práticas pensadas e orientadas pelo estudo sistemático da área educacional. Assim, pretende contribuir para uma formação consolidada.

A metodologia implementada no laboratório será baseada na tríade ensino, pesquisa e extensão. As ações serão pensadas de acordo com três eixos:

O primeiro destina-se à formação dos alunos durante as disciplinas do curso, principalmente àquelas voltadas às metodologias e práticas de ensino. Os materiais do laboratório serão voltados à relação teoria e prática produzida durante as aulas.

O segundo destina-se à atividade de pesquisa. A primeira ação implementada pelo laboratório foi o grupo de Pesquisas Helena Antipoff, que pretende revisitar as práticas pedagógicas de Laboratório de Ensino criadas e utilizadas por esta estudiosa. A criação desse grupo de pesquisa pretende resgatar historicamente movimentos da própria instituição para atendimento das demandas de articulação entre teoria e prática.

O terceiro destina-se à formação por meio de atividades extensionistas em que os alunos, acompanhados pelos professores do curso, atenderão estudantes da Educação Básica. Também serão oferecidos cursos de extensão aos docentes da Educação Básica, além de produção de materiais didáticos.

Laboratório de Arte e Educação

A arte na educação tem importância ímpar na formação dos estudantes do Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira ISEAT, da Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Ibirité. O foco da instituição é propiciar a formação docente para a Educação Básica, tendo-se como eixo norteador nos cursos de licenciatura o investimento numa práxis amparada pela permanente reflexão teórico-prática.

As origens da instituição têm conexão com a história das instituições socioeducativas fundadas pela psicóloga e educadora russa Helena Antipoff na região de Ibirité, a partir de 1939. Para ela, a integração arte e educação teria como fim maior estimular a formação integral dos alunos, por isso, foi entusiasta da inserção de atividades pedagógicas que estimulassem a percepção, a expressão criadora e a imaginação na formação de professores.

Da continuidade dessa missão, visa-se propiciar aos licenciandos da UEMG Unidade Ibirité espaços apropriados para a vivência em arte e oportunizar aos alunos e professores possibilidade de organizar o Laboratório de Arte e Educação.

O uso do Laboratório de Arte e Educação possibilita uma metodologia que consideramos essencial para a integração arte e educação nos processos formativos dos licenciandos, articular as quatro áreas da disciplina Arte e Educação e CMC Arte (Artes Visuais, Música, Dança e Teatro), tendo como norte que a formação dos alunos deve se basear no ensino, pesquisa e extensão, conforme descreveremos a seguir:

Formação – estimular a interdisciplinaridade e propiciar vivências de processos de ensino-aprendizagem nas diferentes linguagens, ampliando o aproveitamento do espaço físico do atelier para adequá-lo às turmas e propiciar o acesso a diferentes suportes e materiais didáticos: projetor de multimídia, caixa acústica, computador, prateleiras e armários aéreos, mesas modulares, piso adequado, etc.

Pesquisa – propor projetos de pesquisa que integrem arte e educação e permitam a reflexão da prática pedagógica nas diferentes linguagens. Incentivar a participação dos alunos do curso de Pedagogia no Grupo de Trabalho Infância, Arte e Educação: diálogos possíveis com o Memorial Helena Antipoff, que visa conhecer sobre a história do ensino de arte no Brasil.

Extensão – compartilhar com a comunidade acadêmica e da região de Ibirité os resultados dos projetos desenvolvidos nas disciplinas de Arte e Educação e Conhecimentos Metodológicos Curriculares do Ensino de Artes I e II ao longo do Curso de Pedagogia, como exposições dos trabalhos desenvolvidos na disciplina.

Existem alguns espaços que são compartilhados entre a FHA e a UEMG. Entre esses espaços, estão auditórios, enfermaria, galpão Minas Olímpica, piscina, ginásio poliesportivo, casa próxima a escola Sandoval e campo de futebol.

Há outros espaços no entorno utilizados pela FHA, quais sejam: Escola Sandoval Soares de Azevedo, Escola Técnica, auditório da Escola Técnica, biblioteca comunitária, parque Ecológico Helena Antipoff e espaço musical. Há, também, uma sala com recursos tecnológicos que permitem gravação de aulas de professores, além de diversos computadores nessas salas disponíveis para estudantes.

12 Corpo docente

DOCENTES	TITULAÇÃO MÁXIMA	REGIME DE TRABALHO	VÍNCULO EMPREGATÍCIO	DISCIPLINA	LATTES (LINK)
Aginaldo Antônio da Silva	D	I	EF	Atividades Integradoras I: Escola e Formação de Professores Docência em Educação Física: História da Vida, Formação e Experiência	http://lattes.cnpq.br/8793370032242945
André de Assis Lauria	M	I	EF	Práticas Esportivas I, Urgências e Emergências aplicadas à Educação Física; Projeto de Pesquisa	http://lattes.cnpq.br/8604239534493163
Andreza Gonçalves Barbosa	D	I	CT	Metodologia do Trabalho Científico	http://lattes.cnpq.br/7254477478911189
Beatriz Magalhães Pereira	D	I	EF	Biomecânica	http://lattes.cnpq.br/5499301143159910
Bruno Costa Teixeira	D	I	EF	Anatomia aplicada a Educação Física (Turma A)	http://lattes.cnpq.br/9551194341787934
Camila Cristina Fonseca Bicalho	D	I	EF	Psicologia do Esporte	http://lattes.cnpq.br/5321702240212988
Carla Augusta Nogueira Lima e Santos	D	I	EF	Estudos do Lazer; Estágio Supervisionado Não Escolar I: Políticas Públicas de Lazer, Cultura e Esporte	http://lattes.cnpq.br/4777491046578487
Carlos Eduardo Campos	D	I	CT	Cinesiologia; Atletismo; Atividades Integradoras IV: Esportes e Práticas Corporais	http://lattes.cnpq.br/7325597033900780
Cássia Danielle Monteiro Dias Lima	D	I	EF	História da Educação Física	http://lattes.cnpq.br/3438269788160089
Cíntia de Oliveira Matos	D	I	CT	Práticas Corporais e Meio Ambiente; Políticas Públicas de Saúde; Atenção Primária à Saúde	http://lattes.cnpq.br/4937483576377876
Cláudia Ocelli Costa	M	I	EF	Políticas Públicas de Educação	http://lattes.cnpq.br/3520085284776193

Cletiana Gonçalves da Fonseca	D	P	CT	Citologia e Histologia	http://lattes.cnpq.br/6628651177319192
Cristiane Alves Martins	D	I	EF	Atividade Física, Práticas Corporais e Envelhecimento	http://lattes.cnpq.br/0886602146941463
Daisy Motta Santos	D	P	CT	Estágio Supervisionado Escolar I: EF e Organização Escolar Saúde, Sociedade e Educação Física	http://lattes.cnpq.br/2504359112669144
Dalva Rosa dos Anjos	M	P	EF	Atividades Aquáticas; Educação Física, Jovens, adultos e idosos	http://lattes.cnpq.br/4509396357339431
Danilo da Silva Ramos	D	I	CT	Pesquisas em Educação Física; Educação Física, Teorias Pedagógicas e Construção Curricular; Ócio, Lazer e Tempo Livre; Estágio Supervisionado Integrado: Programas/projetos sociais e educacionais	http://lattes.cnpq.br/4413479386938715
Diogo Rodrigues Puchta	D	I	EF	Estágio Supervisionado Escolar II: Educação Física Escolar e Infâncias	http://lattes.cnpq.br/8952476226812046
Fernanda Abbatepietro Novaes	M	I	EF	Danças	http://lattes.cnpq.br/7184894805490100
Gabriela Baranowski Pinto	D	I	EF	Atividades Integradoras II: Saúde Coletiva; Estágio Supervisionado Não Escolar III: Saúde Coletiva	http://lattes.cnpq.br/6810402417908343
Ingrid Ludmila Bastos Lôbo	D	I	EF	Educação Física, Inclusão e Práticas Corporais Adaptada; Estágio Supervisionado Não Escolar II: Métodos e Processos de Treinamento das Práticas Corporais	http://lattes.cnpq.br/1107273347452286
Isabella Caroline Belem	D	I	EF	Estágio Supervisionado Escolar I: EF e Organização Escolar; EF e Organização Escolar Atuação e Formação em Educação Física	http://lattes.cnpq.br/9338217673617968
João Roberto Ventura De Oliveira	D	I	EF	Comportamento Motor	http://lattes.cnpq.br/2425860983730436
Juliana Bohnen Guimarães	D	I	EF	Fisiologia do Exercício	http://lattes.cnpq.br/2668895913136852

Luciano Silveira Coelho	D	P	EF	Trabalho de Conclusão de Curso; Estágio Supervisionado Escolar III: Educação Física Escolar, Adolescência e Juventude; Educação Física Escolar, Adolescências e Juventudes	http://lattes.cnpq.br/3921031619838864
Luiz Alexandre Medrado de Barcellos	D	I	EF	Treinamento Esportivo	http://lattes.cnpq.br/1467182641433879
Moises Vieira De Carvalho	D	I	EF	Urgências e Emergências aplicadas à Educação Física; Anatomia aplicada a Educação Física (Turma B)	
Marcone Rodrigues da Silva	D	P	CV	Biomecânica; Lutas; Métodos e Processos de Treinamento de Práticas Corporais	http://lattes.cnpq.br/2296395620613204
Marco Tulio Machado De Vette Lima	M	I	CT	Práticas Esportivas I; Cinesiologia; Pedagogia do Esporte; Medidas e Avaliação	http://lattes.cnpq.br/7475530615477830
Marina Guedes Costa e Silva	M	P	EF	Estágio Curricular Supervisionado Escolar II: Educação Física Escolar e Infância; Educação Física Escolar e Infâncias	http://lattes.cnpq.br/7127746922551484
Matheus Batista dos Reis	M	I	EF	Introdução à Filosofia	http://lattes.cnpq.br/9455688524149284
Mellina Souza Batista	M	I	EF	Sociologia das praticas corporais	http://lattes.cnpq.br/2480742819088287
Paola Luzia Gomes Prudente	D	I	EF	Circo e Educação Física; Ginásticas	http://lattes.cnpq.br/6669692090981858
Patrícia Dias Games	D	I	EF	Bioquímica	http://lattes.cnpq.br/0816769642196047
Roberto Camargos Malcher Kanitz	D	I	EF	EF, Culturas Afro-brasileiras e Indígenas; Educação Física, Minorias Sociais e Inclusão; Estágio Supervisionado Integrado: Programas/projetos sociais e educacionais	http://lattes.cnpq.br/6997368330718781
Sheylazarth Presciliana Ribeiro	D	I	EF	Lazer, Educação, Território e Mineração	http://lattes.cnpq.br/4230678725765206

Siane Paula de Araújo	D	P	CV	Estágio Supervisionado Escolar II: Educação Física Escolar e Infâncias; Jogos, Brinquedos e Brincadeiras	http://lattes.cnpq.br/7585761656458342
Sílvia Silveira Quintão Savernini	D	I	EF	Fisiologia Humana	http://lattes.cnpq.br/9444858785437053
Suziane Chaves Nogueira	D	I	EF	EF, Culturas Afro-brasileiras e Indígenas; Educação Física, Teorias Pedagógicas e Construção Curricular	http://lattes.cnpq.br/9800952224810789
Vitor Hugo Santos Rezende	M	I	CT	Práticas Esportivas II; Atividades Integradoras III: Programas de Lazer; Educação Física, Inclusão e Práticas Corporais Adaptadas	http://lattes.cnpq.br/9653110258120081

13 Programas de apoio discente

A Universidade do Estado de Minas Gerais instituiu, em 2017, o Programa Estadual e Assistência Estudantil – PEAES/UEMG com o objetivo de garantir a permanência dos estudantes de graduação, democratizando o ensino superior público do Estado de Minas Gerais. O PEAES/UEMG concede diversos tipos de auxílio, tais como: moradia, alimentação, transporte, creche, apoio didático-pedagógico, promoção à saúde, promoção à cultura, promoção ao esporte, promoção à inclusão da pessoa com deficiência e inclusão digital. Destaca-se que os estudantes regularmente matriculados na Universidade podem receber até três tipos de auxílio concomitantemente. Todas as informações estão disponíveis no site da UEMG, inclusive os editais para a concessão dos auxílios.

A Universidade também possui o Programa de Estágio Não Obrigatório que é ofertado aos alunos das Unidades Acadêmicas da UEMG, conforme publicizado no site da UEMG. Além disso, regularmente é promovida a seleção de monitores para acompanhar os discentes com deficiência nas atividades acadêmicas que se fizerem necessárias nas dependências da Instituição ou em atividades on-line, conforme demanda. A fim de assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e liberdades fundamentais da pessoa com deficiência e visando sua inclusão social e cidadania neste contexto, tendo em vista ainda o Decreto Federal nº5.626/2005 – que regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000, a UEMG disponibiliza ao longo do ano letivo tradutor e intérpretes de LIBRAS para acompanhamento das atividades dos estudantes.

É salutar informar, também, a implementação do Núcleo de Apoio ao Estudante – NAE em todas as 22 Unidades Acadêmicas desta Universidade. Em suas ações, o NAE propõe implementar as políticas institucionais de inclusão, assistência estudantil e ações afirmativas para o acesso e permanência na Universidade e, realizar atendimento aos estudantes, atuando em ações de caráter social na promoção da saúde, do esporte, da cultura e oferecendo apoio acadêmico, contribuindo para a integração psicossocial, acadêmica e profissional da comunidade discente. Como ações de nivelamento, a UEMG possui o Programa de Ensino em Monitoria Acadêmica – PEMA, regulamentado pela Resolução COEPE/UEMG nº 305, de 21 de junho de 2020, é destinado à melhoria do processo de ensino e aprendizagem nos cursos de graduação e compreende o exercício de atividades de caráter técnico-didático, relacionadas ao Projeto Pedagógico de Curso, mediante a concessão de bolsas aos estudantes regularmente matriculados em Cursos de Graduação, nas modalidades presencial e a distância. Além disto, destacamos a possibilidade de participação dos discentes em intercâmbios nacionais e internacionais, por meio dos diversos convênios firmados com

instituições parceiras. Todas as informações sobre mobilidade estudantil estão disponíveis no site da UEMG.

13.1 Programa Estadual de Assistência Estudantil (PEAES)

Instituído pela Lei Estadual Nº 22.570 de 05 de julho de 2017, com o Decreto Estadual Nº 47.389 de 23 de março de 2018 atualizado pelo Decreto nº 48.402, de 7 de abril de 2022, com a Resolução CONUN/UEMG Nº 592 de 19 de maio de 2023 e a Ata da Reunião CONUN de 13 de fevereiro de 2019, Para concessão de auxílios pecuniários aos estudantes de graduação, de baixa renda, devidamente matriculados em cursos presenciais e em situação regular, de todas as suas Unidades Acadêmicas, com o objetivo de contribuir para a permanência do estudante em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Programa de Ensino em Monitoria Acadêmica (PEMA) Regulamentado pela Resolução COEPE/UEMG nº 305/2021, o PEMA oferece bolsas a alunos regularmente matriculados em graduação (presencial ou EAD) para atividades técnico-didáticas vinculadas ao Projeto Pedagógico do curso. Objetivos principais incluem participação em projetos de ensino sob orientação docente, suporte a colegas com dificuldades, inovação pedagógica, interação professor-aluno e estímulo à vocação docente. Para detalhes, consulte o edital vigente no site da UEMG ou contate pema.prograd@uemg.br.

14 Núcleo de Apoio ao Estudante (NAE)

Aprovado pela Resolução CONUN-UEMG nº 201/2010 e atualizado pela nº 523/2021, o NAE atua em todas as unidades acadêmicas, promovendo inclusão, assistência e ações afirmativas. Oferece acolhimento individual, suporte psicossocial, acadêmico e profissional, além de encaminhamentos para saúde, psicologia ou jurídico. Atribuições incluem orientação em acessibilidade, ambientação, disseminação de editais e integração com comunidades locais. Parecer Técnico 73 (145891552) SEI 2350.01.0011514/2026-06.

Programa Institucional de Apoio à Pesquisa (Papq/UEMG) vinculado à PROPPG e facultado pela Lei Estadual nº 22.929/2018 e Decretos nº 47.512/2018 e nº 47.442/2018, foca na iniciação científica de discentes. Modalidades de bolsas e auxílios: BIC (Iniciação Científica para graduação), BPO (Professor Orientador), material de consumo, participação em eventos e confecção de teses/dissertações. Visa integrar graduação e pós-graduação em atividades científicas e culturais.

15 Programa de Apoio à Extensão (PAEx)

Vinculado à PROEx-UEMG, autorizado pela Lei nº 22.929/2018 e Decretos nº 47.442/2018 e nº 47.512/2018, apoia projetos extensionistas com bolsas para estudantes e professores. Finalidades: formação integral, prática da extensão como geradora de conhecimento, impacto social, integração ensino-pesquisa-extensão e cumprimento da Resolução COEPE nº 287/2021 (extensão como componente curricular obrigatório).

Seguro Estudantil Com o objetivo de garantir segurança nas atividades acadêmicas, a UEMG mantém contrato de seguro contra acidentes pessoais para estudantes regularmente matriculados, cobrindo situações ocorridas em aulas práticas, pesquisas, projetos de extensão e demais atividades institucionais. Mais informações: <https://uemg.br/images/Nae/nae-seguro-estudantes-orientacoes.pdf>.

16 Política de Internacionalização e AICI

A Assessoria de Intercâmbio e Cooperação Interinstitucional (AICI) é responsável pelas relações entre a UEMG e as instituições nacionais e estrangeiras no que tange à internacionalização. A AICI está regulamentada pelo Decreto nº 48.746, de 29/12/2023, no Art. 27: I – Estabelecer contatos com instituições nacionais e internacionais, públicas e privadas, para levantamento de possibilidades de intercâmbio e colaboração com a UEMG; II – Avaliar as condições requeridas pelas instituições convenientes; III – Prestar o suporte necessário à celebração de intercâmbios, contratos e convênios; IV – Propor regras básicas de intercâmbio e de colaboração a serem firmados; V – Prover as Unidades Universitárias das informações referentes à possibilidade de intercâmbio e colaboração; VI – Relatar, ao término do intercâmbio, do contrato ou do convênio, os resultados alcançados. Mais informações em: <https://uemg.br/internacional> Seu objetivo principal é estimular e facilitar, provendo suporte técnico, acadêmico e administrativo às atividades de intercâmbio e cooperação interinstitucional. Nesse sentido, a AICI também se relaciona com as Pró-Reitorias e Unidades Acadêmicas no intuito de apoiar e incentivar ações de internacionalização na UEMG. <https://uemg.br/outgoing/alunos-da-uemg/como-realizar-intercambio>

17 Programa Inclua

Com o objetivo de promover a permanência e o desenvolvimento acadêmico de estudantes com dificuldades de aprendizagem, a UEMG instituiu, na Resolução CONUN/UEMG nº 671/2025, o Programa INCLUA. Ele foi estruturado para ofertar, por meio da seleção de monitores da graduação ou pós-graduação, apoio acadêmico individualizado às Pessoas Público-alvo da Educação Especial e Inclusiva (PAEEI). Para isso, é necessário que o estudante apoiado passe por uma Avaliação Diagnóstica Educacional, que servirá de

base para a elaboração do Plano de Desenvolvimento Individual (PDI) e do Plano de Atendimento Especializado (PAE). Tais documentos têm como finalidade mapear estratégias de participação acadêmica do estudante e estratégias de mediação do monitor, respectivamente. Espaço para cursos incluir iniciativas locais "Programa de Acolhimento" A atenção ao discente constitui um dos eixos estruturantes das políticas institucionais da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), orientadas para a promoção da permanência, do desenvolvimento acadêmico e do bem-estar dos estudantes ao longo de sua trajetória universitária. Nesse sentido, a UEMG desenvolve ações sistemáticas de acolhimento aos ingressantes, compreendendo o ingresso no ensino superior como um momento de transição significativo, que envolve mudanças acadêmicas, sociais e pessoais. O processo de inserção na universidade é frequentemente marcado pelo afastamento do ambiente familiar, pela adaptação a novas rotinas e pela vivência de relações institucionais regidas por normas e dinâmicas próprias do ensino superior. Tais desafios tendem a ser intensificados no caso de estudantes oriundos de contextos socioeconômicos vulneráveis, cujas trajetórias educacionais podem ter sido atravessadas por desigualdades estruturais que impactam diretamente as condições de aprendizagem e permanência.

No âmbito do Curso Educação Física da Unidade Ibirité, o programa de acolhimento assume papel fundamental na integração dos ingressantes à comunidade acadêmica, ao apresentar a estrutura do curso, seus princípios formativos, as instâncias institucionais de apoio e os serviços disponíveis. Dessa forma, o acolhimento discente consolida-se como uma estratégia essencial para a promoção de uma formação integral, equitativa e inclusiva, em consonância com o compromisso social da UEMG e com os objetivos educacionais do curso.

18 Programas de apoio docente

A Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) desenvolve programas institucionalizados voltados ao fortalecimento da carreira docente, à qualificação acadêmica e ao incentivo à produção científica. Entre as principais iniciativas estão o Programa de Bolsa de Produtividade em Pesquisa e o Programa de Capacitação de Recursos Humanos, que integram a política institucional de valorização do corpo docente.

O Programa de Bolsa de Produtividade em Pesquisa tem como objetivo incentivar e reconhecer a produção científica, tecnológica e de inovação dos professores da UEMG. Por meio da concessão de bolsas, o programa estimula o desenvolvimento de projetos de pesquisa alinhados às demandas sociais e regionais, promovendo a consolidação de grupos

de pesquisa, a publicação em periódicos qualificados e a ampliação da captação de recursos externos. Além disso, contribui para o fortalecimento da cultura investigativa na universidade, ampliando o impacto acadêmico e social das pesquisas desenvolvidas. O Programa tem suas normas estabelecidas pela Resolução CONUN/UEMG nº 528, de 11 de novembro de 2021. As bolsas são concedidas por meio de Editais de seleção, publicados periodicamente, onde são estabelecidos o número de cotas de bolsas e os critérios de avaliação das propostas. Mais informações em: <https://www.uemg.br/component/phocadownload/category/1540-programa-de-bolsas-de-produtividade-em-pesquisapq-uemg>

Já o Programa de Capacitação de Recursos Humanos é voltado à qualificação e ao aperfeiçoamento do corpo docente, apoiando a realização de cursos de pós-graduação, estágios pós-doutorais, capacitações técnicas e outras atividades formativas. A iniciativa busca Parecer Técnico 73 (145891552) SEI 2350.01.0011514/2026-06 / pg. 5 promover o desenvolvimento profissional contínuo, aprimorar práticas pedagógicas e fortalecer a excelência acadêmica institucional. Ao investir na formação continuada dos docentes, a UEMG reafirma seu compromisso com a qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão. Mais informações em: <https://www.uemg.br/pesquisa/programas/pcrh>

19 Programa de apoio a participação de docentes em eventos – PAPEV

O Programa tem como objetivo estimular a participação de professores da UEMG, com trabalhos comprovadamente aceitos em eventos técnico científicos de abrangência nacional ou internacional e que possibilitem a publicação dos resultados de pesquisa. É financiado com recursos destinados à Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e executado no limite de sua disponibilidade de recursos. Editais: <https://www.uemg.br/pesquisa/programas/papev> 18- Recomenda-se a revisão integral do PPC igualmente nas falhas de formatação, para que se tenha uma lucidez dos conteúdos que estão desalinhados. Pede-se a organização as normas da ABNT de forma que apresente todos os tópicos do PPC ajustando o trabalho.

20 REFERÊNCIAS

AMORIM, Ivonete Barreto; SANTOS, Geisa Arlete do Carmo; VIRGÍLIO, Janete Maciel. O memorial na formação do pedagogo: narrativas de um processo dialógico. **Revista Cairu**, Salvador, v. 3, n. 4, 2012.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1993. v. 1.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças dos velhos. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1979.

BRACHT, Valter. Educação física: conhecimento e especificidade. In: SOUSA, Eustáquia S.; VAGO, Tarcísio M. (Orgs.). **Trilhas e partilhas**: educação física na cultura escolar e nas práticas sociais. Belo Horizonte: Cultura, 1997. p. 13-24.

BRACHT, Valter. Saber e fazer pedagógicos: acerca da legitimidade da Educação Física como componente curricular. In: BRACHT, Valter. **Educação Física escolar**: política, investigação e intervenção. Vitória: Proteoria, 2001. p. 67-79.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 24 maio 2020.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2005.

BRASIL. **Lei n. 8.530, de 2 de janeiro de 1946**. Lei Orgânica do Ensino Normal. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1946.

BRASIL. **Lei n. 9.424, de 24 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1996.

BRASIL. **Lei n. 11.788, de 25 de setembro de 2008**. Dispõe sobre o Estágio Supervisionado. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2008.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CES nº 3, de 2 de julho de 2007**. Dispõe sobre procedimentos a serem adotados quanto ao conceito de hora/aula, e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2007.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CES nº 6 de 18 de dezembro de 2018**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Educação Física e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2018.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CES nº 2 de 20 de dezembro de 2019**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de professores para a Educação Básica. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2019.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação; Conselho Pleno. **Resolução CNE/CP nº 1, de 17 de junho de 2004**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2004.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação; Conselho Pleno. **Resolução CNE/CP nº 01 de 30 de maio de 2012**. Estabelece diretrizes para educação em direitos humanos. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2012.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação; Conselho Pleno. **Resolução CNE/CP nº 2, de 15 de junho de 2012**. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2012.

CAMPOS, Regina H. de F. Helena Antipoff: razão e sensibilidade na psicologia e na educação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 209-233, 2003.

CASTRO, Luciana Maria Cerqueira. A universidade, a extensão universitária e a produção de conhecimentos emancipadores. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., 2004, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPED, 2004. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/27/inicio.htm>. Acesso em: 10 dez. 2004.

CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia. In: Crítica y emancipación. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales**, Buenos Aires, v. 1, n. 1, jun. 2008.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sociocultural. In: DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre Educação e cultura**. 1. reimpr. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

DEUS, Sandra de Fatima Batista de. **Extensão universitária: trajetórias e desafios**. [S. l.: s. n.], 2020.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e Cultura Popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ESTPHAL, Márcia Faria. Promoção da Saúde e Prevenção de Doenças. In: CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa et al. (Orgs.). **Tratado de Saúde Coletiva**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

FORPROEX - FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. Ilhéus: Editus, 2001. (Extensão Universitária, v. 1).

FORPROEX - FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Extensão Universitária: Organização e Sistematização**. Belo Horizonte: COOPMED, 2007.

FORPROEX - FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus: [s. n.], 2012. Disponível em: <http://proex.ufsc.br/files/2016/04/Política-Nacional-de-Extensão-Universitária-ebook.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2021.

FRANCO, M. A. **Pedagogia e prática docente**. São Paulo: Cortez, 2012.

JINZENJI, Mônica Y.; LUZ, Iza R. da; CAMPOS, Regina H. de F. Escrita e leitura de diários na formação de professoras para escolas rurais em Minas Gerais (1948-1974). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 863-878, jul./set. 2017.

KULESZA, Wojciech A. A Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte e a profissionalização das professoras. **Paidéia**, Belo Horizonte, ano 14, n. 21, p. 71-88, jan./jun. 2019.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

LEITE, Daiane Maria do Nascimento. **Práticas pedagógicas para o ensino de ciências**. 2014. 25 f. Monografia (Especialização em Ensino de Ciências) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

LIMA, Edwiges Inácia. O papel da educação formal, não formal e informal na formação política de mulheres educadoras. **Revista Pegada**, Presidente Prudente, v. 20, n. 1, p. 270-286, 2019.

MINAS GERAIS. **Decreto Estadual nº 46.352, de 25 de novembro de 2013**. Aprova o Estatuto da UEMG. Belo Horizonte, MG: Diário Oficial do Estado, 2013.

MINAS GERAIS. Conselho Estadual de Educação. **Resolução CEE/MG nº 459, de 10 de dezembro de 2013**. Consolida normas relativas à educação superior do Sistema Estadual de Ensino de Minas Gerais e dá outras providências. Belo Horizonte, MG, 2013.

MINAS GERAIS. Conselho Estadual de Educação. **Resolução CEE/MG Nº 482, de 08 de julho de 2021**. Estabelece normas relativas à regulação da Educação Superior do Sistema Estadual de Ensino de Minas Gerais e dá outras providências. Belo Horizonte, MG, 2021.

NÓVOA, Antônio. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, Antônio (Coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

NÓVOA, Antônio. **Professores**: imagens do futuro presente. Lisboa: EDUCA, 2009.

NÓVOA, Antônio. Os professores e as histórias de sua vida. In: NÓVOA, Antônio et al. **Vida de Professores**. Porto: Porto Editora, 2013.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. **História Oral**, v. 3, p. 117-127, 2000. Disponível em: <http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=26&path%5B%5D=20>. Acesso em: 4 nov. 2018.

PEREIRA JÚNIOR, Alfredo. A universidade pública e os desafios do desenvolvimento. **La Insignia**, Brasil, 13 jan. 2005.

PÉREZ GÓMEZ, A. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, Antônio. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1996.

PINCER, Valeska de M. **A formação de professores nos cursos de treinamento e aperfeiçoamento do Instituto Superior de Educação Rural – ISER - Fazenda do Rosário: 1955 – 1970**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

PINHO, Larissa A. **Civilizar o campo**: educação e saúde nos Cursos de Aperfeiçoamento para professores rurais – Fazenda do Rosário (Minas Gerais – 1947-1956). 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

PIVETTA, Hedioneia; BACKES, Dirce; CARPES, Adriana; BATTISTEL, Amara Lúcia; MARCHIORI, Mara. Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária: em busca de uma integração efetiva. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 16, n. 31, p. 377-390, jul./dez. 2010.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; FERREIRA, Cláudia Roberta Ferreira; FERNANDES, Carla Helena. Narrativa pedagógica e memoriais de formação: Escrita dos profissionais da educação? **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 26, p. 143-153, set./dez. 2011.

PROJETO DEMOCRACIA PARTICIPATIVA – INSTITUTO CULTIVA CÁRITAS BRASILEIRA. **Texto inicial memorial**. [S. l.: s. n., 201-?]. Disponível em: http://formacaocontinuada.net.br/wpcontent/uploads/2015/11/texto_inicial_memorial.pdf. Acesso em: 30 set. 2018.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do 'indizível' ao 'dizível'. In: SIMSON, O. de M. von (Org.). **Experimentos com Histórias de Vida** (Itália-Brasil). São Paulo: Vértice, 1988.

RAYS, Oswaldo Alonso. Ensino-Pesquisa-Extensão: notas para pensar a indissociabilidade. **Revista Cadernos de Educação Especial**, Santa Maria, n. 21, p. 71-85, 2003.

RUFINO, Raiane M. **As práticas corporais na Escola Normal Regional Sandoval Soares de Azevedo entre os anos de 1950 e 1974**: segundo alunas do curso. 2017. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) - Universidade do Estado de Minas Gerais, Ibirité, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade no século XXI**. São Paulo: Cortez, 2004.

SCHÖN, Donald A. **Educando o profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. 256 p.

SILVA, Tatiane M. **A ginástica nos Cursos de Aperfeiçoamento na Fazenda do Rosário nos anos de 1948 a 1956**. 2017. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) - Universidade do Estado de Minas Gerais, Ibirité, 2017.

SOARES, Cloi J.; RIBEIRO, Débora V. J. **Grupo de Elite de Ginástica Feminina Moderna**: conciliando práticas modernas em um ambiente rural (Ibirité, 1955 a 1965). 2017. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) - Universidade do Estado de Minas Gerais, Ibirité, 2017.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si**: estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.

TEIXEIRA, Inês C. Os professores como sujeitos socioculturais. In: DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre Educação e cultura**. 1. reimpr. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS. **PDI 2015-2024**: Plano de Desenvolvimento Institucional. Belo Horizonte, [2015?].

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Conselho Universitário. **Resolução CONUN/UEMG Nº 241/2011, de 05 de dezembro de 2012**. Aprova alterações nas Normas para a Cerimônia de Outorga de Grau na Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG. Belo Horizonte, 2012.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução COEPE/UEMG nº 132, de 13 de dezembro de 2013**. Regulamenta a implantação do regime de matrícula por disciplina nos Cursos de Graduação da UEMG e os procedimentos e limites para matrícula. Belo Horizonte, 2013.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Conselho Universitário. **Resolução CONUN/UEMG Nº 374, de 26 de outubro 2017**. Estabelece o regimento geral da Universidade do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução COEPE/UEMG Nº 234, de 23 de novembro de 2018**. Dispõe sobre o cálculo de encargos didáticos e sua atribuição aos ocupantes do cargo de Professor de Educação Superior – PES da UEMG, bem como aos professores designados da Instituição. Belo Horizonte, 2018.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Conselho Universitário. **Resolução CONUN/UEMG nº 423, de 20 de fevereiro de 2019**. Regulamenta as atividades de extensão realizadas pela UEMG sob a forma de prestação de serviços à comunidade. Belo Horizonte, 2019.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução COEPE/UEMG Nº 249, de 06 de abril de 2020**. Regulamenta a compensação de faltas e a avaliação de rendimento acadêmico no âmbito da UEMG e dá outras providências. Belo Horizonte, 2020.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução COEPE/UEMG Nº 250, de 06 de abril de 2020**. Dispõe sobre o aproveitamento de estudos, adaptações curriculares, exame de proficiência e abreviação do tempo de conclusão no âmbito dos cursos de graduação da UEMG. Belo Horizonte, 2020.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução COEPE/UEMG Nº 273, de 21 de julho de 2020**. Regulamenta a composição e o funcionamento dos Colegiados de Curso de Graduação e estabelece normas complementares para a criação de Departamentos Acadêmicos na UEMG. Belo Horizonte, 2020.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução COEPE/UEMG Nº 284, de 11 de dezembro de 2020**. Regulamenta a composição e o funcionamento dos Núcleos Docentes Estruturantes no âmbito de cada curso de graduação da UEMG. Belo Horizonte, 2020.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução UEMG/COEPE Nº 287, de 04 de março de 2021**. Dispõe sobre o desenvolvimento de atividades de extensão como componente curricular obrigatório dos Cursos de Graduação da UEMG. Belo Horizonte, 2021.

VAGO, Tarcísio Mauro. Pensar a educação física na escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 1, n. 1, 2009.

ZIOTO, Tuane J. A. **A Constituição da Educação Física no Ginásio Normal Rural Sandoval Soares de Azevedo em Ibirité Minas Gerais (1955-1970)**. 2017. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) - Universidade do Estado de Minas Gerais, Ibirité, 2017.

21 Anexos

Anexo A - Aproveitamento de estudos

Dispensa para estudante licenciado que deseje cursar o bacharelado
Citologia e Histologia Básica
Anatomia Aplicada à Educação Física
Urgências e Emergências Aplicadas à Educação Física
História da Educação Física
Ensino dos Jogos, Brinquedos e Brincadeiras
Leitura e Produção Textual
Fundamentos das Tecnologias Digitais para a Docência
Bioquímica Básica
Metodologia do Trabalho Científico
Ensino das Práticas corporais de aventura e Responsabilidade ambiental
Sociologia das Práticas Corporais
Saúde, Sociedade e Educação Física
Atividades Integradoras 1: Saúde Coletiva
História e Cultura Afro-brasileira e Indígena
Anatomia Aplicada à Educação Física
Atividades Integradoras 2: Programas de Lazer
Fisiologia Humana
Estudos do Lazer
Ensino das danças
Teorias do comportamento motor para a educação física escolar
Pessoa com deficiência, inclusão e acessibilidade (disciplina nova)
Fisiologia do Exercício I
Projeto de Pesquisa
Educação Física, Culturas Afrobrasileiras e Indígenas
Ensino das Ginásticas
Ensino das lutas

Dispensa para estudante bacharel que deseje cursar a licenciatura
Introdução à Antropologia

Introdução à Sociologia
Urgências e Emergências Aplicadas à Educação Física
História da Educação Física
Jogos, Brinquedos e Brincadeiras
Leitura e Produção Textual
Fundamentos das Tecnologias Digitais para a Docência
Introdução à Filosofia
Metodologia do Trabalho Científico
Ensino das Práticas corporais de aventura e Responsabilidade ambiental
Sociologia das Práticas Corporais
Saúde, Sociedade e Educação Física
Atividades Integradoras 2: Saúde Coletiva
História e Cultura Afro-brasileira e Indígena
Anatomia Aplicada à Educação Física
Atividades Integradoras 3: Programas de Lazer
Fisiologia Humana
Estudos do Lazer
Danças
Comportamento Motor
Pessoa com deficiência, inclusão e acessibilidade
Fisiologia do exercício
Projeto de Pesquisa
Educação Física, Culturas Afrobrasileiras e Indígenas
Ginásticas
Lutas

Anexo b – regulamento dos estudos integradores (EI)

Este regulamento tem como objetivo estabelecer normas e critérios para o desenvolvimento e avaliação dos Estudos Integradores (EI) do curso de Educação Física da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, Unidade Ibirité.

Art. 1º- Os Estudos Integradores (EI), previstos na Resolução CNE/CES Nº 6 de 18 de dezembro de 2018, têm por finalidade o enriquecimento curricular por meio de atividades de abrangência acadêmica, extensionista, científica e sociocultural.

Art. 2º- Os EI são atividades curriculares obrigatórias para todos/as os/as estudantes e está previsto na matriz curricular do curso.

Art. 3º- Essas atividades contemplam uma carga horária curricular obrigatória para a integralização do curso de 150 horas, em três categorias distintas: acadêmica, científica e sociocultural, como pode ser observado no quadro 1, intitulado “Detalhamento das atividades que compõem os Estudos Integradores”.

§1º - Essa carga horária deverá ser cumprida de forma autônoma pelo/a estudante, ao longo do seu processo formativo, respeitando a carga horária mínima prevista para cada uma das quatro categorias.

§2º - Cada categoria possui a sua exigência de documentação comprobatória, além do detalhamento das atividades possíveis e a carga horária máxima permitida por atividade.

§3º- A comprovação das atividades acadêmicas, extensionistas e científicas se dará por meio de certificado que deverá conter: nome completo do/a estudante, carga horária, especificação da atividade desenvolvida, identificação da instituição responsável (nome, assinatura e carimbo), além de data e local.

§4º- A comprovação das atividades socioculturais será feita por meio de cópia do ingresso, fotografia, print de tela, link entre outros que, porventura, comprovem a presença ou participação na atividade relatada. Além disso, essa comprovação deverá vir acompanhada de um relatório com uma breve descrição da atividade vivenciada e um relato das contribuições desta atividade para o enriquecimento cultural da sua formação.

Art. 4º- A creditação dos Estudos Integradores se dará a partir da metade do curso (5º período) com base na validação dos documentos comprobatórios que deverão ser postados pelo/a estudante, em um arquivo no formato PDF, na plataforma acadêmica utilizada pelo curso.

Parágrafo único. Os documentos originais poderão ser solicitados, caso se julgue necessário.

Art. 5º- Das atribuições dos/as estudantes:

- Inserir a documentação de forma organizada na plataforma acadêmica, conforme a orientação dos/as professores/as responsáveis, até trinta dias corridos antes do término do semestre letivo.
- Aguardar o prazo de dez dias úteis para conferência da sua documentação.
- Se necessário reapresentar a sua documentação com as correções sugeridas.

Art. 6º- Das atribuições dos/as professores/as responsáveis:

- Orientar os/as estudantes, ao longo do primeiro ano de curso, sobre os Estudos Integradores.
- Dar suporte durante todo o curso para a realização e integralização dos Estudos Integradores.
- Receber e conferir a documentação e dar retorno aos/as estudantes dentro do prazo máximo de dez dias úteis da postagem.

Realizar o lançamento das horas concluídas na secretaria acadêmica da unidade.

Art. 7º- Todas as questões referentes aos Estudos Integradores, não citadas no regulamento específico, serão analisadas pelo colegiado do curso.

Estudos Integradores

Nome:

Semestre de ingresso:

CATEGORIAS	CH POR CATEGORIA	COMPROVAÇÃO	ATIVIDADES	CARGA HORÁRIA MÁXIMA POR ATIVIDADE	CARGA HORÁRIA DAS ATIVIDADES REALIZADAS
Acadêmica	50 horas	Certificado/Declaração	Monitoria de Ensino (Ex.: PEMA)	30 horas	
		TCE	Estágio extracurricular	30 horas	
		Certificado/Declaração	Representação estudantil	30 horas	
		Certificado/Declaração	Trabalho voluntário com certificação	30 horas	
		Certificado	Curso presencial e/ou online	30 horas	
		Certificado/Declaração	Intercâmbio Estudantil	30 horas	
		Certificado/Declaração	PIBID (Apenas Editais 2018, 2020 e 2022)	30 horas	
		Certificado/Declaração	Iniciação científica	30 horas	
		Certificado	Organização de eventos científicos	30 horas	
		Certificado	Participação de eventos científicos	30 horas	
		Certificado	Apresentação (oral e/ou pôster) em eventos científicos	30 horas (5hs para cada apresentação)	

Científica	50 horas	Certificado	Publicação científica	30 horas (Artigo em periódico - 30 h cada Texto completo em anais - 20 h cada Resumo em anais - 10h cada)	
		Certificado/Declaração	Ouvinte em sessão pública de defesa de TCC	12 horas (2hs para cada participação)	
		Cópia do TCLE	Voluntário/a em coletas de dados de pesquisas científicas	12 horas (4hs para cada participação)	
		Certificado/Declaração	PIBID (Apenas Editais 2018, 2020 e 2022)	30 horas	

Sociocultural	50 horas	Relatório + Comprovação (Certificado, ingresso, foto, passagens, link, print de tela, e outros).	Vivências Físicas: relacionadas ao movimento corporal humano como esporte, capoeira, dança, caminhada, ginástica, entre outros.	15 horas (3hs para cada participação)	
			Vivências Intelectuais: marcadas pelo interesse em conhecimentos sistematizados como cursos e palestras, jogos de desafios como xadrez, dama, entre outros.	15 horas (3hs para cada participação)	
			Vivências Manuais: relacionadas a produção de artesanato, culinárias, jardinagem, entre outros.	15 horas (3hs para cada participação)	
			Vivências Artísticas: relacionadas a ir ao cinema, museu, assistir espetáculos de dança, exposições artísticas, entre outros.	15 horas (3hs para cada participação)	
			Vivências Sociais: relacionadas ao trabalho voluntário e ao encontro com outras pessoas (como ir a festas, sentar-se em bares, entre outros).	15 horas (3hs para cada participação)	
			Vivências Turísticas: relacionadas a viagens e passeios, entre outros.	15 horas (3hs para cada participação)	
			Vivências Digitais: relacionadas a produção de conteúdo digital; interação em redes sociais e plataformas comunicacionais; jogos digitais; assistir vídeos, séries, filmes, documentários, noticiários, novelas; ouvir músicas, entre outros.	15 horas (3hs para cada participação)	
		Certificado/Declaração	PIBID (Apenas Editais 2018, 2020 e 2022)	15 horas	

Anexo c - documentos relacionados às atividades integradoras

RELAÇÃO DE ALUNOS PARA VISITAS TÉCNICAS

DISCIPLINA ATIVIDADES INTEGRADORAS ____: _____

Turma:

Nº	Nome do Aluno	Matrícula	CPF
1			
2			
3			
4			
5			
6			
7			
8			
9			
10			
11			
12			
13			

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Gerência de Compras, Logística e Patrimônio - Coordenação de Patrimônio

PLANEJAMENTO DE VISITA TÉCNICA - UEMG	
ATIVIDADE: VISITA TÉCNICA	
OBJETIVOS:	
Data de saída: Data de retorno:	Público-alvo:
Horário de Saída:	Horário de chegada à sede:
RESPONSÁVEIS: Professor (a) Masp	
ENDEREÇOS DE DESTINO:	
SOBRE A VISITA TÉCNICA:	

JUSTIFICATIVA:	
CRONOGRAMA:	
HORÁRIO PREVISTO	ATIVIDADES



CERTIFICADO

Certifico que _____ orientou a/o
estudante _____ no cumprimento de 45
horas de observação na Instituição _____, no mês de
_____ de 20____, no cumprimento da disciplina Atividades Integradoras _____ do
Departamento de Ciências do Movimento Humano – DCMH da UEMG/Unidade Ibirité.

Professora da disciplina Atividades Integradoras x - ____/20____.

TERMO DE COMPROMISSO DE ORIENTAÇÃO

Nome do estagiário:	
Instituição concedente:	
(Nome da ação):	
Endereço do local de visita de observação:	
Professor(a) orientador (a):	
Email do professor(a) orientador(a):	

Eu, _____,

me comprometo a orientar o estudante

_____ na observação da ação

_____. O/A Estudante da UEMG –
Ibirité, orientado pela prof. _____, deverá comparecer em campo nos meses
de _____ de 20____. Das _____ as _____ horas,
totalizando 45 horas de observação do campo.

X X

Professor (a) orientador (a) Estagiário de Educação Física

Anexo d - regulamento do estágio curricular supervisionado (ecs)

A formação ofertada em Educação Física nesta Instituição é orientada pela compreensão que a cultura corporal de movimento se constitui de manifestações culturais (re)produzidas e (re)criadas ao longo do tempo por diferentes sujeitos que, ao movimentarem-se, conferem diferentes sentidos e significados às práticas (BRACHT, 1997). Nessa direção, reconhecê-las como produções socioculturais demanda da/do professor/a em formação uma (re)configuração do seu lugar no processo ensino-aprendizagem assim como de seus alunos e alunas. Ambos são portadores/as de bagagens de saberes acerca de cada prática corporal, construídos a partir de sua formação formal, não formal e informal que, no momento da atuação, são colocados em ação.

Lecionar na perspectiva da cultura corporal de movimento demanda que o profissional reconheça seu papel de observador/a, mediador/a e protagonista no processo de produção do conhecimento dos/das discentes do Curso a respeito das práticas e, conseqüentemente, os reconheça como produtores e produtoras de cultura.

Acreditamos que, nesta perspectiva, o cumprimento da carga horária do estágio possibilita aos alunos e às alunas alternativas que consolidem esse tempo/espço no processo de formação inicial por meio do oferecimento de experiências no trato pedagógico que potencializem o desenvolvimento das habilidades e competências reconhecidas como fundamentais para o exercício da docência em Educação Física.

Pérez Gómez (1996) oferece algumas contribuições a respeito da experiência de formação de professoras/professores. O autor nos chama a atenção para a centralidade que as práticas ou o realizar pedagógico deveriam ocupar no processo de formação docente. A proposta aqui apresentada tem como objetivo estabelecer uma aproximação qualitativa entre a realidade e a simulação do fazer pedagógico do/da professor/a de Educação Física. Acreditamos que as experiências nas escolas-campo de estágio são um investimento no processo de formação de professoras/professores reflexivos/os, pois, os contextos/espços de atuação se constituem como lugares de aprendizagem e construção do pensamento prático (PÉREZ GÓMEZ, 1996). O pensamento prático segundo o autor, a partir dos estudos de Donald Schön, constitui-se na definição de três conceitos diferentes que integram este tipo de pensamento. São eles: o conhecimento na ação; reflexão na ação e reflexão sobre a ação; e sobre a reflexão na ação. Nesse sentido, o estágio como prática encontra-se num equilíbrio difícil e instável entre a realidade e a simulação: por um lado, deve representar a realidade da aula e dos contextos/espços que estão inseridos, com suas características de incerteza, complexidade e conflito; por outro lado, deve proteger a professora e o professor em formação das pressões e riscos da aula real, que excedem a sua capacidade de assimilação e reação racional. Em resumo, deve ser um espaço real onde o/a professor/a em formação observa, analisa, atua e reflete sobre suas ações (PÉREZ GÓMEZ, 1996).

Partindo do pressuposto que a formação de professoras/professores é composta por vasto campo de conhecimentos, saberes, crenças, valores etc., pessoais e profissionais, a práxis pedagógica fica atrelada as experiências adquiridas em diferentes momentos da trajetória formativa e ao que se apresenta como realidade para a intervenção. Nesse sentido, práticas formativas como as dos Estágios Curriculares Supervisionados devem levar em consideração, não só esses saberes apreendidos nas trajetórias pessoais e profissionais, mas também incorporar as demandas da sociedade de forma a contribuir para emancipação pessoal e coletiva. Diante do exposto, esta proposta se opõe a uma concepção fragmentada deste processo e propõe ações integradas entre os diferentes docentes da instituição formadora, bem como entre esta e as escolas-campo de estágio. Tal perspectiva, demanda um envolvimento estreito e respeitoso entre os diferentes sujeitos que ocupam os diferentes espaços/contextos em que os estágios se realizarão.

Os ECS do curso de Educação Física são organizados por um coletivo de docentes que é responsável por: decisões pedagógicas, processos avaliativos longitudinais, recepção e tratamento da documentação, entre outros elementos que toquem na dinâmica dos ECS. Tal coletivo é um órgão consultivo e deliberativo composto por docentes orientadores/as dos ECS e das suas disciplinas correlatas.

Destaca-se que a UEMG compõe o Fórum de Instituições de Ensino Superior Públicas do Estado de Minas Gerais (FORIPES). Instância que congrega servidores/as e estudantes de instituições mineiras da Educação Básica e do Ensino Superior e possui como proposta a fabricação de um programa de estágio que se configure como uma política de formação. Na perspectiva de construção de um “terceiro lugar” (Nóvoa), de um espaço partilhado para a formação docente no qual escolas e IES são consideradas co-condutoras do processo. Destarte, a consolidação dos estágios do Curso, principalmente dos ECS III e V, é interdependente de condições institucionais que só podem ser sustentadas/garantidas por uma estrutura administrativa que ultrapassa as atribuições pedagógicas e de gestão de responsabilidade da Coordenação do Curso e/ou Unidade Acadêmica. Sendo, portanto, atribuição das instâncias superiores da UEMG. Dito de outro modo, de sua administração central.

Diante do exposto, o Estágio Curricular Supervisionado do Curso de Educação Física está organizado da seguinte forma:

Período s	Estágio Curricular Supervisionado	Carga horária
--------------	-----------------------------------	------------------

	Escolar	
1º	Estágio Curricular Supervisionado I: "Escola e Trabalho Docente"	60 h
4º	Estágio Curricular Supervisionado Escolar II – "Educação Física e Organização Escolar"	90 h
5º	Estágio Curricular Supervisionado Escolar III – "Educação Física Escolar e Infâncias"	90 h
6º	Estágio Curricular Supervisionado Escolar VI – "Educação Física Escolar, Adolescências e Juventudes"	90 h
8º	Estágio Curricular Supervisionado Escolar V – "Educação Física Escolar, Jovens, Adultos e Idosos"	90 h
TOTAL DE HORAS		420 H

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO ESCOLAR

Art. 1º - O Estágio Curricular Supervisionado constitui um tempo de aprendizagem para que os/as professores/as em formação desenvolvam um conjunto de atividades que possibilitem apreender a prática do ensino de Educação Física, em situação de vivência do exercício profissional nas escolas de Educação Escolar Básica.

– Do campo do estágio: o estágio curricular supervisionado dar-se-á em escolas da Educação Escolar Básica - em suas diferentes etapas de ensino - das diversas redes de ensino, aqui compreendidas como escolas-campo de estágio.

- Do/a professor/a supervisor/a: trata-se daquele/a docente que acolhe os/as estudantes nas escolas-campo de estágio, supervisionando e conduzindo o estágio realizado.
- Da Instituição formadora: o estágio supervisionado acontece sob a orientação da Instituição formadora, no caso a UEMG, responsável por orientar e discutir questões pertinentes às observações das práticas docentes e do cotidiano escolar.
- Do/da docente orientador/a: refere-se às/aos professoras/es que orientam os/as estudantes na Instituição formadora sobre os processos que envolvem o estágio, bem como auxilia na construção de reflexões sobre o tempo/espço de estágio. Vale destacar que, no que diz respeito aos ECS III e V, podem assumir o papel de supervisores/as de estágio.

Art. 2º - Os ECS e as disciplinas correlatas devem possibilitar reflexões sobre a autoria docente, instigando a compreensão do papel de cada sujeito no cotidiano escolar, na elaboração de documentos e projetos coletivos, capazes de orientar e fazer cumprir o papel social da escola.

Art. 3º - Os professores/as em formação deverão cumprir as 420 horas de ECS previstas para o seu desenvolvimento, sob a supervisão docente, em instituições de ensino da Educação Escolar Básica, sendo iniciado a partir do 1º período do curso. Desse modo, a carga horária será distribuída ao longo especificamente de cinco semestres (no 1º, 4º, 5ª, 6º e 8º período) que deverão abordar as diferentes dimensões da atuação, seguindo a estruturação vigente do Sistema Educacional Brasileiro.

I - Para a aprovação nos estágios, deverão ser cumpridas, de forma obrigatória, as horas estipuladas na escola-campo de estágio e na Universidade para cada ECS. Sendo a ausência nos encontros da Instituição formadora limitada a um encontro por semestre/ECS e condicionada à reposição na escola-campo de estágio.

II - O exercício da função docente não dispensa o/a discente do cumprimento da carga horária de ECS e de suas disciplinas correlatas, salvo casos avaliados e aprovados pelo coletivo dos ECS do curso de Educação Física.

Art. 4º – O acompanhamento e a avaliação do Estágio Curricular Supervisionado ocorrerão da seguinte forma:

I – Todo/a estudante deverá preencher e entregar dentro do prazo estipulado pelo professor/a orientador/a de estágio o Termo de Compromisso do Estágio (TCE).

Parágrafo Único: O TCE é um instrumento que formaliza a relação entre o CAMPO DE ESTÁGIO e o(a) ESTAGIÁRIO(A), visando, unicamente, possibilitar a realização da atividade de estágio curricular obrigatório. Destarte, o estágio curricular obrigatório não criará vínculo empregatício de qualquer natureza entre o(a) ESTAGIÁRIO(A) e o CAMPO DE ESTÁGIO.

II – Do caderno de docência: O caderno de docência será o principal instrumento de registro das experiências em articulação com as disciplinas e outras vivências da formação acadêmica. Abaixo segue recomendação sobre a organização do caderno de docência.

☐ Introdução: Caracterização da escola. Detalhes são importantes. Descrição é só uma parte do registro. Produção de uma descrição analítica;

☐ Registro diário: anotação do dia da observação e/ou intervenção. Os olhares na e para a escola precisam estar atentos, não existe nenhum dia na escola que não mereça alguma reflexão;

☐ Reflexão pós-observação e/ou observação: Neste momento, a escrita deve ser produzida de forma mais aprofundada, refletindo sobre as questões mais importantes;

☐ Reflexão final: No final do semestre, deverá ser produzido um texto avaliando os processos deste estágio na formação. Dissertar sobre sua aprendizagem e experiência.

III – Adotamos como outra forma de acompanhamento e avaliação a produção de narrativas. Tal produção é eixo norteador do Estágio Curricular Supervisionado. A elaboração de pequenas narrativas credencia-se como possibilidade de descrever a realidade escolar observada, bem como de tecer sobre ela reflexões e críticas alicerçadas em uma dimensão ética e balizadas pela noção de experiência.

IV – Outros registros serão utilizados e demandados dos/as estagiários como: narrativas (em diferentes suportes, formas de expressão e linguagens) e cartas pedagógicas.

Art. 5º - Os ECS são organizados por um coletivo de docentes que é responsável por: decisões pedagógicas, processos avaliativos longitudinais, recepção e tratamento da documentação, entre outros elementos que toquem na dinâmica dos ECS. Tal coletivo é um órgão consultivo e deliberativo composto por docentes orientadores/as dos ECS e das suas disciplinas correlatas.

Anexo e – regulamento dos trabalhos de conclusão de curso

CAPÍTULO I

Da definição e objetivos

Este regulamento tem como objetivo estabelecer normas e critérios para a pesquisa, escrita, apresentação e avaliação, desenvolvimento e avaliação dos Trabalhos de Conclusão do Curso (TCC) do curso de Educação Física (EF) da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – Unidade Ibirité.

Art. 1º- O TCC é uma atividade obrigatória para todos os estudantes deste curso e está previsto na matriz curricular.

Art. 2º- Por meio da elaboração do TCC, levando em consideração as fases que o antecede (disciplinas de Metodologia do trabalho científico, Pesquisas em EF e Pré-projeto), contando com a orientação docente, o(a) estudante terá a oportunidade de desenvolver uma pesquisa com todos os contornos que cabem em uma investigação reconhecida pela sociedade acadêmico-científica.

Art. 3º- O TCC tem como objetivo permitir que os(as) estudantes estruturem os conhecimentos trazidos, com os vivenciados/aprendidos por meio deste curso de graduação, no formato de pesquisa, podendo contar com o auxílio de orientação docente.

§1º - O TCC visa incentivar a formação do sujeito pesquisador, podendo contribuir para o desenvolvimento e problematização de conhecimentos, melhor qualificá-lo para o mercado de trabalho, além de instigá-lo a continuar seus estudos em programas de pós-graduação lato-sensu e stricto-sensu.

Art. 4º- O desenvolvimento do TCC neste curso se orienta a partir das habilidades desenvolvidas em disciplinas articuladas, sendo elas: “Metodologia do trabalho científico”, “Pesquisas em Educação Física”, “Projeto de pesquisa”, “Trabalho de Conclusão de Curso”.

Parágrafo único – Outras experiências podem contribuir para o desenvolvimento do TCC, sendo essas oportunizadas por disciplinas que propõem pesquisas em seus formatos curriculares, por projetos extensionistas, por grupos de pesquisas e por aprendizados obtidos em outros momentos ou espaços acadêmico-científico.

CAPÍTULO II

Das regras gerais

Art. 5º- Os TCCs deverão ser desenvolvidos prioritariamente de forma individual e orientado por um docente do curso de Educação Física da Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Ibirité.

§1º- O TCC poderá ser desenvolvido em dupla, desde que haja o consentimento do(a) orientador(a).

§2º- Professores externos ao curso ou à Universidade do Estado de Minas Gerais podem atuar na condição de coorientadores conforme descrito no Capítulo III deste regulamento.

§3º- Qualquer situação não descrita neste regulamento em relação ao TCC será encaminhada ao Colegiado do curso de Educação Física para análise e deliberação.

Art. 6º- Os projetos de pesquisa e TCC que envolvam seres humanos ou animais, antes de serem efetivamente desenvolvidos, recomendado a necessidade pelo(a) professor(a)-orientador(a), deverão ser submetidos à aprovação dos respectivos Comitês de Ética em Pesquisa da Universidade.

Art. 7º- O tema e modalidade de escrita do TCC é de escolha do(s) da(s) estudante em conjunto com o(a) orientador(a) e apoio do(a) professor(a) da disciplina Projeto de Pesquisa ou e Trabalho de Conclusão de Curso.

§1º - A escolha da modalidade de escrita do TCC deverá seguir as diretrizes indicadas no Capítulo IV deste regulamento.

Art. 8º- A avaliação do TCC será realizada por uma banca examinadora composta pelo(a) orientador(a) e dois docentes da Universidade (UEMG).

§1º- É permitida a participação de um membro da banca de avaliação externo à Universidade, desde que haja consentimento do(a) orientador(a) e tenha relação com a temática a ser apresentada.

Art. 9º- O texto final do TCC deverá ser encaminhado à banca examinadora com antecedência mínima de 10 dias úteis.

Art. 10º- A avaliação do TCC se dará por apresentação oral, com a duração de 90 minutos, sendo: 20 minutos para a apresentação dos(as) discente(s); 30 minutos para as considerações dos componentes da banca e respostas; 10 minutos para as considerações finais do(a) orientador(a).

§1º- Ao final da apresentação a banca reunirá em local reservado para atribuir uma avaliação em: aprovado, aprovado com considerações, reprovado.

§2º- Tendo em vista as normas estabelecidas no “Regimento Geral da UEMG, na Seção VIII – Da Avaliação do Rendimento Escolar”, o(a) estudante será avaliado(a) por nota.

Art. 11º Os critérios de avaliação são específicos para cada formato de TCC e devem atender às normas de escrita científica descrita no capítulo III deste regulamento.

§1º- O(a) orientador(a) do TCC é responsável pela avaliação e atribuição da nota final do TCC. A nota final será constituída de 60% do conteúdo escrito do TCC e 40% da apresentação pública do trabalho final pelo(a) estudante.

§2º- São considerados critérios de avaliação do TCC: relevância do objeto de estudo, domínio de conceitos e teorias, rigor metodológico, pertinência nas análises, adequação às normas linguísticas e técnicas da escrita acadêmica.

§3º- São considerados critérios de avaliação da apresentação do estudante: domínio do tema, clareza e objetividade na apresentação, respostas satisfatórias às questões apresentadas pela banca, respeito ao tempo destinado à apresentação.

Art. 12º - O agendamento da apresentação pública poderá ocorrer por fluxo contínuo, com anuência do(a) orientador(a).

§1º- Em caso de reprovação ou dos(as) estudante(s) não conseguirem entregar a versão final em tempo hábil, o(a) estudante poderá solicitar uma nova data de defesa ou de entrega da versão final desde que em acordo com o professor(a) orientador(a).

§2º A defesa poderá ocorrer em fluxo contínuo - desde que o(a) estudante não tenha(m) pendências em relação aos trâmites e disciplina do TCC.

§3º- Caberá ao(à) orientador(a), em conjunto com o(a) professor(a) responsável pela disciplina do TCC, o agendamento da entrega da versão final ou da nova data de defesa.

Art. 13º - Caso haja reprovação o(a) discente deverá reelaborar seu trabalho para ser submetido à nova avaliação.

§1º- É assegurado aos estudantes o direito à solicitação de revisão de nota e frequência nos casos de reprovação ou questionamento do resultado obtido, observados os prazos previstos no calendário escolar geral da Universidade. Ao final do processo de avaliação, compete ao professor(a) da disciplina a decisão sobre a aprovação ou não do estudante, cabendo recurso à coordenação do curso e, se necessário, ao Conselho da Faculdade.

Art. 14º - Constatada a existência de plágio na elaboração do TCC, além de desclassificação sumária e consequente reprovação dos(as) estudantes, ficará(ão) sujeito(s) a sanções regimentais da Universidade e da Lei.

Art. 15º - A Ata de defesa deverá ser entregue ao professor da disciplina após realização da apresentação para a banca, além disso, deverá ser anexada à versão final do TCC.

§1º- A não entrega da Ata de defesa e/ou documento final do TCC, inviabilizará o lançamento da nota e consequente aprovação na disciplina.

§2º- A versão final do TCC deverá ser entregue em formato virtual (pdf) e/ou impresso conforme indicação da Coordenação do curso. O Colegiado do curso se responsabilizará pela publicização dos TCCs.

CAPÍTULO III

Do acompanhamento e orientação

Art. 16º – O acompanhamento do desenvolvimento do TCC será realizado pelos professores das disciplinas relacionadas ao TCC: “Pesquisas em Educação Física”, “Projeto de pesquisa”, “Trabalho de Conclusão de Curso”.

§1º- Aos professores das disciplinas de TCC compete auxiliar os(as) estudantes, em função dos seus temas, a definirem seus orientadores, bem como a evoluírem no desenvolvimento do trabalho em termos metodológicos. Também são responsáveis por monitorar o cumprimento dos prazos e entrega dos trabalhos previstos.

Art. 17º – A orientação do Trabalho de Conclusão de Curso deverá ser realizada obrigatoriamente por um docente do curso de Educação Física considerando-se sua afinidade com a linha de pesquisa do tema proposto.

§1º- À orientação do TCC compete: auxiliar e acompanhar o(a) estudante no desenvolvimento do trabalho em todas as suas fases de execução por meio de encontros de orientação; informar ao estudante quaisquer questões que possa impactar na finalização do trabalho; e zelar para que os trâmites estabelecidos neste regulamento sejam cumpridos.

§2º - Os encargos didáticos destinados à cada orientação seguirão a Resolução COEPE/UEMG Nº 234, de 23 de novembro de 2018 que dispõe sobre o cálculo de encargos didáticos e sua atribuição aos ocupantes do cargo de Professor de Educação Superior – PES da UEMG, bem como aos

professores designados da Instituição.

Art. 18º – Cabe ao orientando manter encontros/contato periódicos com o(a) orientador(a) informando-o(a) sobre o desenvolvimento de sua pesquisa, avanços, eventuais dificuldades e outras informações relevantes na realização de seu estudo e/ou orientação. Deverá dedicar-se ao processo de desenvolvimento do TCC de forma a garantir a execução do planejamento acordado com o(a) orientador(a) e seguir os trâmites estabelecidos neste regulamento.

Art. 19º - O(a) Coorientador(a) poderá ser integrado ao TCC com anuência do orientador. O(a) coorientador(a) deverá possuir titulação mínima de especialista e apresentar afinidade na temática da pesquisa.

Parágrafo único- Ao coorientador compete colaborar com a pesquisa do(a) estudante, interagindo com o(a) orientador(a), no planejamento inicial, na implementação e/ou na redação do TCC.

CAPÍTULO IV

Das modalidades e formatos do TCC

Art. 20º- O Trabalho de Conclusão de Curso poderá ter como formato: monografia, artigo científico-acadêmico, memorial, portfólio ou outros formatos aprovados pelo Colegiado de curso.

§1º- A definição do formato do TCC deverá ter aprovação do(a) orientador(a) e do(a) professor(a) da disciplina TCC.

§2º - A estrutura dos formatos para o TCC está apresentada neste regulamento e contemplam: a- estrutura textual, b- critérios para avaliação.

Art. 21º- A monografia deverá ser constituída com o intuito de debater, analisar, averiguar uma temática específica de forma aprofundada. Versará sobre temas que tratem ou se relacionem com a área de conhecimento da Educação Física. O desenvolvimento do trabalho se constituirá pelo aproveitamento dos conhecimentos adquiridos durante todo o percurso formativo dos(as) estudantes, pelos adquiridos por meio das experiências com as disciplinas destinadas à construção de pesquisas, do TCC e pelos grupos de pesquisa, extensão, estágios, dentre outros.

§1º São considerados os elementos pré-textuais: capa (obrigatório); folha de rosto (obrigatório); folha que contém as informações essenciais à identificação do trabalho; errata (opcional); folha de aprovação (obrigatório); dedicatória (opcional); agradecimentos (opcional); epígrafe (opcional); resumo na língua vernácula (obrigatório); resumo em língua estrangeira (obrigatório); lista de ilustrações (obrigatório se houver no corpo do texto); lista de tabelas (obrigatório se houver no corpo do texto); lista de siglas e abreviaturas (obrigatório se houver no corpo do texto); lista de símbolos (obrigatório se houver no corpo do texto); sumário (Obrigatório).

§2º São considerados os elementos textuais: introdução (obrigatório); referencial teórico ou revisão bibliográfica ou revisão de literatura (obrigatório); metodologia, materiais e métodos ou percursos metodológicos (obrigatório); resultados e discussão (obrigatório); conclusão ou considerações finais (obrigatório).

§3º São considerados os elementos pós-textuais: referências (obrigatório); glossário (opcional); apêndice (opcional); anexo (opcional); índice (opcional).

Art. 22º- O modelo do artigo científico deverá ser consoante às normas da revista/periódico (classificada na base Qualis/Capes) à qual será submetido, sob anuência do orientador e indicação expressa no texto final.

§1º São considerados os elementos pré-textuais: capa (obrigatório); folha de rosto (obrigatório); folha que contém as informações essenciais à identificação do trabalho; errata (opcional); folha de aprovação (obrigatório); dedicatória (opcional); agradecimentos (opcional); epígrafe (opcional); resumo na língua vernácula (obrigatório); resumo em língua estrangeira (obrigatório); lista de ilustrações (opcional); lista de tabelas (opcional); lista de siglas e abreviaturas (opcional); lista de símbolos (opcional); sumário (opcional).

§2º São considerados os elementos textuais: introdução (obrigatório conter justificativa e referencial teórico atual); metodologia, materiais e métodos ou percursos metodológicos (obrigatório); resultados (obrigatório); discussão (obrigatório); conclusão ou considerações finais (obrigatório).

§3º São considerados os elementos pós-textuais: referências (obrigatório); glossário (opcional); apêndice (opcional); anexo (opcional); índice (opcional).

Art. 23º- Após a aprovação da banca examinadora deverá ser anexado, no texto final do TCC, o comprovante de submissão em um periódico nacional ou internacional indexado (apresentar o ISSN).

§1º- O comprovante de submissão ao periódico é condição obrigatória para depósito do TCC Artigo na secretaria do curso. O prazo para submissão será estipulado pelo orientador no ato da defesa do trabalho e seguirá as orientações e cronograma indicados pelo(a) professor(a) responsável pela disciplina.

Art. 24º- A estrutura de escrita de um memorial é similar à de uma monografia. Como o memorial se configura como uma tentativa de trazer à tona fatos, reminiscências da história de vida e da trajetória pessoal, pela narrativa ou pelos registros da própria vivência, retomada por meio do que ficou marcado e associado a sentimentos, que geralmente funciona como um elo de ligação, se diferencia na maneira de registrar. Esse exercício pode proporcionar trabalhar as experiências vividas, aprofundando sobre elas, de modo reflexivo e lhe dar novos contornos e novos sentidos antes não visualizados ou reconhecidos.

§1º São considerados elementos pré-textuais do memorial: capa (obrigatório); folha de rosto (obrigatório); folha que contém as informações essenciais à identificação do trabalho; errata (opcional); folha de aprovação (obrigatório); dedicatória (opcional); agradecimentos (opcional); epígrafe (opcional); resumo na língua vernácula (obrigatório); resumo em língua estrangeira (obrigatório); lista de ilustrações (obrigatório se houver no corpo do texto); lista de tabelas

(obrigatório se houver no corpo do texto); lista de siglas e abreviaturas (obrigatório se houver no corpo do texto); lista de símbolos (obrigatório se houver no corpo do texto); sumário (Obrigatório).

§2º Sobre os elementos textuais do memorial: Como não existe uma forma única e padronizada de construir uma pesquisa utilizando-se das memórias/vivências para compor o campo a ser estudado, será assumido o formato de: Introdução (Obrigatório); Percursos metodológicos (Obrigatório); Desenvolvimento (Obrigatório); Resultados e Discussão (Optativa); Conclusão ou Considerações finais (Obrigatório).

§3º São considerados elementos pós-textuais: referências (obrigatório); glossário (opcional); apêndice (opcional); anexo (opcional); índice (opcional).

Art. 25º - O Portfólio trata-se de uma produção processual na qual, ao longo da trajetória completa dos estágios supervisionados, os acadêmicos possam realizar o registro sistemático e reflexivo sobre o tornar-se professora/professor.

§1º Segundo a natureza longitudinal deste tipo de produção, o Portfólio, enquanto Trabalho de Conclusão de Curso, deve ser iniciado logo que o discente tem sua primeira experiência com o Estágio, ou seja, neste PPC no 5º período.

§2º O Portfólio para ser adotado como um TCC deverá estar vinculado a um projeto aprovado pelo Departamento de Ciências do Movimento Humano (DCMH), sendo sua articulação com o TCC também referendada pelo Colegiado do Curso.

§3º Os elementos pré textuais e pós-textuais do Portfólio seguirão o formato indicado para memorial. Considerando a natureza processual da elaboração do Portfólio é sugerido uma estrutura textual composta de Introdução, desenvolvimento e conclusão.

CAPÍTULO V

Das disposições finais

Art. 26º- O Curso de Educação Física da UEMG Unidade Ibirité reconhece a existência de diferentes possibilidades do se fazer pesquisa e para a formação do pesquisador, quanto mais vivências puder somar, mais ampla poderá ser sua formação. Dessa forma os docentes desse curso acolhem diferentes maneiras de escutar o campo e seus interlocutores. Assim, casos não descritos neste regulamento deverão ser encaminhados para o Colegiado de Curso de Educação Física.

Anexo f - regulamento das atividades de extensão

As considerações conceituais acima, somadas aos dispositivos da resolução UEMG/COEPE nº 287/2021, da Resolução CNE 04/2024 e ainda às especificidades do curso e da própria instituição, resultaram na organização e nos critérios que apresentamos abaixo.

Art. 1º- O/A aluno/a deverá cumprir 390 horas em atividades de extensão em projetos e programas e 150 horas em disciplinas.

Art. 2º- As atividades serão ofertadas sob a forma de projetos, programas, eventos, cursos e oficinas ou prestação de serviço. Para o FORPROEX, (2007, p. 35-41)

- Programa é entendido como um “Conjunto articulado de projetos e outras ações de extensão, preferencialmente integrando as ações de extensão, pesquisa e ensino. Tem caráter orgânico-institucional, clareza de diretrizes e orientação para um objetivo comum, sendo executado a médio e longo prazo”.

- Projeto é entendido como uma “Ação processual e contínua, de caráter educativo, social, cultural, científico ou tecnológico, com objetivo específico e prazo determinado”. O projeto pode ser vinculado a um programa (forma preferencial) ou não vinculado (projeto isolado).

- Cursos de extensão são caracterizados como uma “Ação pedagógica, de caráter teórico e/ou prático, presencial ou a distância, planejada e organizada de modo sistemático, com carga horária mínima de 8 horas e critérios de avaliação definidos”. Os cursos devem ser entendidos como uma Salientamos que a prestação de serviços demanda o cuidado das Universidades na construção destas ações para que não se tornem assistencialistas ou acessórias.

A classificação e definição mais detalhada das ações de extensão e os critérios para avaliação das mesmas pode ser encontrada neste documento.

Das formas de ampliação do acesso ao conhecimento produzido pela universidade.

- Evento é caracterizado como uma “Ação que implica na apresentação e/ ou exibição pública, livre ou com clientela específica, do conhecimento ou produto cultural, artístico, esportivo, científico e tecnológico desenvolvido, conservado ou reconhecido pela Universidade.

- Prestação de serviços pode ser compreendida como “realização de trabalho oferecido pela instituição de ensino superior ou contratado por terceiros. Caracteriza-se por intangibilidade; inseparabilidade processo/produto; e não resulta na posse de bem”.

Art. 3º- A carga horária será distribuída de forma articulada entre disciplinas que ofertam atividades programadas com caráter extensionista e em projetos e programas de extensão oferecidos na UEMG da seguinte forma:

CH a ser cumprida em disciplinas: até 150h

CH a ser cumprida em projetos e programas de extensão: mínimo 390 h. As disciplinas que oferecem atividades extensionistas e suas respectivas cargas horárias estão descritas no quadro abaixo:

Quadro 1 – Carga horária de atividades extensionistas por disciplina

Período	Disciplinas com atividades extensionista	C/H extensionista
1	Jogos, Brinquedos e Brincadeiras	15h
2	Ensino das práticas de Esportes 1 - Esportes de marcas, técnico-combinatórios e precisão ou alvo	15h
3	Ensino da capoeira	15h
	Estudos do Lazer	15h
4	Ensino das danças	15h
5	Ensino das lutas	15h
	Ensino das Ginásticas	15h
7	Ensino do Esportes 2 - Esporte de combate, de campo e taco, de rede e parede.	15h
7	Educação física, cultura afrobrasileira e indígena	15h
7	Encontro de Saberes e educação física escolar	15h
TOTAL		150 h

Art. 4º- A creditação da carga horária extensionista das disciplinas para os/as alunos/as está vinculada à aprovação na disciplina e à avaliação do professor responsável. A dispensa da disciplina não integraliza os créditos extensionistas para a formação.

Art. 5º- A carga horária creditada ao/a aluno/a pela participação em projetos e programas da Universidade será equivalente à 100 horas por semestre (totalizando 200 horas anuais) e está condicionada à participação, frequência e permanência do estudante durante todas as etapas dos projetos.

Art. 6º -Os projetos que aceitam alunos semestralmente devem ser cadastrados no Siga ao início de cada semestre letivo com a data de início e fim das atividades. Os projetos anuais devem ser cadastrados somente no início do primeiro semestre letivo

Art. 7º - Cabe ao professor responsável pelo projeto informar ao aluno extensionista as datas de início e fim das atividades e sua respectiva creditação.

Art. 8º- Cabe ao curso criar mecanismos de divulgação dos programas e projetos disponíveis, bem como suas respectivas cargas horárias para os/as estudantes.

Art. 9º- O/A aluno/a poderá se organizar de forma autônoma para o cumprimento de suas atividades de extensão.

Quadro 2 - Distribuição da carga horária de extensão por período letivo

Período	Componentes Curriculares Componentes Curriculares Extensionistas	C/H Disciplinas	C/H Projetos
1º	Disciplina Jogos, brinquedos e brincadeiras Participação em projetos e programas de extensão	15	
	Participação em projetos e programas de extensão		60h
2º	Ensino das práticas de Esportes 1 - Esportes de marcas, técnico-combinatórios e precisão ou alvo Participação em projetos e programas de extensão	15	45h
3º	Disciplina Estudos do lazer	15	

	Participação em projetos e programas de extensão		45h
	Ensino da Capoeira	15	
4ª	Disciplina Danças	15	
	Participação em projetos e programas de extensão		45h
5º	Ensino das Ginásticas	15	
	Ensino das lutas	15	
	Participação em projetos e programas de extensão		60h
6º	Participação em projetos e programas de extensão		60h
7º	Ensino do Esportes 2 - Esporte de combate, de campo e taco, de rede e parede.	15	
	Educação física, cultura afrobrasileira e indígena	15	
	Encontro de Saberes e educação física escolar	15	
	Participação em projetos e programas de extensão		75h
Total por componente curricular		150 h	390h

Art. 10º- Todas as atividades extensionistas deverão ser registradas no SIGA, pelo/a professor/a responsável e aprovadas pelo Departamento de origem.

Art. 11º- Para efeito do cumprimento da carga horária da atividade de extensão pelo/a estudante serão consideradas somente as atividades supervisionadas e validadas por docente responsável.

Art. 12º- Participação em atividades de extensão externas, oferecidas por outras universidades, poderão ser creditadas, desde que haja um/a professor/a do curso como orientador/a do/a aluno/a e haja uma parceria formalizada entre a referida instituição e a UEMG.

Art. 13º- A realização de atividades de extensão pelo/a estudante deve implicar sua participação ativa no processo de planejamento, execução e avaliação.

Art. 14º- A comprovação do cumprimento integral da carga horária de atividades de Extensão é requisito para conclusão do curso de graduação.

Art. 15º- O registro do cumprimento da carga horária das atividades de extensão será realizado a qualquer tempo, dentro do período letivo, no histórico escolar do/a estudante, mediante a apresentação de comprovação das atividades realizadas. Tal documentação será validada por um/a professor/a do curso, com encargos didáticos garantidos pelo DCMH.

Art. 16º- Todas as questões referentes às atividades extensionistas, não citadas nesse documento, serão analisadas pelo colegiado do curso.